

Ministério da Agricultura e Pecuária  
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

# AGRO INSIGHT

FEVEREIRO - 25

UM MUNDO DE OPORTUNIDADES

ORIGEM: VEGETAL

MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA  
E PECUÁRIA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

## SUMÁRIO

1. África do Sul .....	4
2. Alemanha .....	09
3. Angola .....	16
4. Arábia Saudita .....	19
5. Argélia .....	23
6. Argentina .....	27
7. Austrália .....	29
8. Bangladesh .....	37
9. Canadá .....	41
10. Chile .....	44
11. China .....	48
12. Colômbia .....	62
13. Coreia do Sul .....	65
14. Costa Rica .....	69
15. Egito .....	74
16. Emirados Árabes Unidos .....	84
17. Estados Unidos .....	89
18. Etiópia .....	94
19. Filipinas .....	103
20. Índia .....	118
21. Indonésia .....	124
22. Irã .....	127
23. Itália - FAO.....	131
24. Japão .....	134

# AGROINSIGHT

Informações de mercado no agro global

Ministério da Agricultura e Pecuária  
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

25. Malásia .....	139
26. Marrocos .....	147
27. México .....	150
28. Nigéria .....	153
29. Peru .....	156
30. Reino Unido .....	160
31. Rússia .....	163
32. Singapura .....	166
33. Tailândia .....	169
34. Turquia .....	181
35. União Europeia .....	185
36. Vietnã .....	189

## ÁFRICA DO SUL



4

### ANÁLISE DO MERCADO DE ARROZ NA ÁFRICA DO SUL

**Número:** PRE-03-2025

**Data:** 30/01/2025

**Posto:** Pretória/África do Sul

**Palavras-chave:** Arroz, África do Sul, Tailândia.

**Responsável:** Carlos Vitor Müller – Adido Agrícola

**SUMÁRIO:** A África do Sul depende quase inteiramente das importações de arroz para atender à sua demanda interna, com um consumo per capita de 15 kg por ano, totalizando 900.000 toneladas anuais. Em 2023, o país importou 1,2 milhões de toneladas de arroz, principalmente da Tailândia (73%) e da Índia (20,5%), sem aplicar tarifas de importação. As importações, que também são reexportadas para países vizinhos, aumentaram 20% em relação a 2022. O arroz beneficiado representa 99% das importações. Oportunidades para exportadores brasileiros dependem da capacidade de atender às preferências locais e aproveitar momentos de restrição de exportações de outros países.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



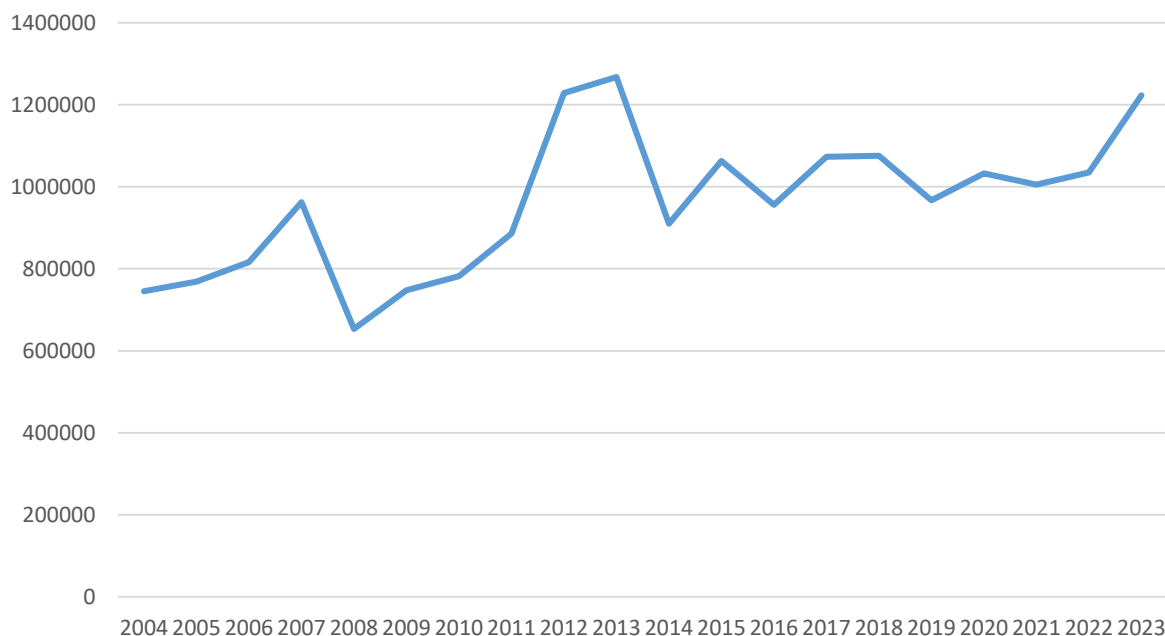
5

A África do Sul não possui cultivos relevantes de arroz, dependendo quase que inteiramente das importações do produto para atender a sua grande demanda interna.

O consumo per capita de arroz no país é de 15kg/habitante gerando um consumo total de 900.000 toneladas por ano. A grande comunidade de origem indiana acaba por influenciar o hábito de consumo local, que dá preferência ao arroz de variedades aromáticas como o Basmati e de grãos longos e finos.

Em 2023 foram importadas 1,2 milhões de toneladas do produto, primeiro no ranking de importações de produtos agrícolas à frente de trigo e carne de aves. Este volume, que se mantinha razoavelmente estável na última década teve um notável avanço em 2023, na casa de 20% em relação a 2022. Estas importações, além de se destinarem ao mercado interno também acabam reexportadas para países vizinhos como Botsuana, Zimbábue e Namíbia. O principal produto importado é o arroz beneficiado (SH 100630) que corresponde a 99% do total importado, arroz quebrado e arroz com casca completam as importações.

Gráfico: Importações de arroz da África do Sul por ano em toneladas.



Fonte: UN TradeMap.

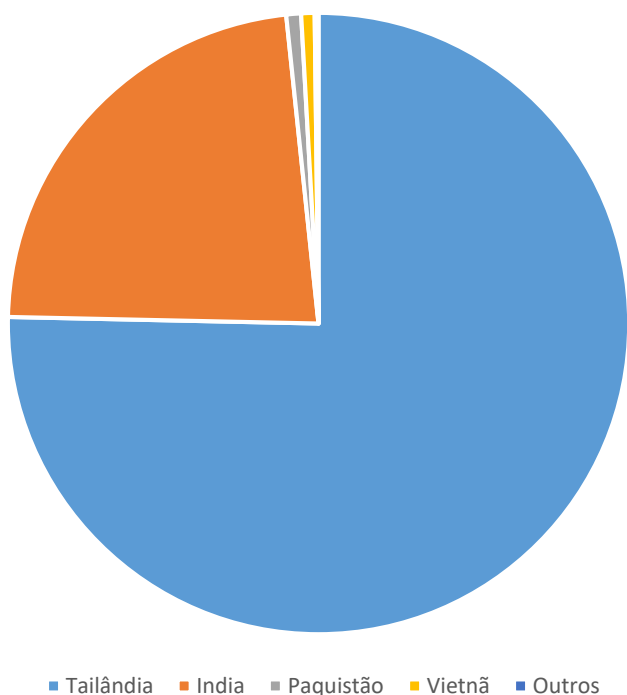




6

O país, devido a sua dependência do mercado externo, não aplica tarifas de importação ao arroz importado de todas as origens. A Tailândia domina o mercado local com 73% do total importado, em segundo lugar a Índia corresponde a 20,5% do mercado, Paquistão e Vietnã também figuram em valores bem inferiores com cerca de 2% do total importado.

Gráfico: Principais fornecedores de arroz para a África do Sul (Em quantidades).



Fonte: UN Trade Map.

O valor médio das importações em 2023 foi de US\$ 518 por tonelada, notavelmente as importações da Índia possuíram o menor valor médio, de US\$ 475 por tonelada.

Neste contexto as oportunidades para as exportações de arroz brasileiro dependem da capacidade do país em atender às preferências do mercado sul-africano. Há também momentos oportunos para a exportação quando importantes players como a Índia promovem políticas de restrição de suas exportações em momentos de alta dos preços internos, para aproveitar estas janelas de oportunidade o exportador deve contar com contatos já estabelecidos em seu mercado-alvo.

## Potenciais importadores:

Na tabela abaixo são listados potenciais importadores e distribuidores de arroz na África do Sul. Cabe ressaltar que se trata de uma lista meramente exemplificativa, que pode variar conforme a localidade e as dinâmicas dos mercados, não representando qualquer tipo de indicação, endosso ou recomendação da adidância.



7

Nome da Companhia	Atividade	Nome do Contato	Telefone	E-mail
Tony NC Import & Export (Pty) Ltd	Importador	Anthony Chukwuemeka - Managing Director	+27614515299 +27832069842	tncsaa@yahoo.co.za
Tastic Rice (Durban) (Legal Name: Tiger Consumer Brands Ltd)	Importador/ Distribuidor	Jeeva Ruben - Unit Manager	+27314514800	jeeva.reuben@tigerbrands.com
Industrial Commodities Holdings (Pty) Ltd	Importador	Heinrich van Wyk - Managing Director	+27118805200 +27833774984	heinrich@ich.co.za
Entreshar Enterprises (SA) (Pty) Ltd	Importador	Gillian Williams - Managing Director	+27118860240 +27833263717	gillian@entreshar.co.za
Atlas Trading Company (Pty) Ltd	Importador/ Distribuidor	Wahab Ahmed - Director	+27214234361 +27829551421	atlastrading@telkomsa.net
Akila Trading (Pty) Ltd	Importador	Albie van Niekerk - General Manager	+27215917030 +27834074299	findept@akilagroup.com - operations@akilagroup.com
Bongani Zipho Primary Co-Operative Limited	Comércio	Nozipho Phewa - Managing Director	+27760607715	phewanozipho4@gmail.com
Checkmate Distribution (Pty) Ltd	Comércio	Jonathan Matshavha - Managing Director	+27118390995 +27794969844	matshavhaj@telkomsa.net
Edgemead Superspar (Legal Name: Gratima 146 CC)	Comércio	George Lymberoupolos - Managing Member	+27215580120 +27825570120	edgemead2@retail.spar.co.za
Emandleni Trading Store	Comércio	Eugene Dube - Sole Proprietor	+27824521982	
Engcobo Spar (Legal Name: Kwankenke Trading CC)	Distribuidor	John Kairuz - Joint Managing Member	+27437321548 +27824959152	engspar@absamail.co.za
Food-O-Rama Supermarket	Comércio	Majied Gaffoor - Partner	+27218622700 +27827878647	foodorama@mweb.co.za
Foodzone (Legal Name: The Buying Exchange Company (Pty) Ltd)	Comércio	Leon Volschenk - Managing Director	+27114555266 +278341173739	marketing@foodzone.co.za
GD Wholesalers (Pty) Ltd	Comércio	Ramesh Daya - Managing Director	+27177121307 +27825542580	rameshsa019@yahoo.com
Gourmet Catering Suppliers (Legal Name: GCS Wholesale Merchants CC)	Comércio	Anil Harripersadh - Member	+27315792422 +27824482073	sharon1@webmail.co.za
Hypercheck Supermarket (Legal Name: Hypercheck (Pty) Ltd)	Comércio	Raffi Abdoola - Managing Director	+27313045786 +27837786865	hypercheck@iafrica.com - raffi@hypercheck.co.za
Johnny Bags (Pty) Ltd	Distribuidor	Dale Fletcher - Director	+27414660715 +27828580332	orders@johnnybags.co.za
Kerston Foods CC	Distribuidor	Donovan Ramsay - General Manager	+27215517258 +27833092558	sales@kerstonfoods.com
Koffiefontein Groothandel CC	Comércio	Juanita Grobler - General Manager	+27532051193 +27826407569	saveritekoffiefontein@gmail.com
Lou's Wholesalers (Pty) Ltd	Comércio	Ed Webster - Managing Director	+27114792600 +27827728226	ingrid.els@bidfood.co.za
On Stop Cash & Carry (Legal Name: Interactive Trading 326 CC)	Comércio	Mahomed Peer	+27364481703	mahomedpeer@yahoo.com
Osman's Spice Works CC	Distribuidor	Nazreen Osman - Chief Executive Officer	+27314651611	info@osw.co.za
Pick & Save (Legal Name: Spring Lights 1088 CC)	Comércio	Imran Abdulah - Managing Member	+27475648339	picksave@telkomsa.net
Plein Street Distributors	Distribuidor	Ismail Abba - Sole Proprietor	+27145380401 +27822544082	abbas-psd@webmail.co.za

# AGROINSIGHT

Informações de mercado no agro global

Ministério da Agricultura e Pecuária  
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

<b>Polokwane Wholesalers CC</b>	Distribuidor	Dawood Tayob - Managing Member	+27152972232	pwsl@mwwweb.co.za
<b>Premier Foods (Pty) Ltd (Empangeni Depot)</b>	Distribuidor	Irshik Bhartu - Depot Manager	+27357725526	irshik.bhartu@premierfoods.com
<b>Rialto Foods (Pty) Ltd</b>	Importador	Mickey Michele - Joint managing Director	+27215552160	info@rialtofoods.co.za
<b>Rice-Tic South Africa CC</b>	Importador/ Distribuidor	Ryan Brinkhuis - General Manager	+27215110806 +27732128870	info@ricetic.co.za
<b>SA Rice Mills (Pty) Ltd</b>	Comércio	Dave Brown - Joint Managing Member	+27119764723 +27828990111	dave@saricemills.co.za
<b>SN Gasolo Trading &amp; Projects (Pty) Ltd</b>	Comércio	Sandile Khambule - Managing Director	+27792416386	sngasolo@mailbox.co.za - sandile.khambule@gmail.com
<b>Suncat Catering Supplies CC</b>	Distribuidor	Poobendra Naidoo - General Manager	+27315009237	admin@suncat.co.za
<b>Swift Express &amp; Waterhouse CC</b>	Distribuidor	Lisa Pillay - Managing Member	+27123276797 +27828212941	swift.xpress1@gmail.com
<b>Tanduri Supermarket CC</b>	Comércio	Zaid Moola - Managing Member	+27366332950	countdown@telkomsa.net
<b>TFS Wholesalers Ladysmith Trust</b>	Comércio	Imraan Ebrahim - Group Financial Manager	+27366377868	tfs@saol.com - imraanbucksh@yahoo.com
<b>Tiger Milling (Pietermaritzburg) (Legal Name: Tiger Consumer Brands Ltd)</b>	Comércio	Avinesh Anooklaal - Managing Accountant	+27333970226 +27835564282	avinesh.anooklaal@tigerbrands.com
<b>Trend Sales &amp; Marketing (George) (Pty) Ltd</b>	Distribuidor	Theo Hunter - Managing Director	+27448743556	admintrend@telkomsa.net - th@telkomsa.net
<b>Varro's Trading &amp; Projects (Pty) Ltd</b>	Comércio	Lebogang Poto - Managing Director	+27761026344	kabelosp@yahoo.com



8

MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA  
E PECUÁRIA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

## ALEMANHA



### PROTEÍNA VEGETAL– UM MERCADO EM EXPANSÃO

**Número:** BERLIM - 02-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** BERLIM/ALEMANHA

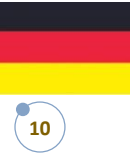
**Palavras-chave:** Carnes suína e bovina. Febre aftosa.

**Responsável:** Eduardo Sampaio Marques

**SUMÁRIO:** O consumo de preparações veganas e outros substitutos de carne está crescendo na Alemanha, impulsionado por mudanças nos hábitos alimentares devido a preocupações ambientais e éticas. O mercado de proteínas vegetais, que pode alcançar 23 bilhões de Euros até 2045, já inclui versões veganas de clássicos da culinária alemã e é apoiado por grandes redes de varejo. Enquanto a demanda por proteínas vegetais aumenta, a produção e o consumo de carne estão em declínio. Este cenário abre oportunidades para o setor agrícola e a indústria alimentícia brasileira, especialmente na exportação de leguminosas e na produção de alimentos veganos e vegetarianos. As tecnologias e maquinários usados nessa indústria também apresentam potenciais nichos de mercado.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





Atualmente, salsichas veganas são cada vez mais comuns nas lancheiras das crianças e nos tradicionais churrascos de verão na Alemanha. O fenômeno reflete mudanças nos hábitos alimentares do país, impulsionadas por preocupações ambientais e éticas em relação ao consumo de carne. O mercado de substitutos de carne à base de vegetais cresce rapidamente e já inclui versões de clássicos da culinária alemã, como a Bratwurst (salsicha grelhada), Frikadellen (almôndegas) e Schnitzel (filé de suíno empanado).

Grandes redes de supermercados ampliaram suas ofertas de produtos veganos e vegetarianos. Elaborados a partir de ingredientes como ervilha, soja, proteína de trigo (seitan) ou lentilha, esses produtos atendem à crescente demanda por alternativas à carne, variando de composições in natura, pouco processadas, como o tofu, a linhas de ultraprocessados, incluindo embutidos e alimentos congelados.

Segundo um estudo da consultoria Systemiq (2025), com investimentos e apoio do setor público o país pode se tornar referência global na diversificação de proteínas vegetais e fermentadas, um mercado de 23 bilhões de Euros, o que representaria 10% do faturamento da indústria alimentícia alemã.

Em 2024, o ministro da Alimentação e Agricultura da Alemanha, Cem Özdemir, destacou que essa mudança não se deve apenas ao crescimento do vegetarianismo e veganismo, mas também à ascensão dos “flexitarianos” – pessoas que reduzem o consumo de carne de forma consciente.

Ao mesmo tempo que a demanda por proteínas vegetais cresce, a produção e o consumo de carnes diminuem na Alemanha. Entre 2010 e 2020, quase metade das granjas de suínos fecharam e o governo defende reduzir a criação de animais em prol de melhores condições de produção.

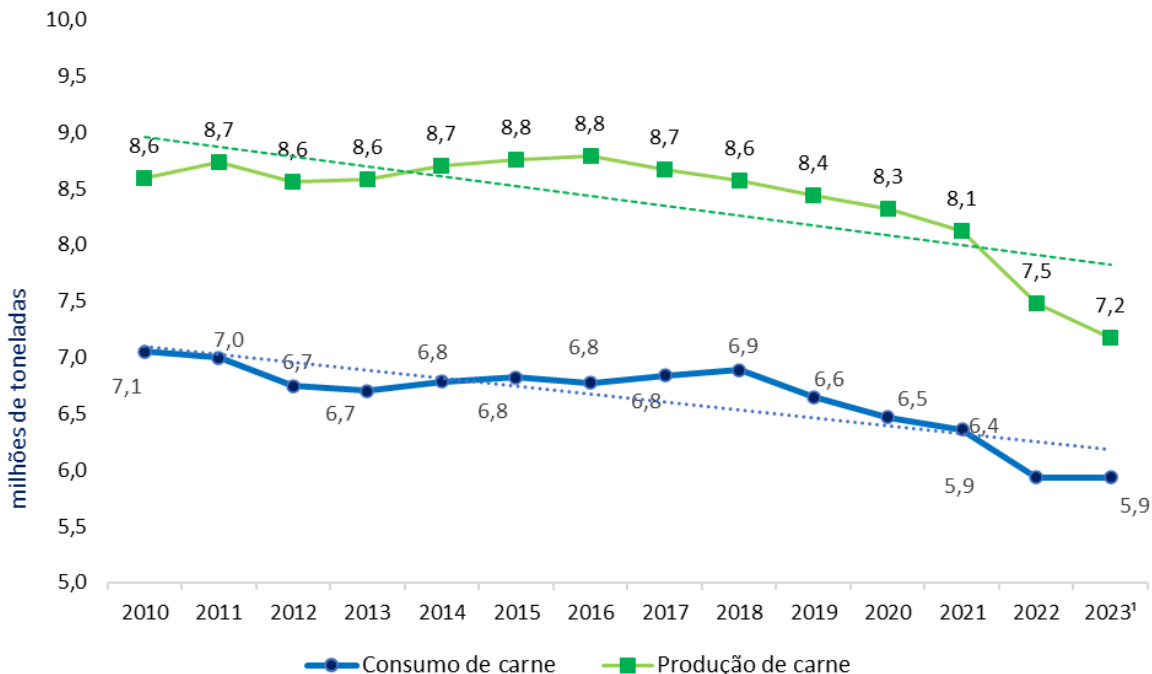
Diante da relevância desse mercado, da importância da Alemanha como impulsionadora da transição para sistemas alimentares mais sustentáveis, e da influência do país na UE, compreender os impactos e oportunidades desse movimento é estratégico para o setor agrícola e a indústria de alimentos do Brasil.

## Produção e consumo de vegetais proteicos e substitutos de carne na Alemanha

Desde 2015, a produção de carne na Alemanha tem seguido uma tendência de queda. Entre 2013 e 2023, a produção bruta nacional registrou uma redução de 16%, enquanto o consumo caiu 11,5% (incluindo carne suína, bovina, de aves e outras). Esse declínio foi impulsionado principalmente pela menor oferta de carnes suína e bovina, cujas produções caíram 24% e 10%, respectivamente. Por outro lado, a produção de aves teve um aumento de 4% no período.



Figura 1 – Consumo e produção de carne na Alemanha de 2010 a 2023



Fonte: Ministério Federal de Agricultura e Alimentação; Escritório Federal de Estatística; Instituto Thünen; Associação Alemã de Caça (2024). <sup>1</sup>preliminar

## Produção e consumo de proteína vegetal e preparações vegetarianas

Uma pesquisa comissionada pelo Ministério da Alimentação e Agricultura da Alemanha (2024) revelou que 39% dos entrevistados consumiam produtos alternativos de origem vegetal. Em apenas quatro anos, entre 2019 e 2023, a produção desses alimentos dobrou (Figura 2). O valor de produção em 2023 foi de 583 milhões de euros (Figura 2).

O estudo da consultoria Systemiq, mencionado, aponta que, até 2045, esse mercado pode alcançar 8 bilhões e 23 bilhões de Euros em cenários conservador e otimista, respectivamente, gerando 115 mil e 250 mil empregos. Esse valor representaria cerca de 10% do faturamento da indústria alimentícia do país.

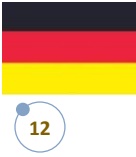
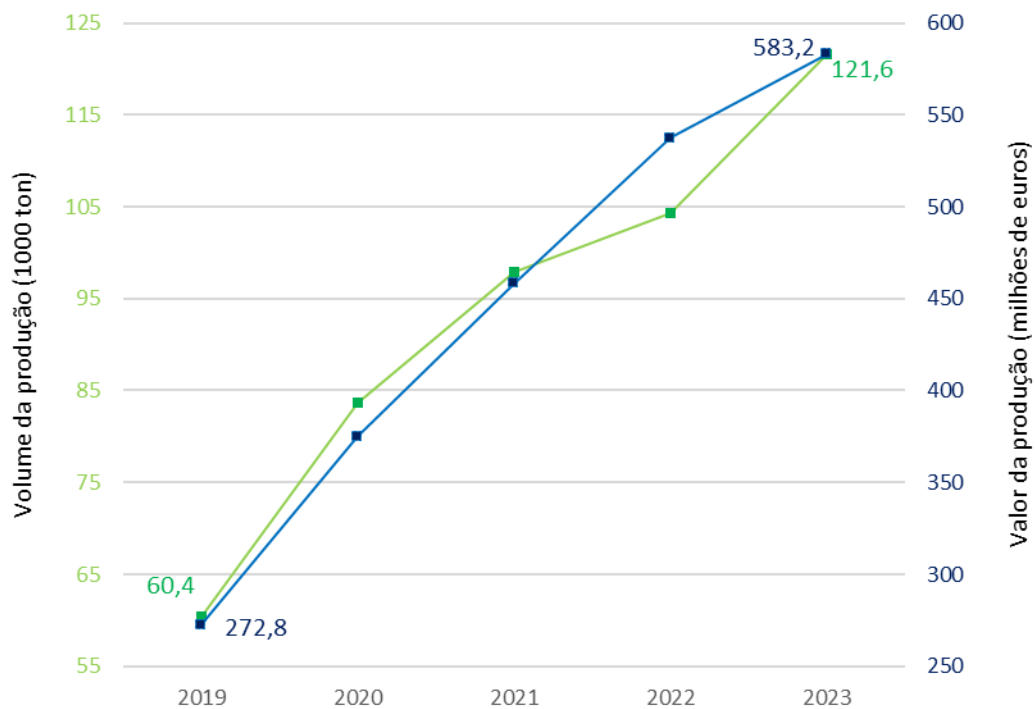


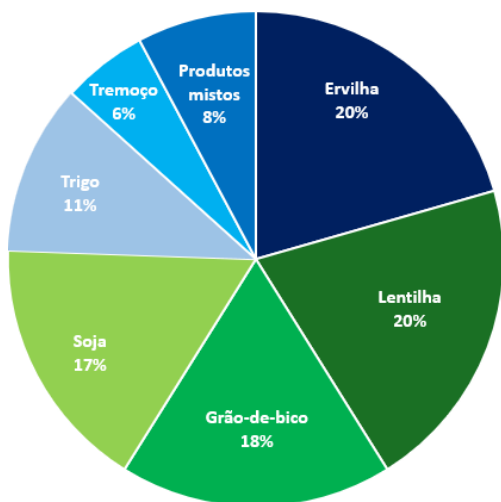
Figura 2 - Volume e valor da produção de preparações alimentares vegetarianas e veganas na Alemanha



Fonte: Statistisches Bundesamt, 2024

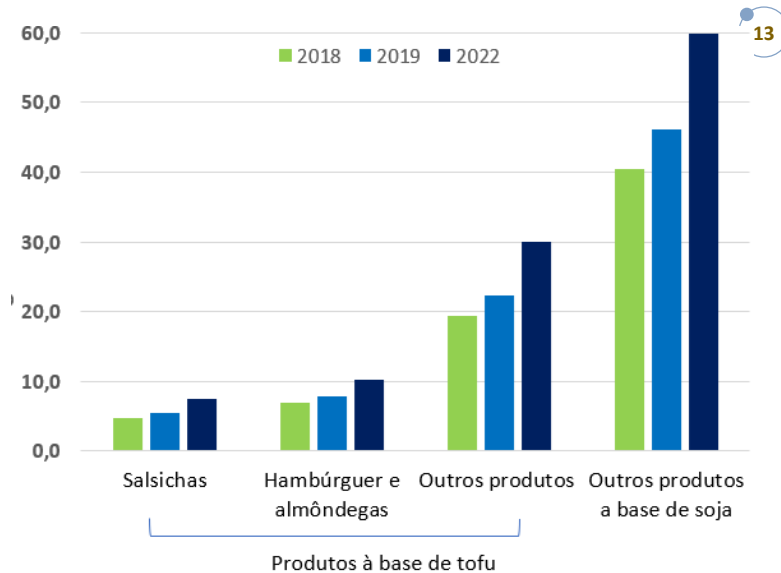
A diversidade de alimentos disponíveis (Fig. 3, 4 e 5) mostra um potencial para o comércio internacional de leguminosas em grãos, farelos, fermentados, processados e outras bases proteicas, além de matérias-primas não proteicas usadas na composição de tais substitutos. Um exemplo é a fibra de caju, subproduto abundante no Brasil onde já é utilizado como base para preparações veganas.

Figura 3 - Vegetais proteicos preferidos como substitutos à carne



Fonte: YouGov; LZ, 2022

Figura 4 - Vendas de produtos substitutos de carne feitos de tofu na Alemanha por tipo de produto de 2018 -2022.



Fonte: Global Data Basel; Statista, 2023

Em 2024, o Rewe, um dos principais grupos de varejo da Alemanha, inaugurou em Berlim sua primeira loja totalmente vegana, oferecendo 2.700 produtos (Figura 5). Pesquisas realizadas pela Universidade Martin Luther Halle-Wittenberg, pela Universidade Humboldt, de Berlim, e pela

Figura 5 - Vitrine exclusiva de produtos veganos de um supermercado da rede popular Rewe na Alemanha



2700 pflanzliche Lebensmittel bietet der Markt an Foto: Jörg Bergmann



Universidade Georg August, de Göttingen, indicam uma diminuição na rejeição aos substitutos de carne. Os estudos mostraram que os consumidores mostram maior interesse quando essas alternativas não só replicam o sabor, mas também proporcionam uma economia financeira.



14

**Tabela 1- Importação de leguminosas e outras proteínas entre 2016 e 2023**

Produto	Importação (em milhões dólares)						
	2016	2017	2019	2020	2021	2022	2023
Glúten de trigo	32,2	34,0	49,3	44,1	46,9	46,6	58,7
Leguminosas secas	117,7	127,4	133,8	163,1	172,6	183,4	190,6
Soja grão, farinha e farelo	1.293,8	1.250,8	1.437,5	1.619,2	1.975,7	2.215,5	1.981,8
Proteínas concentradas e texturizadas	37,2	52,9	79,6	92,6	112,8	119,0	159,4
Leguminosas frescas ou congeladas	85,6	94,6	87,6	96,0	101,3	85,8	88,6
<b>Total</b>	<b>1.566,5</b>	<b>1.559,7</b>	<b>1.787,8</b>	<b>2.015,0</b>	<b>2.409,3</b>	<b>2.650,3</b>	<b>2.479,1</b>

Fonte: Trademap, 2025

Verifica-se que, entre 2016 e 2023 houve um crescimento de 58% nas importações alemãs de fontes de proteína vegetal, mesmo num cenário de redução da produção de carnes – o maior consumidor da soja importada.

De acordo com o Escritório Federal de Estatísticas da Alemanha, o número de empresas que produzem esses produtos na Alemanha também está aumentando, de 51 em 2022 para 67 em 2023.

Vale destacar também o potencial representado pelas tecnologias de produção e pelos equipamentos envolvidos na fabricação desses alimentos.

O consumidor alemão valoriza atributos que diferenciem os produtos, como orgânicos, não transgênicos, “sustentáveis” e similares, porém, e talvez mais do que consumidores de outros países europeus, confere especial importância ao custo-benefício na tomada de decisão buscando alinhar qualidade e valor.



## Conclusão

A crescente demanda por proteínas vegetais e preparações veganas na Alemanha representa uma oportunidade para o setor privado brasileiro. Há um mercado promissor, não apenas para a comercialização de leguminosas e alimentos minimamente processados ou prontos, mas também para o fornecimento de outras matérias-primas essenciais na formulação desses produtos. Além disso, as tecnologias e maquinários utilizados nessa indústria representam segmento a ser explorado.

Para atender a esse mercado em expansão, é essencial compreender as exigências do consumidor alemão, priorizando produtos diferenciados. O Brasil, como grande fornecedor de produtos do agronegócio, pode se posicionar de forma competitiva.



15



## ANGOLA



16

### TRIGO EM ANGOLA: DA FARINHA AO GRÃO

**Número:** LUA-02-2015

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** Luanda/Angola

**Palavras-chave:** Maçã. Angola.

**Responsável:** José Guilherme Tollstadius Leal

**SUMÁRIO:** Com mercado de 600 mil toneladas (US\$ 370 milhões) de trigo para industrialização, Angola reduziu nos últimos anos a importação de farinhas de trigo e priorizou o processamento interno, aumentando a demanda por grão de trigo.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



A farinha de trigo faz parte da relação de bens alimentares essenciais (cesta básica) de Angola, com demanda interna estimada em 700 mil toneladas/ano.

A indústria de massas alimentícias, o setor de panificação e o consumo das famílias nas residências, são os principais demandadores de farinha de trigo.

Nos últimos anos, o Governo de Angola tem incentivado a indústria de alimentos no país. Verifica-se redução nas importações de farinha de trigo e aumento do ingresso do trigo para processamento nos moinhos locais.

A produção agrícola de trigo em Angola ainda é pequena, 21 mil toneladas (safra 2022/2023), com baixa produtividade (1,3 toneladas/hectare).

## DESENVOLVIMENTO

O mercado de farinha de trigo, bem alimentar essencial em Angola, era suprido principalmente pela importação.

Visando incentivar a produção local e reduzir as importações, o Governo de Angola lançou em 2018 o Programa de Apoio à Produção, Diversificação das Exportações e Substituição das Importações – PRODESI. Apoiar o desenvolvimento da indústria de farinha de trigo e de milho, está no escopo do PRODESI.

Outras medidas também foram adotadas, como restrição das licenças de importação para farinha de trigo e aumento da tarifa de importação. A pauta aduaneira de Angola, que foi atualizada pelo Decreto Legislativo Presidencial nº 01/24, mantém o trigo (grão) livre de direitos de importação, mas impõe à farinha de trigo importada tarifa de 50%.



O crescimento da produção interna de farinha de trigo, aumentou a demanda por trigo para processamento, visto que a produção de trigo na agricultura em Angola ainda é pequena. Houve redução da quantidade de farinha de trigo importada.

Em 2018, a quantidade de farinha importada (213 mil toneladas) era superior à de trigo em grão (206 mil toneladas). Já em 2023, a quantidade

importada de trigo para processamento foi muito maior do que de farinha, conforme Gráfico 1.

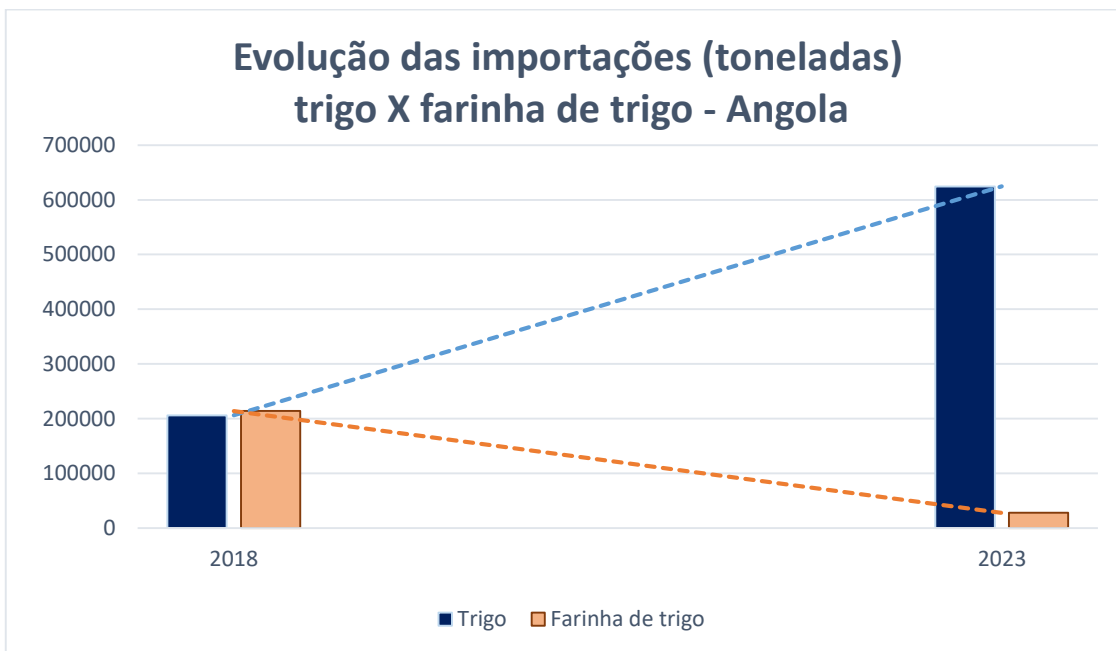


Gráfico 1

Segundo a Associação de Produtores de Farinha de Trigo de Angola (APFTA), o país conta com 10 moageiras, que apresentam capacidade de produção de 1,3 milhões de toneladas por ano de farinha.

Em 2023, Angola importou 624 mil toneladas de trigo, correspondendo a US\$ 376 milhões. Os principais países fornecedores foram Polônia, França e Rússia.

## CONCLUSÃO

O mercado de Angola para farinha de trigo importada foi muito reduzido, com aumento da produção interna.

A demanda das moageiras angolanas por trigo para processamento aumentou a necessidade de importação do grão.

O Brasil chegou a exportar US\$ 33 milhões de trigo para Angola em 2022. Mas o produto brasileiro não aparece com frequência no abastecimento do mercado angolano.

Considerando que a produção brasileira de trigo vem crescendo a cada ano, com estimativas de que o Brasil poderá produzir quantidade suficiente para atendimento da demanda doméstica no médio prazo, o mercado de Angola pode ser olhado como um dos destinos para exportação do trigo brasileiro.





## ARÁBIA SAUDITA

### AÇÚCAR DO BRASIL DOMINA AS EXPORTAÇÕES À ARÁBIA SAUDITA NESSE SEGMENTO E TEM CAPACIDADE PARA AUMENTAR SUA PARTICIPAÇÃO

**Número:** RIADE-04-2025

**Data:** 12/02/2025

**Posto:** RIADE/ARÁBIA SAUDITA.

**Palavras-chave:** açúcar; Brasil; potencial; mercado saudita

**Responsável:** Adriano Perrelli Pestana de Castro.

**SUMÁRIO:** O Brasil vem liderando as exportações de açúcar, nos últimos anos, ao Reino da Arábia Saudita no comércio internacional. Em 2023, o Brasil exportou valores próximos de US\$ 878 milhões de açúcar ao mercado saudita, sendo uma participação de 92% nas importações do Reino, seguido pela Índia com 6%. A Arábia Saudita importa açúcar devido à alta demanda interna e à produção limitada no país, exacerbada por condições climáticas desfavoráveis e escassez de recursos hídricos. A suspensão das exportações de açúcar pela Índia em 2023/24, motivada pela redução da produção e controle de preços, impactou os países árabes dependentes do açúcar indiano, levando a um aumento nas exportações brasileiras para a região, especialmente para a Arábia Saudita. O Brasil, que já lidera as exportações para o país, se destaca como a principal alternativa para suprir a demanda, com potencial para aumentar suas exportações em até um terço, conforme indicado pelo sistema ITC *Export Potential Map*.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



## Importações sauditas no comércio internacional de açúcar:

As importações sauditas de açúcar apresentam um crescimento contínuo, em valores, desde 2019 no comércio internacional (Tabela 1).

Em 2023, a Arábia Saudita importou aproximadamente US\$ 1 bilhão de açúcar, sendo o Brasil como o principal exportador desse produto ao mercado saudita, seguido pela Índia.

Obs: Dados do ano de 2024 das Importações da Arábia Saudita ainda não disponíveis no sistema ITC trademap.

Exporters	Imported value in 2019	Imported value in 2020	Imported value in 2021	Imported value in 2022	Imported value in 2023
World	425426	489957	728007	945871	1046576
Brazil	330808	399625	499837	587841	960716
India	36172	49535	205762	343458	63861
Egypt	3801	3	6	83	6281
Pakistan	258	122	9	3	3650
United Arab Emirates	20006	15823	2618	1600	2443
Thailand	2268	1237	516	632	1663
Mauritius	856	1402	2225	2776	1447
United States of America	910	852	1017	2021	1389

Tabela 1. Importações da Arábia Saudita de açúcar, em valores, de 2019 a 2023 (Fonte: ITC trademap).

## Participação brasileira no mercado saudita – açúcar:

Em relação à Arábia Saudita, nota-se que o Brasil é o principal exportador do produto ao mercado saudita, com aproximadamente 92% de *market share* nos valores de açúcar importados pelo Reino em 2023, seguido pela Índia com 6% de participação, em valores (Tabela 2).

Exporters	Select your indicators	
	Value imported in 2023 (USD thousand)	Share in Saudi Arabia's imports (%)
World	1046576	100
Brazil	960716	91.8
India	63861	6.1
Egypt	6281	0.6
Pakistan	3650	0.3

Tabela 2. Importações da Arábia Saudita de açúcar, em valores (mil US\$) e participação (%) em 2023 (Fonte: ITC trademap).



Em 2024, as exportações brasileiras de açúcar ao Reino da Arábia Saudita somaram valores próximos a US\$ 878 milhões no comércio internacional (Tabela 3).

Ano	2023		2024	
	Valor (US\$)	Peso (Kg)	Valor (US\$)	Peso (Kg)
<b>Subsetor</b>				
<b>AÇÚCAR DE CANA OU BETERRABA</b>	809,789,405	1,667,093,655	877,628,320	1,884,718,984

Tabela 3. Exportações brasileiras de açúcar à Arábia Saudita e no comércio internacional, em valores (US\$) e quantidades (Kg) – 2023 e 2024 (Fonte: Agrostat).

- No ano de 2024, o açúcar (32%) foi o principal produto AGRO exportado do Brasil ao Reino, com US\$ 877.6 milhões, ante US\$ 809,7 milhões em 2023 (Dados Agrostat), representando uma variação de **8%**.

### Potencial de exportação de açúcar brasileiro ao mercado saudita:

Conforme dados presentes no sistema ITC *Export Potential Map*, o Brasil apresenta potencial não realizado para crescimento das exportações ao mercado saudita de açúcar, segundo informações abaixo (dados retirados do website Export Potential Map em 11/02/2025):

1701XX Cane sugar

**Export potential \$667 mn**

Actual exports \$542 mn

**Unrealized potential remaining \$125 mn**

De acordo com o *Export Potential Map*, o Brasil tem um potencial em valores próximos a US\$ 125 milhões para crescimento das exportações de açúcar à Arábia Saudita. Isto significaria aproximadamente 23% dos valores das exportações reais.

Lembrando que o valor das exportações reais (actual exports) é calculado como uma média aritmética de dados diretos e espelhados ao longo dos últimos cinco anos. Assim como, o potencial realizado (*export potential*) capta até que ponto o potencial de exportação já foi utilizado para este produto, mercado ou fornecedor e que o valor potencial não realizado (*unrealized potential remaining*) sinaliza espaço para o crescimento das exportações conforme diversos fatores.





## Mercado de açúcar na Arábia Saudita e a suspensão das exportações pela Índia em 2023/24:

A Arábia Saudita importa bastante açúcar devido à sua alta demanda interna e à produção limitada do produto no país. A população saudita consome grandes quantidades de açúcar, que é um ingrediente essencial em muitos alimentos e bebidas, especialmente na utilização em doces tradicionais árabes. Além disso, as condições climáticas e a falta de recursos hídricos adequados dificultam a produção de cana de açúcar em larga escala. Por isso, a importação se torna uma solução necessária para atender às necessidades do mercado local.

A suspensão das exportações de açúcar pela Índia em 2023/24 afetou os países árabes dependentes do produto indiano, assim como, resultou em um aumento das exportações de açúcar brasileiro aos países do Oriente Médio, especialmente Arábia Saudita. A proibição – a primeira em sete anos – ocorreu principalmente devido à redução da produção de cana causada pela falta de chuva durante o verão e para controle do preço do produto no mercado interno.

### Considerações:

Em 2024, o açúcar foi o principal produto AGRO exportado do Brasil ao Reino da Arábia Saudita. Nota-se ainda que é o produto agro brasileiro mais demandado na Embaixada do Brasil em Riade para fornecimento de contato de exportadores brasileiros, seguido pela proteína animal.

Vale destacar que o Brasil vem liderando as exportações de açúcar ao Reino nos últimos anos, sendo que a quantidade exportada foi bastante significativa em comparação aos números da Índia, segundo principal fornecedor do produto ao mercado saudita. Praticamente, são os dois únicos exportadores, levando em conta a baixa quantidade de açúcar exportada pelo Egito e Paquistão à Arábia Saudita em 2023 (terceiro e quarto principais exportadores ao Reino, market share aprox. 1%).

Diante da suspensão das exportações de açúcar pela Índia em 2023/24, o Brasil surge como principal opção para exportar o produto aos principais países árabes (Qatar, EAU, Bahrein, Kuwait), assim como, elevar a quantidade exportada à Arábia Saudita, em substituição ao açúcar indiano, caso possua excedente exportável do produto. De acordo com o sistema ITC *Export Potential Map*, o Brasil tem potencial em aumentar aproximadamente em 1/3, em valores, as exportações ao mercado saudita de açúcar.





23

## ARGÉLIA

### O MERCADO DE MILHO

**Número:** ARGEL-02-2025

**Data:** 06/02/2025

**Posto:** Argel/Argélia

**Palavras-chave:** Argélia; exportação; milho

**Responsável:** Luciana Pich Gomes – Adida Agrícola em Argel

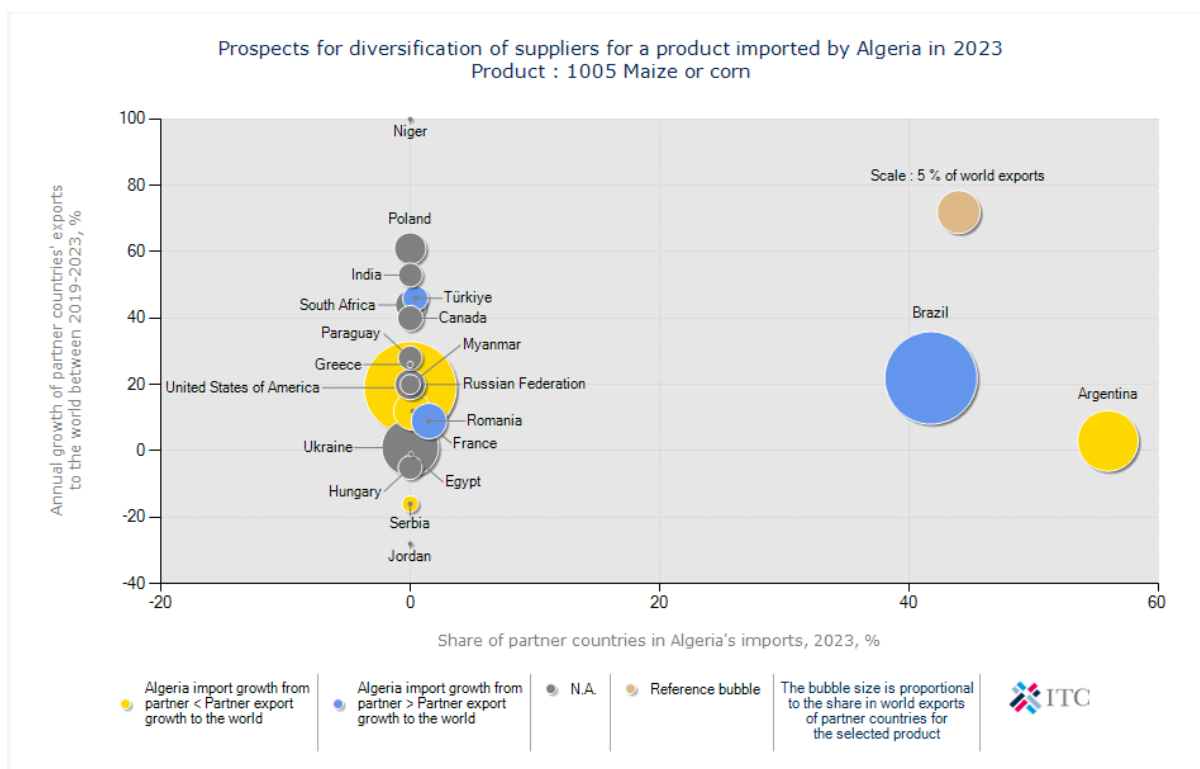
**SUMÁRIO:** Lançamento de licitações internacionais de compra de milho do Brasil e da Argentina e as tentativas do governo argelino de estimular a agricultura nacional e diminuir a dependência de importações de alimentos em um país coberto por deserto.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



A República Argelina Democrática e Popular é o maior país africano em extensão territorial. Dono de grandes reservas de hidrocarbonetos, a economia argelina se baseia na exportação de petróleo, gás natural e fertilizantes, colocando-o em primeiro lugar no Índice de Desenvolvimento Humano na África continental. Entretanto, por grande parte de seu território ser coberto pelo Saara e os desafios inerentes à produção agrícola em regiões desérticas, o país possui produção agropecuária insuficiente para atendimento das demandas internas, o que gera uma alta necessidade de importação.

Um grande exemplo de produtos agrícolas 100% importados é o milho, usado principalmente na avicultura e na engorda do gado argelino. A cada ano, a Argélia importa cerca de 4 milhões de toneladas desse produto, principalmente da Argentina e do Brasil. Dados do TradeMap de 2023 indicam a compra de US\$602 milhões de milho e seus produtos da Argentina e US\$449 milhões do Brasil.



Dia 5 de fevereiro deste ano a ONAB (*Office National des Aliments du Bétail* – ou Escritório Nacional de Alimentação Pecuária em tradução livre) lançou licitações internacionais para a compra de 240.000 toneladas de milho, utilizadas para a fabricação de ração para gado.

De acordo com notícias veiculadas na mídia local, o milho é procurado em um máximo de seis lotes de 30.000 a 40.000 toneladas cada, somente do Brasil ou da Argentina, com prazo para apresentação de propostas de preços para quinta-feira, 6 de fevereiro, e embarque até 15 de março.





Um total de US \$ 3,35 bilhões é gasto anualmente na importação de milho, oleaginosas e óleo bruto. Apenas o milho representa uma soma de US\$ 1,6 bilhão ao ano. Nas granjas avícolas, as rações de milho e farelo de soja representam uma parcela significativa dos custos de produção, tornando seu cultivo estratégico para o país.

Na tentativa de reduzir a dependência das importações e aumentar a segurança alimentar do país, a Argélia tem lançado várias iniciativas desde os anos 2000, como o Plano Nacional de Desenvolvimento Agrícola e Rural (PNDAR) através da política de renovação da economia agrícola e rural. O programa de desenvolvimento de culturas, que terá início em março próximo, prevê o cultivo de 520.000 hectares de milho gorduroso e oleaginosas até 2028.

Para isso, a Argélia estabeleceu o objetivo de atingir um total de 220.000 hectares de milho gordo e uma área de 300.000 ha de oleaginosas até 2028, de acordo com dados fornecidos pelo representante do Ministério da Agricultura. Em março de 2025 pretendem plantar uma área de 30.000 ha de milho gordo, incluindo 8.000 hectares no norte do país e 22.000 hectares no sul.

Várias cooperações estão em andamento no país para o desenvolvimento de sua agricultura. Por exemplo, uma colaboração técnica muito forte desenvolveu-se entre o Ministério da Agricultura e países como a China, a Itália e a Coreia do Sul, que fornecem transferência de tecnologia através de treinamento, mas também através do fortalecimento de equipamentos científicos e técnicos e do desenvolvimento de técnicas para melhorar a produção, produtividade e qualidade dos produtos agrícolas.

## Procedimento de exportação de milho para a Argélia

Os produtores brasileiros de soja e milho destinados à alimentação animal que pretendam exportar esses produtos para o mercado argelino via licitações públicas deverão enviar a documentação abaixo discriminada, em cópias autenticadas pela Embaixada da Argélia em Brasília, para o fim de ser habilitadas em pré-seleção ("shortlisting") de fornecedores da ONAB NUTRITION:

- Material informativo da empresa em francês ou inglês;
- Inscrição na Junta Comercial do estado de sua constituição;
- Natureza jurídica (Ltda;, S.A. etc);
- Três últimas demonstrações financeiras anuais;
- Dados bancários;
- Dados dos representantes legais, com poderes para firmar contratos em nome da empresa.

Os documentos acima arrolados deverão ser enviados por DHL ao seguinte endereço:

ONAB NUTRITION - DIRECTION DES APPROVISIONNEMENTS



## 4 CHEMINS DE KOUBA, GUE DE CONSTANTINE

16050 ALGER, ALGERIE

As importações na Argélia, mesmo as efetuadas por particulares, necessitam de autorização do governo, que regula a origem e quantidade de produto a adentrar o mercado. Os importadores de grãos devem obter autorização fitossanitária do Ministério da Agricultura para importação de milho, soja e farelo de soja. Ostensivamente, essa medida visa evitar que organismos nocivos infestem milho e soja destinados a serem usados na alimentação animal e, em particular, pela *Spodoptera frugiperda*. Para obter a autorização fitossanitária, os importadores também devem apresentar um programa detalhado de importação de grãos para ração para o ano civil ao Ministério da Agricultura. Os importadores devem obter a autorização fitossanitária antes de iniciar o procedimento de importação com uma instituição financeira e outros serviços autorizados, incluindo o país de origem. As autorizações devem conter uma data anterior à do Conhecimento de Embarque (BL). Caso contrário, o produto será rejeitado.



26



## ARGENTINA



27

### REDUÇÃO E ELIMINAÇÃO DOS DIREITOS DE EXPORTAÇÃO ARGENTINOS

**Número:** BUE-02-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** Buenos Aires/Argentina

**Palavras-chave:** Argentina; Imposto PAIS; Porto de Buenos Aires; Hidrovia Paraná

**Responsável:** Andrea Claudia Parrilla – Adida Agrícola em Buenos Aires

**SUMÁRIO:** O governo argentino anunciou uma redução dos direitos de exportação para diferentes produtos agrícolas. Os direitos de exportação ou retenções são um imposto argentino impositivo as exportações e aos bens e serviços. Esse imposto tem sido aplicado desde o século XIX e a Argentina é um dos únicos países do mundo que aplica este imposto de maneira intermitente. Além disso, é o país que mais tributa as exportações do mundo em relação à receita total.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



O Decreto Nº 38/2025, de 25 de janeiro de 2025, que trata dessa medida, entrou em vigor no dia 27 de janeiro de 2025 para todos os exportadores argentinos e, inicialmente, será temporária, com validade até 30 de junho de 2025.

Dentre os vários produtos contemplados por esse Decreto estão incluídos produtos importantes da pauta agrícola argentina, como soja e derivados, trigo, milho, sorgo e girassol.

- **Soja (grão):** redução de 33% para 26%
- **Soja (derivados como farinha e azeite):** redução de 31% para 24,5%
- **Trigo:** redução 12% para 9,5%
- **Milho:** redução de 12% para 9,5%
- **Sorgo:** redução de 2% para 9,5%.
- **Girassol:** redução de 7% para 5,5%

Alguns dos produtos agrícolas argentinos listados, com as referentes porcentagens de redução dos direitos de exportação, são concorrentes do Brasil nas exportações para países terceiros. Portanto, existe a possibilidade de ocorrerem impactos econômicos importantes pela redução dos direitos de exportação na Argentina. Dentre eles, uma próxima safra argentina mais eficiente que a safra anterior e a possibilidade de liquidação dos estoques argentinos de safras anteriores que poderá influenciar no preço internacional das commodities supracitadas.





## AUSTRÁLIA

### MERCADO PARA CASTANHA-DO-BRASIL NA AUSTRÁLIA

**Número:** CAMB-04-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Camberra/Austrália

**Palavras-chave:** Austrália; exportação; castanha-do-brasil; castanha-da-amazônia

**Responsável:** Daniela de Moraes Aviani, Adida Agrícola em Camberra

**SUMÁRIO:** A Austrália é um mercado consolidado para castanhas e nozes, e a castanha-do-brasil, ou castanha-da-amazônia, se destaca pelo seu valor nutricional e imagem de superalimento. O país importa principalmente da Bolívia. Apesar da queda nas importações australianas desde 2023, há espaço para aumentar a participação do Brasil nesse mercado. Para fortalecer a presença da castanha-do-brasil no mercado australiano é essencial atentar para a regularidade de fornecimento. Sugere-se também investir em estratégias promocionais focadas em sua qualidade nutricional e na imagem associada à sustentabilidade socioambiental.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



## Castanhas na Austrália

A Austrália possui o maior consumo per capita de castanhas do mundo e se destaca como um dos principais produtores globais, especialmente em espécies adaptadas às condições climáticas do país. A produção local é diversificada, com destaque para macadâmias (nativas do país, responsável por um quarto da oferta mundial), além de amêndoas e nozes. Mais da metade do volume produzido é destinado à exportação, principalmente para a China.

Mesmo farto e diverso, o mercado interno apresenta oportunidades crescentes para fornecedores estrangeiros (FOTO 1). Embora a Austrália também produza avelãs, pecãs, pistaches e até castanha-de-caju, a oferta doméstica não supre integralmente a demanda, especialmente diante do consumo interno projetado para crescer, em média, 6% ao ano entre 2025 e 2034.

Essa dependência de importações de algumas espécies, aliada à expansão do consumo e ao alto poder aquisitivo dos australianos, torna o país um destino estratégico para exportadores de castanhas. Além disso, a forte rede de distribuição e a valorização de alimentos premium e sustentáveis abrem espaço para produtos diferenciados e de alto valor agregado.

**FOTO 1 - Castanhas ofertadas no varejo da Austrália. Supermercado Woolworths, fev/2025.**





## Castanha-do-brasil: Perfil de Consumo e Panorama das Importações da Austrália

A castanha-do-brasil é encontrada na maioria dos supermercados e nas lojas de varejo da Austrália. Ela é notoriamente conhecida como um superalimento, sendo valorizada por sua riqueza em proteínas, ácidos graxos saudáveis, fibras, selênio e diversos minerais que oferecem múltiplos benefícios à saúde. Seu sabor cremoso e intenso, com notas terrosas e adocicadas, aliado à textura firme e crocante – mas mais macia do que a maioria das outras oleaginosas – tem contribuído para sua crescente popularidade entre os consumidores australianos. Em especial, entre aqueles que priorizam uma alimentação saudável, a castanha-do-brasil se destaca como uma escolha nutritiva, impulsionando o aumento da demanda no mercado.

Os consumidores australianos geralmente adquirem castanhas-do-brasil em embalagens de mix de oleaginosas ou em pacotes contendo apenas castanhas inteiras (amêndoa crua). Em casa, elas são amplamente utilizadas no preparo de diversas receitas, incluindo pratos tailandeses, saladas e opções vegetarianas cruas, além de produtos assados, como pães, muffins, brownies, biscoitos e bolos. Também são incorporadas a pratos doces e salgados, como massas folhadas, molhos para saladas, pesto, sorvetes e gelatos.



Além disso, as castanhas-do-brasil são um ingrediente essencial em tábuas de mix de oleaginosas e porções de trail mix, populares na Austrália como alternativas saudáveis de lanche. Elas também fazem parte do café da manhã, sendo utilizadas em granolas, mueslis, barras de frutas e oleaginosas e barras energéticas. Por fim, seu consumo é expressivo entre adeptos de dietas sem glúten e vegetarianas, que frequentemente excluem outras fontes de selênio, como grãos integrais e carnes.

A Austrália importa castanha-do-brasil na forma de amêndoas descascadas e secas (HS 080122). Os principais fornecedores são Brasil, Bolívia e Peru.

Em 2022, a Austrália importou US\$ 8,38 milhões em castanha-do-brasil. O Brasil liderou com 50,6% do mercado (US\$ 4,3 milhões), seguido pela Bolívia com 48% (US\$ 4,1 milhões).

No entanto, em 2023, o total importado caiu para US\$ 5,73 milhões, com o Brasil exportando US\$ 1,78 milhão (32%) e a Bolívia assumindo a liderança com US\$ 3,62 milhões (64%). Essa redução provavelmente indica redução de oferta (ciclo produtivo oscilante), com preferência de fornecimento, pelos exportadores brasileiros a outros mercados. (QUADRO 1).



**QUADRO 1 - Principais exportadores de castanha-do-brasil para a Austrália (US\$ milhões)  
(HS 080122)**

Exportadores	2019	2020	2021	2022	2023
Mundo	7,71	5,04	6,48	8,52	5,73
Bolívia	6,02	2,90	2,79	4,18	3,62
Brasil	1,11	1,73	3,52	4,31	1,78
Peru	0,30	0,28	0,08	0,03	0,21

Fonte: Trade Map

## Condições para Acesso ao Mercado Australiano

Para ingressar na Austrália, as castanhas-do-brasil cruas devem estar livres de qualquer evidência de espécies de *Trogoderma* que representem preocupação em termos de biossegurança, incluindo o besouro khapra (*Trogoderma granarium*). Assim, única exigência sanitária das autoridades australianas é que as cargas sejam acompanhadas de um certificado sanitário de origem, emitido pelo Ministério da Agricultura e Pecuária do Brasil, atestando a ausência dessas pragas.

As castanhas-do-brasil não estão sujeitas a inspeções adicionais nem a testes laboratoriais no âmbito do programa de inspeção de alimentos importados, ao contrário do amendoim e do pistache, incluindo seus derivados. Isso se deve ao fato de não serem classificadas como alimentos de risco médio a alto ao consumidor.

## Exportações Brasileiras: Oportunidades e Desafios

O Brasil exportou um total de 3.279 toneladas de castanha-do-brasil (US\$ 18,16 milhões) em 2023, sendo a Austrália o terceiro maior importador, atrás dos Estados Unidos e dos Países Baixos:

- EUA: US\$ 7,38 milhões;
- Países Baixos: US\$ 1,96 milhões;
- **Austrália: US\$ 1,50 milhão;**
- Espanha: US\$ 1,46 milhão.

A competição com a Bolívia no mercado internacional continua a ser um dos principais desafios para o Brasil. A instabilidade da produção, os custos logísticos elevados e a necessidade de um fornecimento regular e previsível são fatores que impactam a competitividade brasileira nesse mercado. No APENDICE I, apresenta-se listas de contatos comerciais considerados relevantes.



Vale observar que o preço da castanha-do-brasil, **US\$ 16/kg**, é significativamente inferior ao da macadâmia produzida localmente, **US\$ 25/kg**, conforme verificado nas prateleiras de um dos dois maiores supermercados do país (FOTO 2)

Um dos principais fatores que explicam essa diferença é a menor competitividade dos produtos nacionais, impactada pelos altos custos operacionais e de mão de obra, que elevam o preço final da macadâmia australiana no varejo.

**FOTO 2 – Macadâmia e Castanha-do-Brasil (Brazil Nuts) na prateleira do supermercado Wollworths, fev/2025**



Estratégias para valorizar a castanha-do-brasil no mercado australiano incluem:

- **Promoção da sustentabilidade socioambiental:** Divulgar a castanha como um produto sustentável, proveniente da floresta amazônica e essencial para comunidades tradicionais.
- **Marketing nutricional:** Ressaltar atributos nutricionais reconhecidos da castanha-do-brasil, como, por exemplo, por ser a melhor fonte de selênio disponível.
- **Expansão do uso no food service:** Explorar novos segmentos de consumo, como distribuidores de alimentos saudáveis e de produtos premium.



Diante das questões e tendências identificadas, apresenta-se um resumo analítico utilizando-se o método SWOT (S-forças; W-fraquezas; O-oportunidades; T-ameaças) de fatores que influenciam as exportações brasileiras de castanha-do-brasil para a Austrália:

## ANÁLISE SWOT: Castanha-do-brasil na Austrália

forças

S

- Demanda crescente por alimentos saudáveis e naturais.
- Imagem consolidada como superalimento.

fraquezas

W

- Dependência da exportação e variação cambial.
- Distância do Brasil encarece custos logísticos.

oportunidades

O

- Zero tarifa de importação.
- Potencial de marketing baseado em sustentabilidade e benefícios nutricionais.

ameaças

T

- Concorrência com fornecedores como Bolívia e Peru.
- Variação na oferta e competição com outros destinos

### Principais Eventos para Promoção



#### [FINE FOOD AUSTRALIA 2025](#)

#### Principal feira do setor de alimentos na Austrália: 8-11 de setembro de 2025

Este evento comercial da indústria de alimentos é uma oportunidade estratégica para exportadores brasileiros do setor de alimentos e serviços que desejam expandir sua presença na Austrália e na região Ásia-Pacífico. Reconhecido como a principal porta de entrada para o varejo australiano, o evento oferece uma plataforma para que empresas apresentem novos produtos e estabeleçam contatos comerciais interagindo diretamente com compradores.

A feira atrai profissionais dos setores de food service e hospitalidade, alimentação em geral, distribuição e atacado, varejo e panificação, proporcionando um ambiente propício para negócios e *networking*. Na edição de 2024, o evento reuniu 900 expositores de 31 países e atraiu quase 25 mil visitantes.



35



[NATURALLY GOOD](#)

26 e 27 de maio de 2025

É a maior feira de varejo da Austrália especializada em produtos naturais, orgânicos e saudáveis, consolidando-se como o principal evento para empresas dos segmentos de produtos naturais, orgânicos, livres de alergênicos, veganos e sustentáveis.

A feira atrai um público diversificado, incluindo compradores do varejo, fabricantes, distribuidores, atacadistas, profissionais da saúde, além de representantes do setor de alimentação e da indústria de beleza.

Na edição de 2024, realizada em 3 e 4 de junho, em Sydney, o evento reuniu 3.700 visitantes e 200 expositores.

## Considerações Finais

A Austrália representa um mercado consolidado e com potencial de crescimento para a castanha-do-brasil brasileira. Apesar da recente redução nas importações, o produto continua sendo valorizado pelos consumidores australianos, especialmente aqueles que buscam alimentos naturais e nutritivos. O Brasil tem condições de ampliar sua participação nesse mercado por meio de estratégias que destaquem seus diferenciais de qualidade e sustentabilidade. A valorização da imagem do produto e garantia de regularidade de fornecimento são fatores determinantes para ampliar a participação brasileira e aumentar a confiança do consumidor australiano.



## APÊNDICE I - Listas não exaustiva com contatos comerciais com interesse em castanha-do-Brasil na Austrália

1. Lista de [distribuidores e importadores](#) de castanhas na Austrália (Fonte: Consulado do Brasil em Sydney)
2. Lista de [cadeias de supermercados na Austrália](#) (Fonte: Consulado do Brasil em Sydney)
3. Lista de importadores (Fonte: Adidância Agrícola da Austrália)

<b>Empresa</b>	<b>Website</b>
FTA Food Solutions Pty Ltd	<a href="http://ftafoodsolutions.com.au">ftafoodsolutions.com.au</a>
Scalzo Food Industries	<a href="http://scalzofoods.com.au">scalzofoods.com.au</a>
Rath & Co Trading Pty Ltd	<a href="http://rathco.com.au">rathco.com.au</a>
GB Commtrade Pty Ltd	<a href="http://gbcommtrade.com.au">gbcommtrade.com.au</a>
MWT Foods	<a href="http://mwtfoods.com">mwtfoods.com</a>
Natural Moreish	<a href="http://naturalmoreish.com.au">naturalmoreish.com.au</a>
J.C.'s Quality Foods	<a href="http://jcsqualityfoods.com.au">jcsqualityfoods.com.au</a>
Nutgrocer Australia	<a href="http://nutgrocer.com.au">nutgrocer.com.au</a>
Natural Grocer	<a href="http://naturalgrocer.com.au">naturalgrocer.com.au</a>
ABW Foods Australia	<a href="mailto:info@abwfoods.com.au">info@abwfoods.com.au</a>
Angeles Fine Foods	<a href="mailto:admin@angelesfinefoods.com">admin@angelesfinefoods.com</a>
Auskernels Import & Export	<a href="http://auskernels.com">auskernels.com</a>
Born Organic	<a href="mailto:enquiries@bornorganic.com.au">enquiries@bornorganic.com.au</a>
Culina-Top Shelf Food Distributor Pty Ltd	<a href="mailto:admin@culina.com.au">admin@culina.com.au</a>
Eco-Farms Certified Organic	<a href="mailto:hello@ecofarms.com.au">hello@ecofarms.com.au</a>
Gaganis	<a href="http://gaganisbros.com.au">gaganisbros.com.au</a>
Grand Foods	<a href="http://grandfoods.com.au">grandfoods.com.au</a>
Honest To Goodness	<a href="mailto:info@goodness.com.au">info@goodness.com.au</a>

## BANGLADESH



37

### OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS PARA O CAFÉ BRASILEIRO NO BANGLADESH

**Número:** DAC-03-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** DACA/BANGLADESH

**Palavras-chave:** produção de café no Bangladesh; cafeterias em Dacca

**Responsável:** Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

**SUMÁRIO:** O texto trata do potencial de mercado para o café no Bangladesh, país com uma população de 180 milhões de habitantes e extremamente jovem, que vem contribuindo para o elevado aumento do consumo de café no país, mesmo considerando a forte tradição de consumo de chá.

As elevadas tarifas são um desafio a ser superado e, nesse sentido, o texto trata da importância de avaliar investimentos no processamento local e, ainda, em cafeterias, cabendo citar o grande número já existentes no país e que apresentam excelente movimento.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





O Bangladesh é um país com cerca de 180 milhões de habitantes de perfil extremamente jovem, com 27,9% da população entre 15 e 29 anos, público que tem alterado o perfil de consumo de chá no país para a cultura do café.

O aumento do consumo de café no país evolui ano a ano e reflete, também, a rápida urbanização e as mudanças no estilo de vida no país, assim como o crescimento da classe média, com 34 milhões de pessoas, resultado do forte crescimento econômico do país.

## Contextualização

O setor do café cresce a taxas de 56,0% por ano (Figura 1) e previsão de aumento de 7,7% ao ano entre 2025 e 2033 e, considerando que apenas 5,0% da população consome café, número que chega a 50,0% em países desenvolvidos, pode-se imaginar o potencial de crescimento do mercado.

Figura 1 – Dados sobre café no Bangladesh.



Fonte: Milad, M. (2023).

O consumo chega a 3.000 toneladas anuais, sendo 95% importadas e, em 2023, foram importadas 228 toneladas de grãos, no total de US\$ 1,5 milhão, de países como Singapura, Índia, Emirados Árabes Unidos, Vietnam e China.

No mercado interno, o faturamento de supermercados e lojas de conveniência deverá atingir US\$ 568 milhões, cifra que deverá chegar a US\$ 1,2 bilhão na cadeia de restaurantes e bares.

Algumas das principais empresas são a Nestlé, PRAN-RFL, Abul Khair, BEXIMCO e outras 250 empresas que importam e comercializam marcas como AMA, da *Consumer Products*; Bateel; McCoffee, da *SMB Distribution and Supply*; e KoffeeCo e ToraBika, da *Omega Distribution*.



39

Figura 2 – Cafeteria North End, Daca.



Fonte: Imagem do autor, janeiro de 2025.

O café instantâneo é muito popular e domina 75,0% do mercado, seja pelo preço ou facilidade de uso, embora o consumo de café torrado esteja em crescimento em usos como espresso, café com leite, café americano, café *latte*, cappuccino e o café mocha.

O café gelado é muito apreciado, em função das altas temperaturas do país, sendo possível inferir que o consumo de *Cold Brew Coffee* tende a crescer frente às variações climáticas extremas.

Um dos desafios a serem superados está relacionado às tarifas e impostos internos ao café importado, que chegam a 89,32%, conforme dados do *National Board of Revenue (NBR)*, abaixo, números que impedem maior atração de investimentos externos.

- 0901.11.10 – *Coffee, Not Roasted or decaffeinated*
- 0901.12.10 – *Decaffeinated coffee, not roasted, wrapped/cann upto 2.5 kg*
- 0901.21.10 – *Roasted coffee, not decaffeinated, wrapp/cann upto 2.5 kg*
- 0901.22.00 – *Roasted, decaffeinated coffee Wrapped/canned upto 2.5 kg*

A Nestlé Bangladesh Ltd. investiu cerca de US\$ 2 milhões em uma fábrica de processamento e empacotamento de café verde e avalia que a alteração das tarifas poderia trazer mais investimentos ao setor e fortalecer o mercado.



## Conclusão

Embora existam iniciativas de produção local como em Hill Tracts e outros distritos, onde são cultivados café arábica e robusta em áreas de altitude, e que tendem a prosperar, hoje em dia a produção não chega a 100 toneladas.

Além do Brasil buscar alternativas para as elevadas tarifas, seria importante pensar em investir localmente, especialmente com parceiros locais e no processamento, o que seria uma ótima porta de entrada para entender o mercado bengalense.

Assim, cabe citar o grande número de cafeterias existentes no país, abaixo, algumas pertencentes a conhecidas redes internacionais e que tem apresentado excelentes resultados (Figura 3).

- Café São Paulo
- *North End Coffee Roasters* (Figura 2)
- *Gloria Jean's*
- *Coffee World*
- Barista
- *Butlers Chocolate Café*
- *Barcode Café*
- *Art Café*
- *Crimson Cup*
- *Columbus Coffee Shop*

Figura 3 – Café São Paulo, inaugurado em Daca em 2025.



Fonte: Imagem do autor, janeiro de 2025.





## CANADÁ

### "GUERRA TARIFÁRIA" ENTRE CANADÁ E EUA PODE CRIAR OPORTUNIDADES PARA CAFÉ E SUCO DE LARANJA BRASILEIROS

**Número:** OTT-04-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Ottawa, Canadá

**Palavras-chave:** EUA; guerra tarifária; café; suco de laranja; oportunidades

**Responsável:** Paulo Marcio M. Araujo

**SUMÁRIO:** Potencial retaliação canadense, estabelecendo tarifas de 25% sobre suco de laranja e café dos EUA, estimula a importação direta do Brasil.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

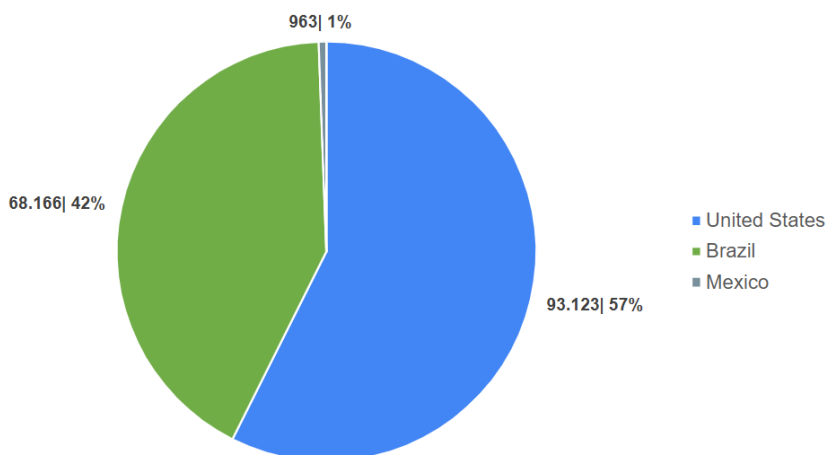




A possibilidade de uma guerra tarifária entre Estados Unidos e Canadá tem gerado grande apreensão no setor agropecuário Canadense. No dia 4 de fevereiro o governo dos EUA anunciou a suspensão, por 30 dias, da aplicação de uma tarifa de 25% sobre todos os produtos importados dos EUA, exceto energia, que seria taxada em 10%. Ao longo das próximas semanas representantes dos dois países prometem intensificar as negociações em busca de um acordo, mas a imprevisibilidade e falta de clareza sobre o que os EUA de fato pretendem com a medida criaram um ambiente de muita incerteza no país.

Em resposta ao anúncio, o governo canadense havia anunciado medidas retaliatórias que incluíam a taxaço, também em 25%, sobre a alguns produtos com origem nos EUA, inclusive café e suco de laranja.

Suco de laranja - Ranking de exportadores para o Canadá (2023)



Fonte: TRADEMAP  
Elaboração: Adidância Agrícola em Ottawa

Unidade (gráfico): US\$ x 1000

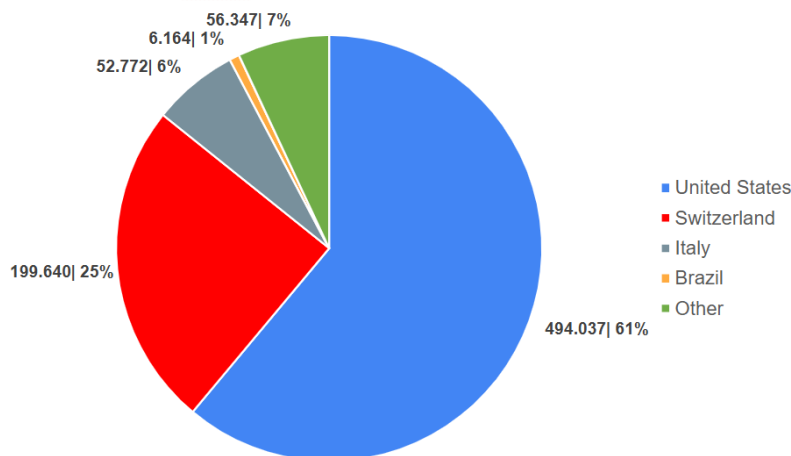
Em 2023 os Estados Unidos exportaram 93 milhões de dólares em suco de laranja para o Canadá. A eventual imposição de uma tarifa adicional pode aumentar a competitividade do produto brasileiro, que já tem forte presença no mercado canadense.





Situação semelhante pode ocorrer com o café torrado:

Café torrado não descaf. - Ranking de exportadores para o Canadá (2023)



Fonte: TRADEMAP  
Elaboração: Adidância Agrícola em Ottawa

Unidade (gráfico): US\$ x 1000

Apesar de ser o segundo maior exportador de café verde para o Canadá (atrás da Colômbia), a presença de produtos brasileiros em segmentos de maior valor agregado é insignificante. Parte significativa dos produtos exportados pelos EUA tem origem no Brasil, são beneficiados nos EUA e então exportados para o Canadá. Uma eventual tarifa aos produtos "Made in USA" certamente será um estímulo adicional para que empresas brasileiras busquem fortalecer sua presença também nesse segmento.

Independentemente da aplicação das tarifas, tem se observado uma forte rejeição aos produtos "Made in USA", seja por parte de consumidores, seja por parte de varejistas, que tem prometido fazer o possível para buscar alternativas a importação de produtos dos EUA, o que representa uma excelente oportunidade para diversos segmentos do agro brasileiro.



## CHILE

### O AÇAÍ BRASILEIRO CONQUISTA O CHILE: EXPANSÃO E SUCESSO



44

**Número:** SANTI-04-2025

**Data:** 13/02/2025

**Posto:** Santiago/ República do Chile

**Palavras-chave:** açaí; polpa de açaí; produtos à base de açaí; produtos industrializados de açaí

**Responsável:** Rodrigo do Espírito Santo Padovani

**SUMÁRIO:** As oportunidades de venda do açaí no Chile são promissoras. A expansão de marcas brasileiras que investem em locais estratégicos, facilita o acesso dos consumidores e populariza o açaí. Essa expansão possibilita a venda de diversas variedades de produtos à base de açaí, como sucos, sorvetes e suplementos, atendendo a diferentes preferências e ampliando o mercado. A cultura de alimentação saudável no Chile e a popularização do açaí nas redes sociais impulsionam a demanda. O Acordo de Livre Comércio entre Brasil e Chile facilita a exportação, tornando o processo mais competitivo. A proximidade geográfica permite o transporte rápido e eficiente de mercadorias.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



## Açaí: Da Consumo Regional à Popularização Nacional e Expansão Internacional

O açaí, um fruto brasileiro cultivado principalmente na região amazônica, apresenta coloração que varia do roxo ao preto. Ele cresce em cachos, geralmente em solos úmidos ou alagados. Tradicionalmente, integra a dieta alimentar das populações locais, desempenhando um papel significativo na alimentação das famílias de baixo poder aquisitivo. Consumido juntamente com outros alimentos, como arroz, feijão, carnes e farinha de tapioca, seu preço acessível e suas propriedades nutritivas incentivavam o consumo interno. <sup>(1,2)</sup>

A partir da década de 1990, o consumo de açaí expandiu-se rapidamente no Brasil, passando a fazer parte da alimentação das classes de maior renda da região amazônica. Simultaneamente, observou-se um crescimento na demanda nacional, destacando-se São Paulo, Rio de Janeiro e os estados da região Nordeste, pela polpa de açaí congelada. Na região Sul e Sudeste, o açaí é preferencialmente consumido com outros alimentos, como granola, guaraná e frutas, na forma de sobremesa ou lanche, apresentando hábitos de consumo diferentes dos da população ribeirinha amazônica. <sup>(3)</sup>

A popularização do açaí no Brasil deve-se a vários fatores. Primeiramente, a expansão urbana e a migração de pessoas do interior amazônico para as grandes cidades disseminaram o consumo do açaí, antes restrito às áreas rurais. Além disso, suas propriedades nutricionais foram amplamente reconhecidas, sendo considerado um fruto rico em antioxidantes, fibras, vitaminas e minerais. Esse reconhecimento atraiu consumidores preocupados com a saúde, interessados em alimentos naturais e saudáveis.

Este fenômeno foi impulsionado pela exposição na mídia, em novelas e programas voltados para a juventude, que destacaram as propriedades energéticas do açaí, ajudando a popularizá-lo entre os praticantes de atividades físicas, aproveitando o modismo da "geração fitness" emergente. O desenvolvimento de produtos processados, como polpas congeladas e sucos, facilitou seu consumo em outras regiões e até mesmo internacionalmente. A industrialização e comercialização permitiram que o açaí se tornasse acessível a um público mais amplo, consolidando-o como um alimento popular no Brasil e possibilitando sua exportação <sup>(3,4)</sup>.

### Açaí: a nova sensação que conquista os chilenos

O comércio de açaí do Brasil para o Chile tem crescido significativamente nos últimos anos. Empresas de origem brasileira têm sido pioneiras nesse mercado, oferecendo produtos à base de açaí, como batidos, "bowls" e sorvetes. Nos pontos de venda das firmas, se destaca que a matéria-prima utilizada é importada de estados brasileiros amazônicos e obtida por meio de práticas sustentáveis, respeitando e convivendo com a floresta nativa, além de possibilitar o desenvolvimento socioeconômico da região.

A presença dessas empresas brasileiras, categorizadas como do ramo "fast food saudável", que operam com base em um plano ambicioso de negócios envolvendo a expansão de lojas em shoppings e pontos de comércio movimentados, com preços atrativos, tem contribuído imensamente para popularizar a venda de açaí no mercado chileno.

Entretanto, a expansão do consumo de açaí no Chile também se deve a outros fatores, como a crescente preocupação com a saúde e a busca por alimentos naturais e saudáveis. O açaí é considerado um "superalimento" devido às suas propriedades antioxidantes, tornando-se um aliado contra o envelhecimento e os radicais livres. Além disso, a popularização do açaí nas redes sociais, especialmente em plataformas como Instagram, ajudou a aumentar a demanda. Bowls de açaí com cores vibrantes e combinações criativas de ingredientes se tornaram um fenômeno visual, atraindo muitos consumidores [\(5, 6, 7\)](#).



46

## **Açaí: A Tendência de Expansão de Vendas de Produtos à Base de Açaí Permanece?**

Vislumbra-se um cenário extremamente favorável para os produtores brasileiros ampliarem as exportações de açaí para o Chile, em virtude:

### **Expansão de Marcas Brasileiras e Aceitação do Açaí Brasileiro**

Empresas de origem brasileira têm investido na expansão de suas operações no Chile, aumentando a disponibilidade de produtos de açaí. A presença dessas marcas em locais movimentados e shoppings facilita o acesso dos consumidores aos produtos. Parcerias estratégicas de produtores brasileiros com essas empresas do ramo de "fast food saudável" podem facilitar a inserção dos produtos no mercado chileno.

### **Diversificação de Produtos e Canais de Venda**

As empresas que vendem açaí geralmente importam polpas congeladas e misturas prontas para consumo, facilitando a elaboração nos pontos de venda. O desenvolvimento e a venda de produtos variados à base de açaí, como sucos, sorvetes, picolés, barras de cereal, "snacks", cápsulas e suplementos, atendem diferentes preferências e ampliam o mercado. Essa diversificação também permite que os produtores encontrem novos clientes e canais de venda, como tradings, mercados atacadistas e varejistas, lojas para o público fitness e clientes finais através do e-commerce.

### **Cultura de Alimentação Saudável no Chile**

O aumento da demanda por alimentos saudáveis e naturais impulsiona a venda de açaí. A busca por alternativas alimentares saudáveis, especialmente entre jovens preocupados com a saúde, é um fator importante. O açaí é considerado um superalimento rico em antioxidantes, fibras e ácidos graxos essenciais. Com a crescente preocupação com a saúde e bem-estar, consumidores estão buscando alimentos naturais e saudáveis, o que aumenta a demanda por produtos à base de açaí.



## Popularização nas Redes Sociais

A exposição nas redes sociais, especialmente no Instagram, tem ajudado a popularizar o açaí. Imagens de “bowls” de açaí com cores vibrantes e combinações criativas de ingredientes atraem muitos consumidores.

## Acordo de Livre Comércio e Proximidade Geográfica

O Acordo de Livre Comércio entre Brasil e Chile, em vigor desde 2022, facilita a exportação de produtos como o açaí, tornando o processo mais competitivo comercialmente. A proximidade geográfica permite o transporte de mercadorias por via rodoviária, possibilitando a chegada rápida aos mercados chilenos, especialmente em Santiago, área de maior consumo de açaí brasileiro no país.



47



## CHINA



48

### ABERTURA DO MERCADO CHINÊS PARA AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE UVAS FRESCAS – OPORTUNIDADES PARA A INDÚSTRIA

**Número:** PEQ-04-2025

**Data:** 12/02/2025

**Posto:** Pequim/China

**Palavras-chave:** China, uvas frescas; aberturas de mercado

**Responsável:** Leandro Diamantino Feijó

**SUMÁRIO:** A assinatura do protocolo sobre os requisitos fitossanitários para a exportação de uvas frescas de mesa do Brasil para a China abre oportunidades para a ampliação das exportações dos estados da Bahia e Pernambuco. O conhecimento da dinâmica do mercado, dos canais de importação e distribuição e dos hábitos do consumidor chinês são fundamentais para o início das exportações brasileiras.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



Na esteira da celebração dos 50 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a China e da visita de Estado realizada pelo presidente chinês ao Brasil em novembro de 2024, foi assinado o protocolo sobre os requisitos fitossanitários para a exportação de uvas frescas de mesa do Brasil para a China. A partir deste acordo, os estados da Bahia e de Pernambuco estão autorizados para exportar uvas frescas (*Vitis vinifera L.*) ao mercado chinês.

Desta forma, exportar uvas para a China pode ser uma oportunidade lucrativa, dada a crescente demanda por frutas frescas e de alta qualidade no mercado chinês. No entanto, é essencial conhecer o mercado chinês, suas características, os hábitos de consumo e de comercialização e adotar estratégias bem planejadas para garantir sucesso nesse mercado competitivo.



Fonte: <https://www.comprerural.com/mapa-confirma-abertura-de-4-mercados-da-china-para-produtos-brasileiros/>

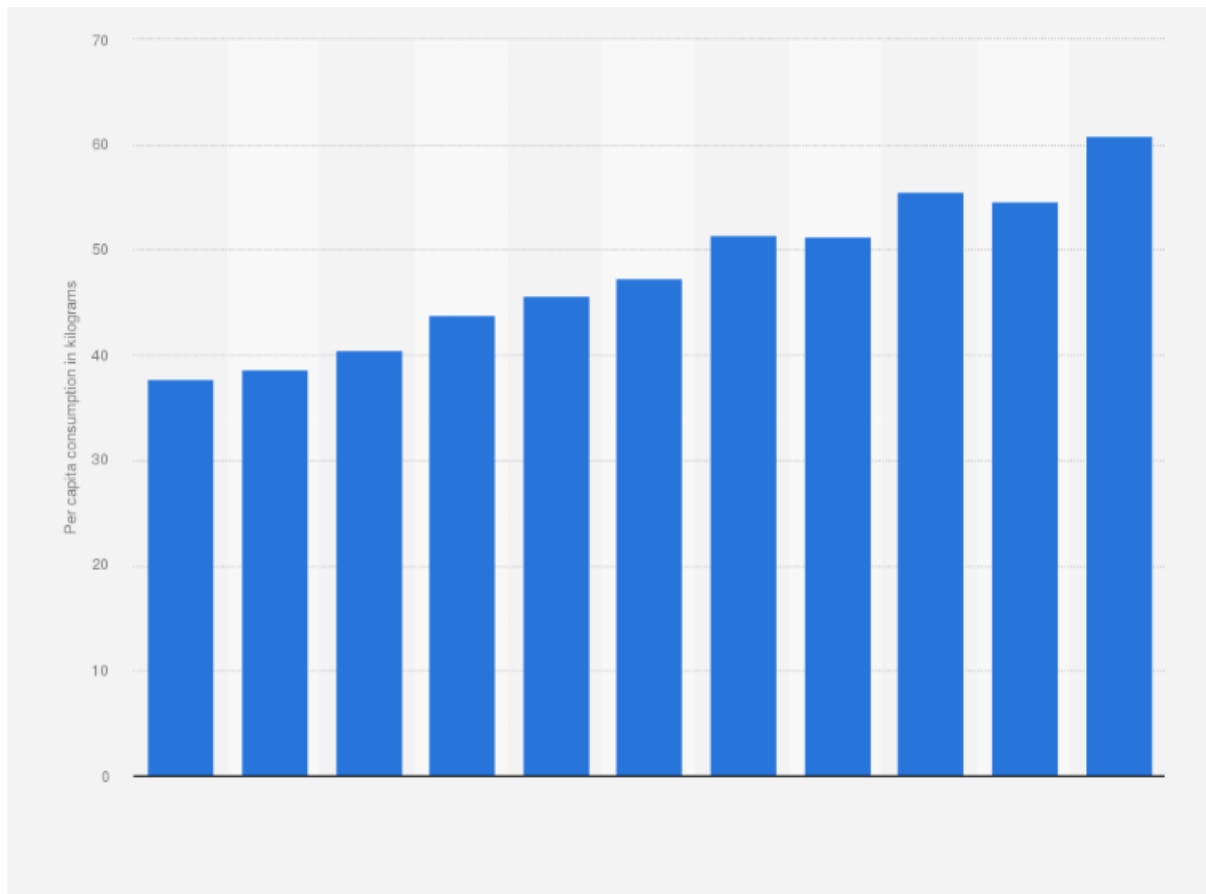


## CONSUMO DE FRUTAS PELA CHINA

A população chinesa está cada vez mais consciente sobre a importância de uma alimentação saudável para prevenir doenças crônicas, como obesidade, diabetes e problemas cardiovasculares.

Assim, o aumento do consumo de frutas na China pode ser atribuído, além de questões relacionadas à saúde, a uma combinação de fatores econômicos, sociais e culturais. Em 2023, o consumo médio de frutas frescas por pessoa na China alcançou cerca de 60,8 quilos (Gráfico 01).

**Gráfico 01 - Consumo médio per capita de frutas frescas na China de 2013 a 2023 (em quilogramas)**



Fonte: <https://cdn.statcdn.com/Statistic/1410000/1413374-blank-754.png>



Com a crescente preocupação com a segurança alimentar e o meio ambiente, muitos consumidores chineses estão optando por frutas frescas e naturais em vez de alimentos processados.

De acordo com as diretrizes dietéticas chinesas (2022 Chinese Dietary Guidelines), o governo tem enfatizado a adoção de uma dieta balanceada, com o aumento também do consumo de frutas.

Assim, o consumo diário recomendado de frutas para adultos é de 200-350 gramas (Gráfico 2).



Gráfico 02 – Guia chinês de alimentação 2022



Fonte: Chinese Center for Disease Control and Prevention

Além disso, destaca-se a determinante influência da mídia e das redes sociais na disseminação de informações sobre os benefícios das frutas para a saúde, o que tem aumentado sua popularidade, especialmente entre os jovens.





## PRODUÇÃO DE UVAS NA CHINA

A maior parte da produção de uvas na China encontra-se em 7 províncias (Gráfico 03), sendo as principais: Xinjiang, Yunnan, Hebei e Shandong. Destaca-se que Xinjiang é a maior província chinesa produtora de uva, ocupando 20% da produção nacional.

**Gráfico 03 – Províncias chinesas produtoras de uvas**



Purple = 20% or more of Chinese production (Xinjiang)

Gray = 5% to 10% (Hebei, Shandong, Yunnan, Shaanxi, Henan, Liaoning)

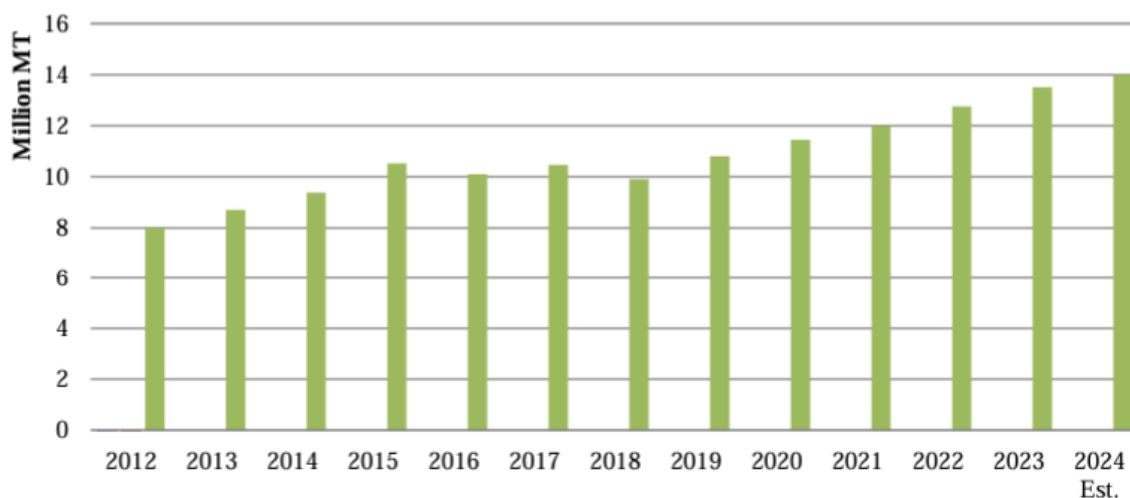
Source: China Statistical Yearbook (2023 data)

Fonte: China Statistical Yearbook (2023)



Estima-se que no ano safra 2024/2025 (junho-maio) a produção de uvas de mesa da China alcance 14,2 milhões de toneladas (Gráfico 04), um aumento de 5% em relação ao ano anterior (Tabela 01).

Gráfico 04 – Histórico da produção de uvas de mesa na China (2012 a 2024)



Fonte: Trade Data Monitor

Tabela 01 – Dados sobre área de plantio e produção de uvas de mesa (2022 a 2025)

Uva fresca de mesa	2022/2023	2023/2024	2024/2025
Área de plantio (Ha)	730000	728000	725000
Produção (milhões toneladas)	12,75	13,5	14,2

Fonte: Trade Data Monitor





## CONSUMO DE UVAS DE MESA PELA CHINA

A China é um dos maiores consumidores globais de uvas, tanto para consumo in natura quanto para processamento (vinho, sucos, passas).

Embora seja o maior produtor mundial de uvas (com cerca de 14 milhões de toneladas em 2023), sua demanda interna supera a oferta doméstica, especialmente para variedades premium e fora da safra local.

As uvas de mesa consumidas na China apresentam uma variedade de características que refletem tanto as preferências locais quanto a influência de variedades internacionais. Aqui estão algumas das principais características:

### ➤ Variedades Populares:

- **Red Globe**: Uma das variedades mais populares na China, conhecida por seus grandes cachos e bagas vermelhas e suculentas.

- **Thompson Seedless**: Uma uva branca sem sementes, muito apreciada por seu sabor doce e textura crocante.

- **Muscat**: Conhecida por seu aroma distintivo e sabor doce, frequentemente usada para consumo fresco e para fazer vinho.



Foto 01 – Red Globe



Foto 02 – Thompson Seedless



Foto 03 - Muscat





➤ **Sabor:**

As uvas de mesa chinesas são geralmente muito doces, com um equilíbrio agradável de acidez, podendo o sabor variar ligeiramente, dependendo da variedade e da região de cultivo.

➤ **Textura:**

As uvas de mesa na China são valorizadas por sua textura firme e crocante (Foto 04). As variedades sem sementes são particularmente populares devido à sua conveniência.



Foto 04 – Textura firme e crocante

➤ **Cor:**

As uvas de mesa na China tem variedade de cores, incluindo vermelho, verde (branco) e preto (roxo). A cor pode influenciar a preferência do consumidor, com algumas pessoas preferindo uvas vermelhas ou pretas por sua aparência vibrante.

➤ **Tamanho:**

As uvas de mesa chinesas são geralmente de tamanho médio a grande, com bagas bem desenvolvidas que são atraentes para os consumidores.





## IMPORTAÇÃO DE UVAS PELA CHINA

A China é um dos maiores importadores de uvas de mesa do mundo, complementando sua própria produção doméstica para atender à crescente demanda interna.

Nesse sentido, a China importou aproximadamente 166,7 mil toneladas de uvas de mesa em 2023 (tabela 02) e 109 mil toneladas em 2024 (tabela 03), de acordo com os dados disponibilizados pela Administração-Geral de Aduanas da China (GACC). Assim, o valor total das importações de uvas de mesa pela China em 2023 ultrapassou a receita anual de US\$ 484,49 milhões e de US\$ 325,50 milhões em 2024.

Tabela 02 – Importações chinesas de Uvas de mesa no ano de 2023

Código SH	Produto	País Exportador	Valor 2023 (US\$)	Quantidade 2023 (KG)
08061000	Uva fresca	Austrália	150.362.098	50.592.349
		Peru	148.406.751	44.995.812
		Chile	147.399.841	57.153.584
		África do Sul	20.339.261	6.813.979
		Índia	16.500.363	7.051.837
		Coreia do Sul	1.445.759	91.019
		Estados Unidos	33.532	5.632
		Nova Zelândia	9.234	245
		Total	484.496.839	166.704.457

Tabela 03 – Importações chinesas de Uvas de mesa no ano de 2024

Código SH	Produto	País Exportador	Valor 2024 (US\$)	Quantidade 2024 (KG)
08061000	Uva fresca	Peru	119.317.071	34.261.763
		Austrália	104.679.695	34.714.772
		Chile	75.649.726	29.905.524
		África do Sul	13.982.495	5.159.785
		Índia	10.339.702	4.896.367
		Coreia do Sul	1.429.118	95.661
		Estados Unidos	93.603	17.532
		Nova Zelândia	11.062	245
		Total	325.502.472	109.051.649



Cabe ressaltar que as importações chinesas de uvas são mais intensas entre os meses de novembro e março, quando a produção doméstica é limitada devido ao clima frio. Assim, o Chile e o Peru são particularmente importantes nesse período, pois sua temporada de colheita coincide com o inverno chinês.

## ACORDOS DE LIVRE COMÉRCIO ENVOLVENDO A IMPORTAÇÃO DE UVAS PELA CHINA

A China é um dos maiores importadores de uvas de mesa do mundo, e sua participação em Acordos de Livre Comércio (ALCs) tem facilitado e impulsionado a importação desse produto. Esses acordos reduzem ou eliminam tarifas de importação, simplificam procedimentos aduaneiros e promovem o comércio bilateral. Abaixo, destacam-se os principais ALCs da China que impactam a importação de uvas de mesa:

### 1. Acordo de Livre Comércio China-Chile

**Entrada em vigor:** 2006 (com atualizações posteriores).

**Benefícios para as uvas de mesa:**

- Tarifas de importação reduzidas a zero para uvas frescas chilenas.
- O Chile é o maior exportador de uvas de mesa para a China, aproveitando a janela de produção inversa (as uvas chilenas chegam ao mercado chinês durante o inverno local).

**Impacto:** O acordo fortaleceu a posição do Chile como principal fornecedor de uvas de mesa para a China.

### 2. Acordo de Livre Comércio China-Austrália

**Entrada em vigor:** 2015.

**Benefícios para as uvas de mesa:**

- Eliminação gradual das tarifas de importação, que chegaram a zero em 2019.
- A Austrália exporta uvas de mesa premium, como as variedades Crimson Seedless e Thompson Seedless, que são altamente valorizadas no mercado chinês.

**Impacto:** O acordo aumentou a competitividade das uvas australianas, embora o volume de exportações seja menor que o do Chile devido à capacidade de produção limitada.





### 3. Acordo de Livre Comércio China-Peru

**Entrada em vigor:** 2010.

**Benefícios para as uvas de mesa:**

- Tarifas reduzidas a zero para uvas frescas.
- O Peru é um dos principais exportadores de uvas de mesa para a China, com variedades como Red Globe e Superior Seedless.

**Impacto:** O acordo ajudou o Peru a se consolidar como um dos maiores fornecedores de uvas para a China, com exportações crescendo rapidamente nos últimos anos.

### 4. Acordo de Livre Comércio China-Nova Zelândia

**Entrada em vigor:** 2008.

**Benefícios para as uvas de mesa:**

- Tarifas eliminadas para uvas frescas.
- A Nova Zelândia exporta uvas de mesa premium, embora em volumes menores devido à sua menor capacidade de produção.

**Impacto:** O acordo facilitou o acesso de uvas neozelandesas ao mercado chinês, especialmente durante a entressafra local.

### 5. Acordo de Livre Comércio China-ASEAN

**Entrada em vigor:** 2005 (com atualizações posteriores).

**Benefícios para as uvas de mesa:**

- Tarifas reduzidas para uvas frescas de países membros.
- Apesar de não serem grandes exportadores de uvas, os países da ASEAN se beneficiam de tarifas preferenciais para outros produtos agrícolas.

**Impacto:** O acordo fortalece a integração comercial entre a China e o Sudeste Asiático, mas o impacto direto sobre as uvas de mesa é limitado.



## 6. Parceria Econômica Regional Abrangente (RCEP)

Entrada em vigor: 2022.

Benefícios para as uvas de mesa:

- O RCEP inclui a China e outros 14 países da Ásia-Pacífico, como Austrália, Nova Zelândia e membros da ASEAN.
- Redução de tarifas e simplificação de procedimentos aduaneiros para uvas de mesa.

**Impacto:** O acordo aumenta a competitividade das uvas de mesa exportadas por países membros, como Austrália e Nova Zelândia, no mercado chinês.

## 7. Outros Acordos e Parcerias

- **China-Estados Unidos:** Embora não haja um acordo de livre comércio formal, as uvas californianas são exportadas para a China sob tarifas específicas (28% a 58%). A tensão comercial entre os dois países, no entanto, tem impactado negativamente as exportações.

- **China-África do Sul:** A África do Sul exporta uvas de mesa para a China, aproveitando a janela de produção inversa, mas sem um acordo de livre comércio específico (tarifa de 13%).

## TENDÊNCIAS DE MERCADO

- **Demanda por Variedades Premium:** Há uma crescente demanda por uvas premium, tais como Crimson Seedless, Thompson Seedless e Black Sapphire, especialmente entre consumidores urbanos de alta renda.
- **Frutas Convenientes:** Uvas sem sementes e embalagens prontas para consumo estão ganhando popularidade.
- **E-commerce:** Plataformas online, como Tmall, JD.com e Pinduoduo, têm impulsionado as vendas de uvas importadas. Plataformas como Alibaba e JD.com desempenham um papel significativo na importação e distribuição de frutas na China, conectando fornecedores estrangeiros diretamente com consumidores e varejistas chineses.
- **Sustentabilidade e Qualidade:** Consumidores chineses estão cada vez mais preocupados com a segurança alimentar e a sustentabilidade, o que beneficia fornecedores com certificações de qualidade e práticas sustentáveis.



- **Crescimento Contínuo:** O mercado de uvas de mesa na China deve continuar crescendo, impulsionado pela urbanização e aumento da renda.
- **Parcerias Estratégicas:** Colaborações com importadores, distribuidores e plataformas de e-commerce podem ampliar o alcance das uvas importadas.
- **Diferenciação:** Fornecedores que oferecem variedades exclusivas, embalagens inovadoras e certificações de qualidade têm vantagem competitiva.



## **ASSOCIAÇÕES NA CHINA VOLTADAS PARA A IMPORTAÇÃO DE FRUTAS**

Na China, várias associações e organizações desempenham um papel importante no setor de importação de frutas, incluindo uvas de mesa. Essas associações ajudam a regular o comércio, promover padrões de qualidade, facilitar a comunicação entre importadores e exportadores, promover frutas importadas no mercado chinês, organizando feiras e eventos e fornecer suporte técnico e logístico.

Para empresas estrangeiras que desejam exportar frutas para a China, é altamente recomendável entrar em contato com as associações locais para obter informações atualizadas sobre regulamentos, tarifas e oportunidades de mercado.

Abaixo estão algumas das principais associações relacionadas à importação de frutas na China:

### **China Fruit Marketing Association (CFMA)**

- A CFMA é uma associação ligada a All China Federation of Supply and Marketing Cooperatives (ACFSMC), sendo uma das principais associações do setor de frutas na China, responsável por promover o comércio de frutas, tanto doméstico quanto internacional. Os membros são empresas e organizações de produção, processamento, circulação, armazenamento e pesquisas de frutas.
- Presidente: LU Fangxiao
- Site oficial: <https://www.china-fruit.com.cn/>

### **China Chamber of Commerce of Foodstuffs and Native Produce (CFNA)**

- A CFNA é uma câmara de comércio que supervisiona a importação e exportação de produtos alimentícios, incluindo frutas. Tem por atividades a regulamentação do comércio internacional de frutas, o fornecimento de informações sobre tarifas e regulamentos de importação e ações de promoção de cooperação entre empresas chinesas e estrangeiras.
- Site oficial: <http://www.ccfna.org.cn>





## China Association of Agricultural Science Societies (CAASS)

- E uma associação de ciência e tecnologia agrícola, subordinada ao MARA e China Association for Science and Technology. A filial de uva da CAASS faz pesquisas e estudos acadêmicos sobre uva.
- Site oficial da CAASS: <http://www.caass.org.cn/xbnxh/index/index.html>

## COLÔMBIA



62

### ANÁLISE SITUACIONAL DO MERCADO DE AGUARDENTES NA COLÔMBIA E RELATO DE POSSÍVEL OPORTUNIDADE DECORRENTE DE RECENTE DEMOÇÃO DE BARREIRA INTERNA AOS PRODUTOS ESTRANGEIROS DESTA CATEGORIA

**Número:** BOG-03-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Bogotá/Colômbia

**Palavras-chave:** cachaça; exportações; quebra de monopólio; processo judicial; dinâmica de mercado; comércio internacional; projeção de oportunidade

**Responsável:** Clóvis Augusto Versalli Serafini

#### SUMÁRIO:

A Colômbia é um país que possui características de consumo frequente de bebidas alcoólicas, especialmente as derivadas da cana de açúcar, como as aguardentes e o rum. Trata-se da terceira maior economia sul-americana, além de ser considerada a segunda maior população do continente, ultrapassando a marca dos 52 milhões de habitantes. A aguardente é a bebida alcoólica mais consumida no país, posto atribuído ao valor de venda final ao consumidor, já que costuma ser a bebida mais econômica da categoria. Algumas medidas protecionistas vinham sendo impostas pelo governo colombiano em desfavor de aguardentes estrangeiras, mas nos últimos dias uma decisão judicial proferida pelo Tribunal Constitucional da Colômbia derrubou o monopólio departamental das aguardentes no país. A referida decisão judicial deverá facilitar o acesso da cachaça brasileira ao mercado colombiano, propiciando oportunidades para o aumento da oferta do produto ao consumidor na Colômbia.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL











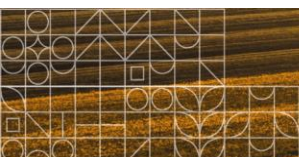
A Colômbia é atualmente a terceira maior economia da América do Sul, além de ocupar o posto de segundo país mais populoso do continente, ultrapassando a marca dos 52 milhões de habitantes. A população colombiana possui características de consumo frequente de bebidas alcoólicas, especialmente as derivadas de cana de açúcar, como as aguardentes e o rum. As aguardentes são as bebidas alcoólicas mais consumidas no país, posto atribuído ao valor de venda final ao consumidor, já que costuma ser a bebida mais econômica da categoria.

As associações representativas das empresas “licoreiras” colombianas consideram que o consumo local de aguardente passa por um período de adaptação, já que se observa uma diminuição da procura interna por: aguardentes de maior grau alcoólico; de alta qualidade; adoçadas com açúcar refinado; e daquelas mais clássicas. Por outro lado, é notório o incremento do direcionamento para o consumo de destilados sem açúcar; de menor qualidade; coloridos; aromatizados; e submetidos à processos inovadores. Entretanto, segue consolidada a procura por garrafas de 750ml desta bebida que costuma embalar os bons momentos entre amigos e familiares.

Segundo a Associação Colombiana de Empresas de Bebidas Alcoólicas (ACIL), o consumo médio anual dos colombianos é de 2,2 litros de aguardente por pessoa. Este consumo *per capita* acarretou na venda de pouco mais de 80 milhões de garrafas (750ml) de aguardente no ano de 2023. Não há dúvidas que o consumo desta bebida alcoólica é relevante no país, ressaltando que se trata de um derivado da cana de açúcar que é bem acessível à população em geral e com algumas características similares à cachaça brasileira. Na sequência segue uma tabela com levantamento das principais aguardentes colombianas ofertadas em pontos de venda ao consumidor final, como forma de dar conhecimento dos preços atualmente aplicados no mercado colombiano:

Preço de aguardentes colombianas em Bogotá/Colômbia	US\$	Garrafa / 750ml
Aguardiente Amarillo Manzanares	USD 10,02	
Aguardiente Antioqueño sem açúcar - 29°	USD 11,19	
Aguardiente Blanco del Valle Fiesta - 24°	USD 9,78	
Aguardiente Cristal	USD 7,97	
Aguardiente Nectar	USD 9,39	
Aguardiente Tapa Roja	USD 10,99	

Fonte: PriceSmart, Grupo Éxito, LicoresdoGolfo, Olimpica e Oxxo (13/02/2025)



A adoção de um conjunto de medidas protecionistas vinha dificultando a entrada de aguardentes do exterior, porém nos últimos dias uma boa notícia trouxe um alento e alertou sobre possível janela de oportunidades para a cachaça brasileira na Colômbia. A Corte Constitucional da Colômbia declarou inconstitucional a Lei nº 1816, de 2016. A referida norma possibilitava aos governadores de departamentos colombianos imporem restrições à comercialização de aguardentes produzidas em outras regiões da Colômbia ou outros países. Portanto, no último dia 4 de fevereiro a Corte colombiana proferiu esta decisão, enquanto instância mais alta no âmbito constitucional no país. Consequentemente, extinguiu-se o monopólio da comercialização de aguardentes. Este fato denota mudança significativa no mercado de bebidas alcoólicas, já que passa a viabilizar a livre concorrência entre os produtores nacionais ou estrangeiros.

A autonomia que existia para os governos departamentais colombianos para a produção e a comercialização de aguardentes em suas jurisdições constituía um obstáculo que desestimulava a entrada do produto estrangeiro. Em resumo, cada governador de departamento tinha a autoridade para decidir quais aguardentes poderiam ser comercializadas dentro de seus limites territoriais, podendo, inclusive, impor tributos adicionais sobre as bebidas de outras procedências. A Lei colombiana possibilitava a instituição de monopólios com propósitos de interesse público ou social. A normativa já havia suscitado reclamações por parte da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que pressionou o governo colombiano, durante o processo de adesão da Colômbia, a eliminar o monopólio sobre essas bebidas alcoólicas, considerando-o como uma medida protecionista e contrária à desejada livre concorrência.

A Adidância Agrícola do Brasil em Bogotá recebeu nos últimos anos alguns contatos de representantes do setor privado brasileiro e de importadores colombianos, os quais manifestaram interesse na comercialização da cachaça proveniente do Brasil. Cabe mencionar que as aguardentes de origem brasileira não foram incluídas no cronograma de desgravação do Acordo de Complementação Econômica (ACE-72), de modo que as importações de cachaça brasileira pela Colômbia continuam sujeitas ao imposto de importação (atualmente com alíquota de 8,8%).

Entretanto, a recente quebra do monopólio, que até então era amparado legalmente na Colômbia para o consumo das aguardentes, abre uma possibilidade interessante para o incremento das exportações brasileiras de cachaça. Considerando todos os dados estatísticos conhecidos; os fatos novos; e as características de consumo, pode-se inferir que se vive uma janela interessante para esta categoria de produtos brasileiros, que são amplamente apreciados no mundo pelos amantes de bebidas alcólicas.



64



## COREIA DO SUL



### PERSPECTIVAS PARA AS EXPORTAÇÕES DE MANGAS FRESCAS DO BRASIL COM A IMPLEMENTAÇÃO DE QUOTAS TARIFÁRIAS PELO GOVERNO SUL-COREANO NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2025

**Número:** SEUL-04-2025

**Data:** 05/02/2025

**Posto:** Seul/Coreia do Sul

**Palavras-chave:** Mangas; mercado; tarifas; quotas tarifárias

**Responsável:** Ricardo Zanatta Machado, Adido Agrícola em Seul; Rodrigo Braune Wanderley, Assistente técnico da adidância agrícola

**SUMÁRIO:** A Coreia do Sul é um mercado exigente e um dos que melhor remunera as frutas frescas importadas. Em 2024, impulsionado por uma série de fatores e pela isenção tarifária para as mangas frescas importadas, o Brasil aumentou suas exportações para a Coreia do Sul em 61%, em relação a 2023. Uma excelente notícia para o setor fruticultor brasileiro, é que o governo sul-coreano estabeleceu novas quotas tarifárias, com tarifas de 0%, para 25.000 toneladas de mangas frescas para o primeiro semestre de 2025.

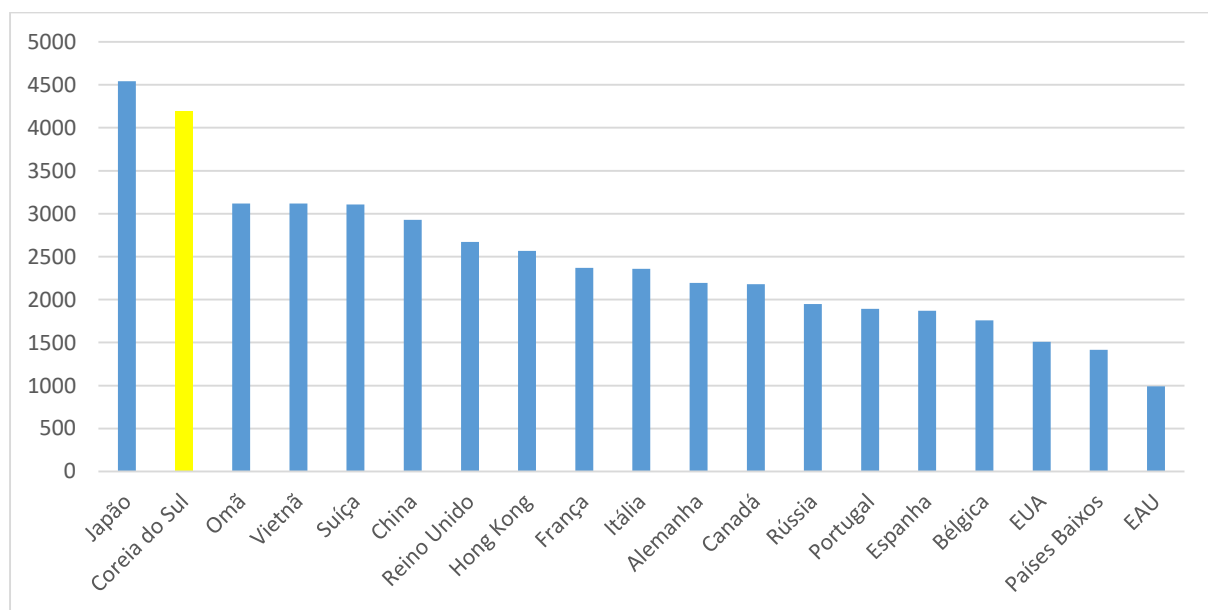
ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



A Coreia do Sul ocupa a posição de 9º maior importador de mangas frescas do mundo, em termos de valor, tendo importado US\$ 116 milhões do produto em 2023. Já, considerando o volume importado, o país ocupa a 19ª posição, com 27.703 toneladas importadas no mesmo ano.

Essa diferença entre o valor e o volume importados destaca uma característica do mercado sul-coreano: é um mercado exigente e que remunera bem as suas importações de frutas frescas. De fato, a Coreia do Sul é o 2º país que melhor remunera as mangas frescas, ficando atrás apenas do Japão (ver gráfico 1), se considerarmos os importadores mais relevantes do mundo.

**Gráfico 1. Preço de importação, em 2023, entre os principais importadores mundiais de mangas frescas (em US\$ por tonelada)**



Fonte: Trademap (2025)

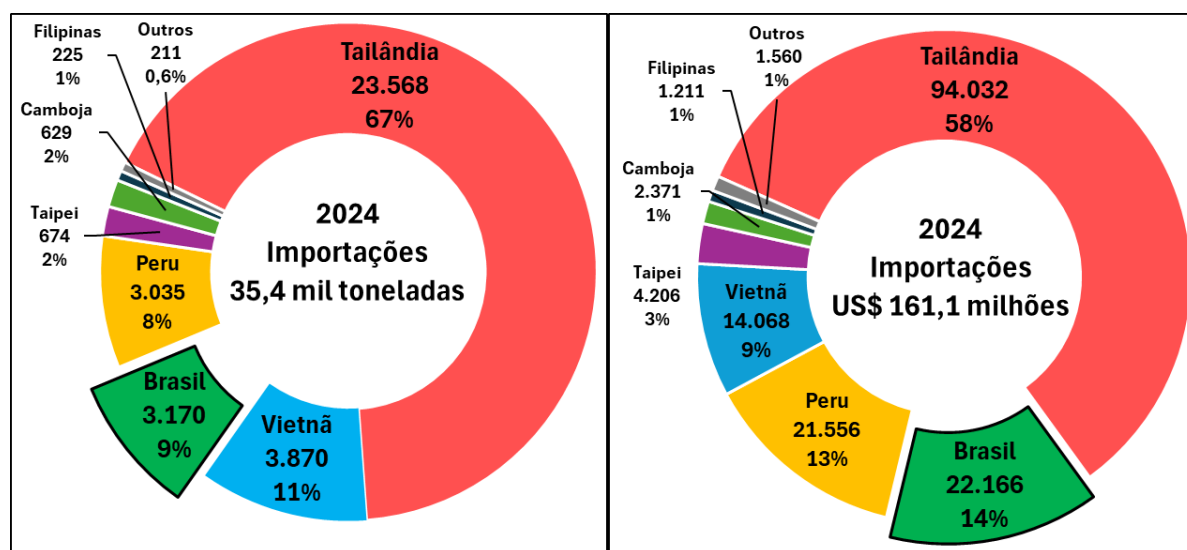
Em 2023, o Brasil foi o 3º maior fornecedor de mangas para o mercado sul-coreano, exportando US\$ 13,7 milhões e 2.098 toneladas, o que representou uma participação de mercado de 12,2% e 7,8%, respectivamente.





No entanto, em 2024, o Brasil avançou para se tornar o 2º maior exportador, em valor, ficando atrás apenas da Tailândia. Nesse ano, o país exportou US\$ 22,1 milhões e 3.170 toneladas (gráfico 2). Se comparado a 2023, as exportações brasileiras de manga apresentaram um crescimento de 61%, em termos de valor, e 51%, em termos de volume.

**Gráfico 2. Volume (toneladas) e valor (mil dólares) de mangas importadas pela Coreia do Sul, por país, em 2024**



Fonte: Customs Korea (2025)

Diversos fatores contribuíram para esse aumento nas exportações em 2024, dentre os quais destacam-se:

- Problemas com a produção de mangas no Peru, que tradicionalmente é o 2º maior fornecedor da fruta para o mercado sul-coreano; e
- Quebra de safra de outras frutas na Coreia do Sul, como maçãs, afetando a disponibilidade desses produtos e impactando na inflação de alimentos.

Os dois fatores acima levaram o governo sul-coreano a implementar quotas tarifárias para conter a inflação e para estabilizar a oferta de frutas no país. Essas quotas cobriram 14.000 toneladas de mangas, com tarifas de 0%, pelo período de 19/01/2024 a 30/06/2024. Já no segundo semestre daquele ano, todo o volume importado de mangas seria beneficiado pela isenção tarifária.

O Brasil foi um grande beneficiado por essas quotas tarifárias, pois, como o país não possui um Acordo de Livre Comércio (ALC) com a Coreia do Sul, as tarifas aplicadas às suas mangas são as da “Nação mais favorecida (NMF)”, que, no caso, é de 30%. A tabela 1, abaixo, detalha as tarifas aplicadas às mangas brasileiras e às dos principais concorrentes.



**Tabela 1. Tarifas de importação para mangas frescas (Código tarifário coreano 0804.50-2000)**

País/Bloco econômico	Tarifa aplicada
Peru, Vietnã, Austrália, EUA	0%
China	8%
Índia	15%
Tailândia, Camboja, Filipinas	24%
Brasil, Taipei	30%

Fonte: Customs Korea (2025)

Uma ótima notícia para o setor fruticultor brasileiro é que o governo coreano estabeleceu, no início de 2025, uma nova quota tarifária de 25.000 toneladas de manga, com tarifa de 0%, para quantidades dentro desse limite. A validade das quotas será de 24 de janeiro de 2025 a 30 de junho de 2025, ou até que o volume acima seja atingido.

Para facilitar o contato entre os exportadores brasileiros e os importadores sul-coreanos, a Adidância Agrícola do Brasil em Seul elaborou uma lista contendo informações detalhadas sobre os principais importadores de mangas do país. A lista pode ser acessada através do link: [https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/adidos-agricolas/coreia-do-sul/copy\\_of\\_20LIST1.PDF](https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/adidos-agricolas/coreia-do-sul/copy_of_20LIST1.PDF)



## COSTA RICA



69

### UM OLHAR PARA O SUCO DE UVA BRASILEIRO NA COSTA RICA

**Número:** SAO/02/2025

**Data:** 07/02/2025

**Posto:** San Jose- Costa Rica

**Palavras-chave:** suco de uva; suco uva orgânico; oportunidade de mercado; diversificação

**Responsável:** Priscila Rech Pinto Moser

**SUMÁRIO:** O suco de uva do Brasil é reconhecido pela sua qualidade, sustentabilidade e competitividade. A Costa Rica possui uma modesta produção local e importação muito concentrada, com poucas marcas fornecedoras. Adicionalmente, existe uma demanda crescente por produtos orgânicos e sustentáveis. O país conta com a Expovino, que é o evento vitivinícola mais importante da Costa Rica. A próxima edição acontecerá em outubro de 2025 e reunirá os principais importadores vitivinícola do país. O mercado de suco de uvas se apresenta como uma boa oportunidade de negócio na Costa Rica e de diversificação do agronegócio brasileiro.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



70

A Costa Rica é um país com uma população aproximada de 5 milhões de habitantes, com um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 64,28 bilhões, sendo um PIB per capita relativamente elevado de US\$ 18.461 (2024). Destaca-se o perfil turístico do país, que recebeu aproximadamente 2,6 milhões de turistas em 2024, ou seja, mais da metade de sua população total.

A Costa Rica é uma economia emergente e em ascensão na América Central, com uma localização estratégica, uma população substancial de classe média e uma procura de produtos de qualidade. A população está receptiva a novas empresas e produtos, conhece as tendências estrangeiras e valoriza a boa qualidade dos produtos.

A produção de suco de uva integral no país é modesta, sendo encontrada nas redes de mercados da capital, majoritariamente uma marca nacional. Adicionalmente se verificou a venda de outras marcas nacionais que vendem “refrescos de uvas”, “sucos a base de concentrado de uva”, e outros tipos.



Suco de uva de produção local costariquenha. Marca “Dos Pinos”.

Para atender a demanda local, foi localizado por esta adidância, em pesquisa de campo, outras três marcas de suco de uva importadas nas 04 maiores redes de mercados do país, todas oriundas dos Estados Unidos.

Os sucos disponibilizados no mercado local são comercializados em frascos de 346ml, 500ml, 946 ml, 1 litro, 1,36 litros e 1,89 litros, e são encontrados sucos de uva roxa ou branca.

Destaca-se que embora na embalagem dos sucos disponíveis no mercado conste o termo “100% suco de uva”, verificou-se que nos ingredientes consta a “adição de água”. Também se verificou em uma marca importada a adição de concentrado de suco de uva, ácido cítrico (regulador de acidez), ácido ascórbico (vitamina C) e metabissulfito de potássio.

Seguem abaixo algumas fotos ilustrativas dos sucos de uvas comercializados nos principais mercados locais pesquisados pela adidância :





71



REFRESCO SABOR  
UVA MORADA

1.36  
L

Suco de uva importado dos Estados Unidos. Embalagem de 1,36 litros.



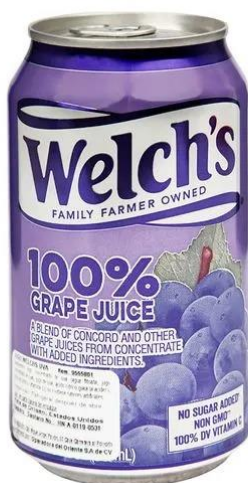
Jugo Welch's  
Uva

1.89  
L

Suco de uva importado dos Estados Unidos. Embalagem 1,89 litros.



Suco de uva branca importado dos Estados Unidos. Embalagem 240 ml.



Suco uva importado. Estados Unidos. Embalagem de 346 ml.

A Costa Rica importou de suco de uva, NCM 200969, no ano de 2023, **USD 434 mil ou 122 toneladas**, sendo 69% da importação oriunda dos EUA, seguido pelo México (23%), Chipre (3,9%) e Chile (2%). Destaca-se que as importações de suco de uva cresceram 20% nos últimos 2 anos, conforme ferramenta do Global Trade Helpdesk (GTH).

De acordo com o Sistema “Tecnología de Información para el Control Aduanero” (TICA) da Dirección General de Aduanas (DGA), a tarifa de importação (DAI) para os bens classificados no código tarifário 2009.69.90.00.90 é de **14%**, além, de outros impostos adicionais, que somados chegam a mais **14%**.

O Brasil não possui acordo comercial ou tratado de livre comércio com a Costa Rica, portanto, não recebe nenhum benefício tarifário ou regime especial em suas exportações, e sujeita-se ao pagamento integral dos direitos aduaneiros.

Os países e regiões que possuem acordo de livre comércio com a Costa Rica com exonerações parciais ou totais da Tarifa de Importação são: China, Estados Unidos, Canadá, El Salvador, Honduras, Nicaragua, Guatemala, Panamá, Reino Unido., México, Cingapura, Coreia do Sul, República Dominicana, Equador, Colômbia, Peru, e países da União Europeia e da Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA – European Free Trade Association).

Os Estados Unidos, principal exportador de suco de uva para Costa Rica, possuem a tarifa de importação (DAI) isenta. Os demais impostos adicionais, são pagos de forma igualitária.

No entanto, mesmo com o pagamento da tarifa de importação de 14%, acredita-se que o suco de uva brasileiro é competitivo e com diferencial de qualidade, de forma que haveria oportunidade para o produto no país.

Adicionalmente, a demanda por alimentos orgânicos aumentou significativamente, em parte devido à crescente conscientização do consumidor sobre a importância de uma alimentação saudável e sustentável, bem como à maior disponibilidade de produtos orgânicos em supermercados e mercearias locais. Considerando que o mercado de suco de uva no Brasil está passando por um momento de grande crescimento e reconhecimento internacional, esta adidancia acredita que há



potencial em atender tal nicho de mercado. Os sucos de uva brasileiro 100% naturais, feitos apenas com a fruta, sem adição de açúcar, conservantes, corantes ou antioxidantes teriam um diferencial de qualidade no mercado local.

Com relação à divulgação local para o suco de uva brasileiro, além de contato direto com importadores, o país conta com a Expovino, que é o evento vitivinícola mais importante da Costa Rica e possui mais de 15 distribuidores e importadores de vinhos. A próxima edição acontecerá dias 24 e 25 de outubro de 2025 e reunirá os principais importadores vitivinícola do país.

## Conclusão:

A Costa Rica é uma economia emergente na América Central, com uma localização estratégica, e receptiva a novas empresas e produtos. A demanda por alimentos orgânicos também aumentou significativamente, em parte devido à crescente conscientização do consumidor sobre a importância de uma alimentação saudável e sustentável.

O suco de uva natural e suco de uva orgânico do Brasil pela sua qualidade, sustentabilidade e competitividade se apresenta como uma boa oportunidade de negócio na Costa Rica e de diversificação do agronegócio brasileiro.



73



## EGITO



### MERCADO DO ALGODÃO EM PLUMA NO EGITO

**Número:** CAI-03-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Cairo/Egito

**Palavras-chave:** algodão; exportação; mercado; oportunidades

**Responsável:** Rafael Mohana de Carvalho Refosco

**SUMÁRIO:** O documento aborda perspectivas e oportunidades no mercado egípcio para o algodão em pluma produzido no Brasil. As importações do Egito representam atualmente 1,8% das importações mundiais do produto, o que o coloca na 10ª posição no *ranking* dos países que mais compram algodão. O mercado egípcio de algodão em pluma foi aberto para o produto brasileiro no mês de janeiro de 2023, e o Brasil já se posiciona como o 2º maior fornecedor mundial de algodão em pluma para este país, atrás apenas da Grécia, tendo registrado volumes crescentes de exportações para o Egito nos últimos dois anos. O consumo de algodão do Egito para o ano comercial 2024/2025 (agosto de 2024 a julho de 2025) está previsto em 600.000 fardos (130.634 toneladas), um aumento de 100.000 fardos (20%) em relação às estimativas oficiais do USDA para o ano comercial de 2023/2024. As perspectivas são para a expansão da capacidade de fiação e tecelagem egípcias. (1 fardo = 217,724kg)

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



O algodão é cultivado no Egito há milênios, e continua a ser uma das principais culturas comerciais para os agricultores da região do Delta do rio Nilo. Hoje, o algodão é uma cultura estratégica que, considerando a totalidade do seu setor têxtil e de vestuário, representa 3% do PIB nacional, 27% da produção industrial total e cerca de 12% do valor total das exportações egípcias. O Centro de Pesquisas Agrícolas (ARC, *Agricultural Research Center*, em inglês) do Egito informa que o algodão egípcio representa entre 25 a 30% do fornecimento global de algodão de fibra extra longa (ELS, *extra long staple*, em inglês) e de fibra longa (LS, *long staple*, em inglês). O setor da indústria têxtil do Egito representa o segundo maior gerador de divisas do ramo do agronegócio neste país.

O Governo do Egito tem buscado aumentar o rendimento de milhões de agricultores em todo o seu setor têxtil e de vestuário, através do desenvolvimento de uma integração vertical. O Governo pretende expandir e modernizar o seu setor têxtil e de vestuário, visando substituir as importações por algodão produzido localmente, e expandir a fabricação de produtos com maior valor agregado, incluindo o processamento, fiação, tecelagem, malharia, têxteis e fabrico de vestuário. O Egito procura atrair Investimentos Estrangeiros Diretos (IEDs) para o seu setor têxtil e de vestuário, e expandir a capacidade de processamento de algodão em todo o país.

## Escopo

SH6	Descrição SH6
520100	Algodão, não cardado nem penteado

## Mercado de algodão no Egito

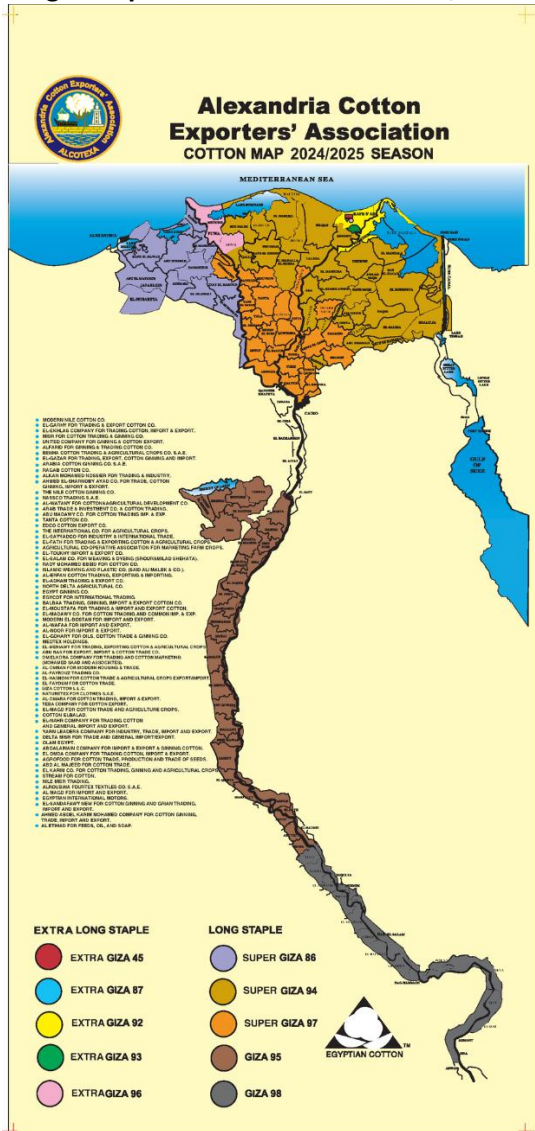
Variedades de algodão egípcio

A Organização Geral de Arbitragem e Testes de Algodão (CATGO, *Cotton Arbitration and Testing General Organization*, em inglês), afiliada ao Governo egípcio, identifica dez variedades diferentes de algodão, que se enquadram em duas categorias: algodão de fibra extra longa (ELS) e algodão de fibra longa (EL). O algodão de fibra longa é dividido em variedades de fibra longa inferior que crescem na região do Delta, e variedades de fibra longa superior que crescem na região do Alto Egito. No entanto, os comerciantes e a indústria identificam e comercializam o algodão de fibra longa superior como algodão de fibra média, uma vez que é utilizado para produzir o mesmo tipo de fios que a fibra “Upland” produz.

Normalmente, todos os anos, dois meses antes do início da época de plantação, o Ministro da Agricultura emite um Decreto que identifica as variedades de algodão permitidas para plantação por região (ver Figura 1). De acordo com este Decreto, cada variedade deve ser cultivada apenas nas áreas especificadas. As variedades de algodão de fibra extra longa incluem: Giza 45, 87, 88, 92 e 93. As variedades de algodão de fibra longa incluem: Giza 86, 94, 90 e 95. Giza 86 e 94 são as variedades de fibra longa que crescem na região do Delta, enquanto Giza 90 e 95 são as variedades de fibra longa superior cultivadas na região do Alto Egito (ver Figura 2).



Figura 1 – Mapa de produção regional de algodão para o ano comercial 2024/2025



Fonte: <https://www.alcotexa.org/egyptian-cotton/map-1/season-2024-2025-1/>

Figura 2 - Variedades de algodão egípcio



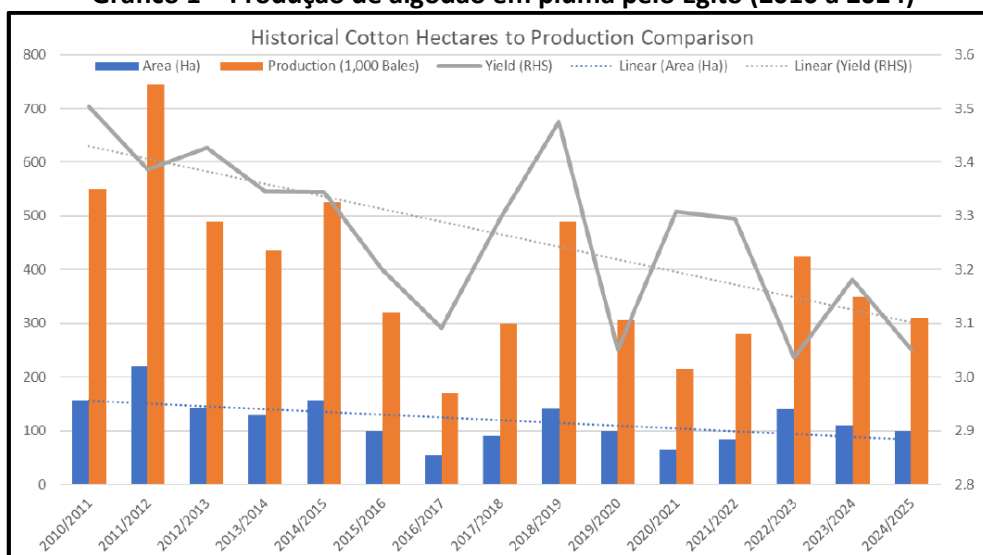
Fonte: Cotton Research Institute (CRI)

Está em fase intermediária de construção no Egito a maior fábrica de fiação e tecelagem do mundo, na região de *Mahalla al-Kubra*, a um custo de cerca de 900 milhões de libras egípcias (EGP, *Egyptian pounds*, em inglês), o equivalente, à cotação cambial de hoje, a quase 18 milhões de dólares (US\$).

## Produção

A produção egípcia de algodão para o ano comercial 2024/2025 (agosto de 2024 a julho de 2025) está estimada em 310.000 fardos (aproximadamente 67.500 toneladas), impulsionada por uma queda de 4% na área colhida, e pela menor utilização de insumos (ver Gráfico 1).

Gráfico 1 – Produção de algodão em pluma pelo Egito (2010 a 2024)



Fonte: PSD Online (USDA)

O vale do rio Nilo é uma estreita faixa de crescimento vegetativo que se estende através do Deserto do Saara, deixando uma faixa de terra arável irrigada ao longo de suas margens, que então se espalha no Delta do rio Nilo, onde deságua no Mar Mediterrâneo. A cultura de algodão ELS do Egito é irrigada pelo Delta do rio Nilo através de uma antiga rede de canais. Variedades de algodão egípcio de fibra longa são produzidas no Delta do rio Nilo e, mais recentemente, o algodão “*Upland*” é produzido na região do Alto Egito.

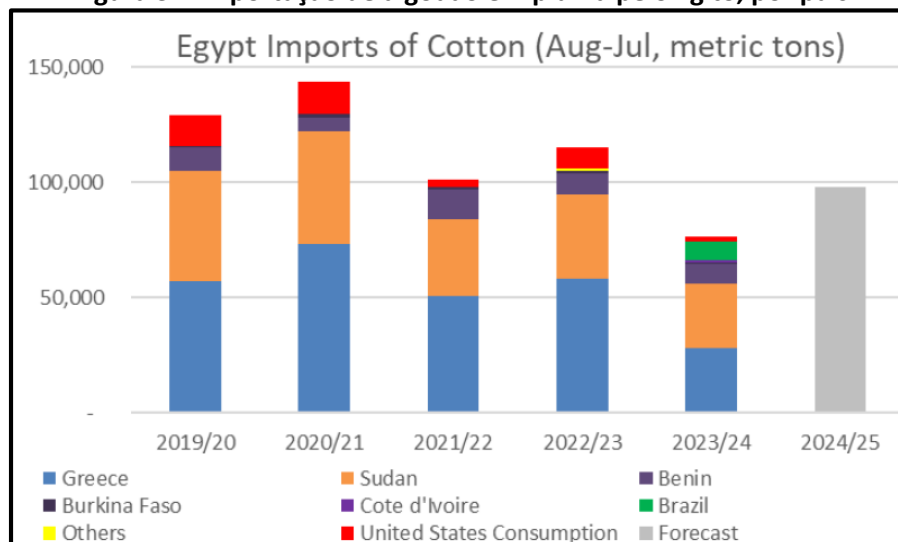
Os produtores de algodão egípcio decidem sobre as suas intenções de plantio com base nas expectativas de preços relativos e lucros para diferentes culturas, bem como nos preços de referência. Este processo de tomada de decisão igualmente se aplica para a cebola, fava (*Vicia faba*), alho, tomate, batata, melão, cana-de-açúcar, beterraba, gergelim, bem como para culturas herbáceas, tais como a camomila e a calêndula. Em 2018, a Revisão da Política Comercial do Secretariado da OMC resumiu claramente a política agrícola do Egito: “A política agrícola do Egito visa principalmente satisfazer a crescente procura de alimentos a preços razoáveis; para este

fim, o Egito disponibilizou mais terras para culturas onde se tem uma vantagem comparativa relativa, como frutas e legumes, e recorreu a subsídios. Também desencorajou a produção de culturas que utilizam intensamente a água, como o algodão e o açúcar.” As terras dedicadas à produção de cana-de-açúcar permaneceram estáveis, enquanto houve um declínio nas áreas utilizadas para o cultivo de arroz (para economizar água). O uso da terra para algodão também diminuiu.

## Importação de algodão pelo Egito

Atualmente os seguintes países estão autorizados a exportar algodão em pluma ao Egito: Estados Unidos (exceto o Texas), Síria, Burkina Faso, Costa do Marfim, Benin, Grécia, Turcomenistão, Sudão e Brasil.

Figura 3 – Importação de algodão em pluma pelo Egito, por país



Fonte: FAOSTAT (<https://www.fao.org/faostat/en/#home>)

Os preços do algodão importado entregue tem se mantido estáveis em comparação com outros produtos. 90% das importações de algodão do Egito são utilizadas para a produção têxtil. A situação da valorização do dólar (USD), acompanhada de queda vertiginosa no valor da libra egípcia (EGP) entre os anos de 2022 e 2024, expuseram os comerciantes e compradores de algodão do Egito a riscos cambiais. Em alguns casos, os compradores egípcios enfrentaram pedidos de renegociação de margens e liquidação antecipada nas entregas nos portos egípcios devido à escassez generalizada de dólares norte-americanos entre junho de 2023 e março de 2024.

O algodão de origem grega é um dos principais produtos exportados para o setor da fiação do Egito, uma vez que tem um preço competitivo e é enviado imediatamente com pronta entrega (cinco a seis dias após a liquidação em dinheiro), limitando a exposição ao risco cambial e aos custos de financiamento com os credores. Os comerciantes egípcios relataram que as exportações de algodão grego do ano comercial 2023/2024 (agosto de 2023 a julho de 2024) foram estranhamente prejudicadas por problemas de qualidade relacionados à cor e consistência, após problemas de produção relacionados ao clima. Os comerciantes egípcios também manifestaram amplo interesse em comprar algodão "Upland" dos EUA (das misturas do Texas e Memphis), para

melhorar a eficiência do fio e aproveitar as características de consistência, classificação e rastreabilidade do algodão dos EUA, que complementam os investimentos recentes em máquinas de fiação automatizadas.

Os compradores de algodão do Egito também relatam importações de algodão da África Ocidental e do Sudão. O algodão sudanês não aparece nos dados comerciais porque o comércio é em grande parte informal. Com base em relatos da mídia local, estima-se que o total das importações de algodão sudanês para o Egito no ano comercial 2023/2024 esteja entre 175.000 e 345.000 fardos (38.000 e 75.000 toneladas). O algodão ELS no Sudão não é produzido em quantidades significativas. O comércio é misto entre algodão em caroço e pluma de variedades de algodão “Upland” transgênico. Os relatos dos comerciantes e dos meios de comunicação social confirmam o abandono generalizado nas áreas de produção primária do Sudão. A maioria das operações de descarçamento no Sudão estão paralisadas devido ao conflito em curso.

## Política tarifária egípcia para a importação de algodão

O Egito não impõe tarifas de importação (tarifa zero) sobre o “algodão, não cardado nem penteado” (SH 520100), mas impõe tarifa de 5% para a importação de “algodão cardado ou penteado” (SH 520300).

Tabela 1 – Situação tarifária, exportações e distância dos principais competidores

Competidor	Tarifa NMF	Tarifa efetivamente aplicada	Margem Pref.	Ano tarifa	Valor exportado em 2023 (em milhares de USD)	Distância p/ o Egito (em Km)
Sudão	0%	0%	0%	2019	114.916	2.079
Grécia	0%	0%	0%	2019	114.916	1.130
EUA	0%	0%	0%	2019	20.718	9.343
Burkina Faso	0%	0%	0%	2019	2.780	3.964

## Exportações brasileiras de algodão ao Egito

O Brasil começou a exportar algodão em pluma ao Egito no início do ano de 2023, após a oficialização da abertura do mercado egípcio no mês de janeiro daquele ano.

No ano de 2023 o Brasil exportou aproximadamente 4.565 toneladas de “algodão, não cardado nem penteado” (SH 520100), o que resultou em US\$ 8,05 milhões em divisas.

No ano passado foram exportadas quase 32 mil toneladas do produto brasileiro ao Egito, o que resultou em vendas no valor de US\$ 56 milhões. Esse aumento nas vendas colocou o Egito na 10ª posição na lista de maiores importadores do algodão em pluma do Brasil em 2024.



E o início do ano de 2025 já revela ser promissor para as exportações brasileiras de algodão em pluma ao Egito no corrente ano: somente no mês de janeiro o Brasil já exportou US\$ 15 milhões do produto ao Egito. Isso significa um expressivo aumento de 814% em relação ao mês de janeiro de 2024.



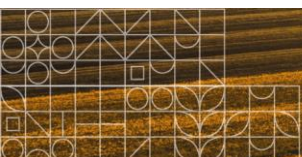
## Análise SWOT para o algodão em pluma do Brasil no Egito

### FORÇAS (internas, positivas):

- Enorme mercado, com demanda crescente para a maioria das roupas de algodão;
- A disponibilidade local de algodão extralongo de alta qualidade, utilizado como insumo para produtos de vestuário de alto valor;
- O Egito tem oportunidades que vão além dos principais mercados de consumo, como, por exemplo, em mercados regionais com alto potencial de crescimento e no mercado local relativamente grande;
- Redução tarifária de acordo com o MERCOSUL (a tarifa é zero para o algodão em pluma - SH 520100);
- Legislação robusta que regula o cultivo do algodão e controla a contaminação da fibra;
- Projeto de cardagem e fição de algodão (produção de fios finos de algodão) (Programas de Doadores: UNIDO – ILO – ITC);
- No Egito, o objetivo de desenvolver o setor de têxteis e vestuário é um importante pilar da estratégia “Visão 2035” do país, razão pela qual o setor é promovido por um conjunto abrangente de políticas e instituições;
- Acesso livre de impostos e cotas aos principais mercados de consumo (EUA e UE);
- Egito – acordo associado aos EUA – QIZ (programa de zona industrial qualificada do Egito), permite que produtos fabricados em uma QIZ egípcia sejam exportados para os EUA a uma taxa de tarifa zero;
- Um ambiente institucional comprometido em apoiar o setor e melhorar seu desempenho por meio de diversas políticas;
- O Egito planeja instalar a maior fábrica de fição e tecelagem do mundo em *Mahalla al-Kubra*, a um custo de cerca de 900 milhões de libras egípcias (aprox. US\$ 18 milhões).

### FRAQUEZAS (internas, negativas):

- A maior parte do algodão produzido no Egito é exportado (72%), na forma bruta (majoritariamente) ou beneficiado;
- Falta de modernização e capacidade limitada dos trabalhadores;
- As fiandeiras públicas ainda estão em processo de reforma, limitando o uso doméstico;
- O sistema de capacitação técnico-profissional do Egito provou ser incapaz de fornecer mão de obra qualificada para as indústrias (deseja-se iniciar uma nova visão para o desenvolvimento, mas ainda não há resultados efetivos; demanda por Escolas Técnicas especiais para têxteis, tinturaria, estamperia e processamento têxtil, roupas prontas);
- Insumos de algodão (algodão para tecido), especialmente de fibra curta, importados de outros mercados por cerca de US\$ 587 milhões ao ano. A maior parte da produção têxtil nacional usa



variedades importadas de algodão de fibra curta e média, que muitas vezes são importadas a custos mais altos em comparação com fiandeiras, devido a barreiras não tarifárias e pedidos de escala menor).




## OPORTUNIDADES (externas, positivas):

- Legislação em que apenas origens registradas [Estados Unidos (exceto o Texas), Síria, Burkina Faso, Costa do Marfim, Benin, Grécia, Turcomenistão, Sudão e Brasil] podem exportar para o Egito o algodão em pluma;
- O Brasil é o maior exportador e o terceiro maior produtor de algodão em pluma do mundo;
- Alta tecnologia utilizada na fabricação de têxteis e confecções no Brasil;
- Tecnologia de cultivo de algodão bem desenvolvida no Brasil;
- O Egito tem muitos acordos comerciais com outros países e, portanto, pode ser um centro de reexportação.

## AMEAÇAS (externas, negativas):

- A depreciação da libra egípcia (EGP) frente ao dólar estadunidense (USD) elevou significativamente o custo dos insumos importados. O aumento da taxa de inflação e o alto custo dos financiamentos também afetaram seriamente o crescimento da indústria têxtil;
- Renda média razoavelmente baixa e sensibilidade ao preço do consumidor (derivada do menor poder aquisitivo);
- A pequena distância entre o Egito e a Grécia favorece as aquisições do produto grego pelos compradores egípcios (a Grécia é o principal fornecedor egípcio, exatamente por esse motivo).

## As quatro estratégias genéricas para o mercado egípcio de algodão

ALGODÃO EM PLUMA (SH 520100)	FORÇAS (F)	FRAQUEZAS (f)
	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Enorme mercado, com preferência por vestuário feito de algodão;</li><li>2. Disponibilidade local de algodão extralongo de alta qualidade;</li><li>3. O Egito é considerado um mercado-chave de consumo, e com potencial de crescimento;</li><li>4. Tarifa zero para algodão descaroçado SH 520100 (ALC Mercosul-Egito);</li><li>5. Estratégia robusta para controlar a contaminação da fibra;</li></ol>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. A maior parte do algodão produzido no Egito é exportado na forma bruta;</li><li>2. Falta de modernização e capacidade limitada dos trabalhadores.</li><li>3. Uma cadeia de valor quase verticalmente integrada com um grande setor têxtil e de confecções;</li><li>4. As fiandeiras públicas ainda estão em processo de reforma, limitando o uso doméstico;</li></ol>

	<p>6. Acesso livre de impostos e cotas aos principais mercados de consumo (UE e EUA);</p> <p>7. O Egito planeja estabelecer a maior fábrica de fiação e tecelagem do mundo.</p>	<p>5. O sistema de capacitação técnico-profissional do Egito provou ser incapaz de fornecer mão de obra qualificada para as indústrias;</p> <p>6. Insumos de algodão, especialmente de fibra curta, importados de outros mercados por cerca de US\$ 587 milhões ao ano.</p>
<p><b>OPORTUNIDADES (O)</b></p> <p>1. Legislação em que apenas origens registradas podem exportar para o Egito o algodão descaroçado, e o Brasil recentemente se tornou uma delas;</p> <p>2. Alta tecnologia utilizada na fabricação de têxteis e confecções no Brasil;</p> <p>3. Tecnologia de cultivo de algodão bem desenvolvida no Brasil;</p> <p>4. O Egito tem muitos acordos comerciais com outros países, e, portanto, pode ser um centro de reexportação.</p>	<p><b>Estratégias</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Missões de promoção comercial para apresentar o algodão brasileiro e as suas especificações;</li> <li>- Convidar os principais protagonistas para participar das conferências realizadas pela ABRAPA;</li> <li>- Dar destaque ao Programa "Cotton Brazil";</li> <li>- Compartilhar tecnologia moderna para fabricação de têxteis e vestuário.</li> </ul>	<p><b>Estratégias</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como o Brasil é o maior exportador mundial de algodão, pode participar efetivamente do mercado egípcio, para preencher lacunas de necessidades de fabricação;</li> <li>- Participação no aperfeiçoamento de programas delineados para o desenvolvimento têxtil e do algodão (treinamento de trabalhadores, tecnologia avançada de fiação).</li> </ul>
<p><b>AMEAÇAS (A)</b></p> <p>1. Depreciação da libra egípcia (EGP), que elevou significativamente o custo dos insumos importados;</p> <p>2. Renda média razoavelmente baixa e sensibilidade aos preços do consumidor (derivada de menor poder aquisitivo).</p>	<p><b>Estratégias</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhar para dotar as linhas de transporte marítimo com custos adequados, visando reduzir os efeitos negativos do alto frete no preço do produto final, além de aproveitar as vantagens da tarifa zero.</li> </ul>	<p><b>Estratégias</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise de custo-benefício para os produtos com margem de lucro aceitável.</li> <li>- Buscar a implantação de vôos diretos entre o Egito e o Brasil.</li> </ul>

## Conclusões

- 1) O Egito enfrenta uma tendência de queda, tanto na área plantada quanto na produtividade, ao longo dos últimos 15 anos. Por isso, o país tem ampliado suas importações de algodão;
- 2) O produto brasileiro possui qualidade e preços competitivos, com boas perspectivas para conquistar parte do mercado ainda dominado por Grécia e Sudão;
- 3) Exportar algodão para o Egito é uma chancela de qualidade, e que tende a se reverter em vantagem competitiva para o Brasil poder acessar novos mercados;
- 4) Há potencial para utilizar o Egito como centro de processamento e reexportação de produtos têxteis, devido ao acesso facilitado aos principais mercados de consumo (UE e EUA);
- 5) A Grécia e o Sudão são atualmente os principais fornecedores de algodão em pluma para o mercado egípcio. Podemos inferir que a Grécia é o principal fornecedor devido aos seguintes fatores:
  - O preço, notadamente porque o algodão grego encontra-se ao abrigo do programa de subsídios da União Europeia (UE), de acordo com o Regulamento nº 1307/2013;
  - A Grécia é um grande exportador de algodão. Foi o 7º maior exportador mundial em 2023;
  - É o país que se encontra mais próximo do Egito, o que se reflete nos reduzidos custos de frete;
  - A reconhecida qualidade do algodão grego;
  - Os comerciantes e importadores egípcios podem viajar com mais facilidade à Grécia, a fim de inspecionar previamente as suas compras.

**Observação:** as razões acima descritas pelas quais a Grécia é, atualmente, o principal fornecedor de algodão em pluma ao Egito, corroboram com as opiniões dos comerciantes e importadores egípcios, conforme transcrição de uma das opiniões abaixo:

*“O algodão brasileiro conseguirá atender às necessidades do mercado egípcio, principalmente no período de **junho a setembro**, pois nesse período não há produção nos mercados vizinhos que possam suprir a demanda do Egito. Isto leva à não necessidade de armazenamento, e, conseqüentemente, economia dos custos que seriam empregados para estocagem adicional de algodão para cobrir o referido período”.*

Sr. Ahmed AbdelSatar (Gerente de Compras da empresa Alroubaia Co. Fourtex), durante a missão da ABRAPA ao Egito, em maio de 2024, para promoção comercial do algodão brasileiro (*Brazil Cotton Outlook*).



## EMIRADOS ARABES UNIDOS

### FRUTAS TROPICAIS BRASILEIRAS NOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS: OPORTUNIDADES EM UM MERCADO EM EXPANSÃO E HUB LOGÍSTICO PARA O GOLFO

**Número:** ABUD-03-2025

**Data:** 12/02/2025

**Posto:** Abu Dhabi/Emirados Árabes Unidos

**Palavras-chave:** frutas tropicais; Emirados Árabes Unidos; certificação halal; logística; reexportação

**Responsável:** Vanessa Medeiros de Jesus - Adida Agrícola em Abu Dhabi

**SUMÁRIO:** O relatório analisa o mercado de frutas tropicais nos Emirados Árabes Unidos (EAU), destacando oportunidades para o Brasil ampliar exportações. Em 2024, os EAU importaram US\$ 1,2 bilhão em frutas, com mangas, abacaxis e mamões liderando as importações. Apesar da concorrência de Índia e Filipinas, o Brasil pode explorar nichos premium, produtos processados (polpas, sucos) e certificações orgânicas e halal. O país também atua como hub logístico, reexportando 300 mil toneladas para mercados vizinhos. Desafios incluem logística, exigências fitossanitárias e custos. Recomenda-se investir em parcerias locais, promoção em feiras como *Gulfood*, logística eficiente e marketing direcionado à saúde. O estudo conclui que a qualidade superior das frutas brasileiras, aliada a estratégias de valor agregado, posiciona o Brasil como fornecedor estratégico neste mercado em crescimento.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





Os Emirados Árabes Unidos (EAU) são um dos mercados mais dinâmicos e estratégicos para o agronegócio brasileiro, especialmente no segmento de frutas tropicais. Com uma população multicultural, alto poder aquisitivo e uma forte dependência de importações para atender à demanda interna, o país apresenta um ambiente favorável para a expansão das exportações brasileiras. Em 2024, os EAU importaram cerca de US\$ 1,2 bilhão em frutas frescas e processadas, sendo as frutas tropicais como manga, abacaxi e mamão os principais destaques.

A crescente conscientização sobre saúde e bem-estar, aliada ao interesse por alimentos exóticos e de alta qualidade, tem impulsionado a demanda por frutas tropicais nos EAU. Além disso, o mercado local valoriza produtos com certificações específicas, como orgânicos e halal, o que representa uma oportunidade para o Brasil diversificar sua oferta e agregar valor às exportações.

Este relatório busca analisar o panorama do mercado de frutas tropicais nos EAU, identificar tendências e desafios e propor estratégias para fortalecer a presença brasileira neste mercado promissor.

## 1. Panorama do Mercado de Frutas Tropicais nos EAU

### 1.1 Consumo e Importações

Os EAU importam cerca de 90% dos alimentos que consomem, incluindo frutas tropicais. Em 2024, o país importou aproximadamente US\$ 1,2 bilhão em frutas frescas e processadas, com destaque para mangas (22%), abacaxis (18%) e mamões (12%). A demanda é impulsionada por consumidores locais e expatriados que valorizam frutas frescas e saudáveis.

Tabela 1: Principais Frutas Tropicais Importadas pelos EAU (2024)

Fruta	Participação (%)	Valor importado (US\$ milhões)
Manga	22	264
Abacaxi	18	216
Mamão	12	144
Outras	48	576

Fonte: International Trade Centre (ITC), 2024.

### 1.2 Principais Fornecedores

Os principais fornecedores de frutas tropicais para os EAU são a Índia, Filipinas e Tailândia. O Brasil ocupa uma posição ainda modesta neste mercado, mas tem potencial para aumentar sua participação devido à qualidade superior de suas frutas e à capacidade de produção em larga escala.

Tabela 2: Participação dos Principais Exportadores de Frutas Tropicais para os EAU (2024)

País	Participação (%)
------	------------------



Índia	35
Filipinas	25
Tailândia	15
Brasil	5
Outros	20

Fonte: ITC Trade Map, 2024.



86

### 1.3 Tendências do Mercado

- Saúde e Bem-Estar: O aumento da conscientização sobre saúde está impulsionando a demanda por frutas frescas e orgânicas.
- Produtos Processados: Há um crescimento na procura por polpas congeladas, sucos prontos e snacks saudáveis feitos com frutas tropicais.
- Sazonalidade: Durante o verão nos EAU (maio a setembro), a demanda por frutas tropicais aumenta significativamente.
- Demanda por orgânicos: Há um aumento na preferência por produtos orgânicos e sustentáveis, especialmente entre consumidores jovens.

## 2. Oportunidades Estratégicas para o Brasil

### 2.1 Exportação de Mangas Premium

O Brasil é reconhecido pela alta qualidade de suas mangas, especialmente as variedades Tommy Atkins e Palmer. As exportações brasileiras podem focar em nichos premium no mercado emirático, competindo com fornecedores tradicionais como a Índia.

### 2.2 Polpas Congeladas e Produtos Processados

A crescente demanda por conveniência alimentícia abre espaço para produtos como polpas congeladas de açaí, manga e maracujá. O Brasil pode explorar esse segmento com marcas já consolidadas no mercado global.

### 2.3 Certificação Orgânica

Frutas tropicais orgânicas têm ganhado popularidade nos EAU devido à preocupação com saúde e sustentabilidade. O Brasil pode investir na certificação orgânica para atender a esse nicho.

### 2.4 Reexportação como Hub Regional



Além de atender ao consumo interno, os EAU desempenham um papel estratégico como hub logístico para reexportação de frutas tropicais para países vizinhos no Golfo e na Ásia. Em 2023, cerca de 300 mil toneladas de frutas frescas foram reexportadas para mercados como Omã, Arábia Saudita e Kuwait.



Tabela 3: Principais Destinos das Reexportações de Frutas Tropicais pelos EAU (2023)

País destino	Volume reexportado (mil toneladas)
Omã	110
Arábia Saudita	95
Kuwait	70
Outros	25

Fonte: FreshPlaza (2024)

### 3. Desafios no Mercado Emirático

- Concorrência Internacional: Países asiáticos (Índia e Filipinas, principalmente) possuem vantagens logísticas devido à proximidade geográfica.
- Logística e Distribuição: O transporte aéreo ou marítimo é essencial para garantir a qualidade das frutas frescas brasileiras.
- Exigências Fitossanitárias: Os EAU têm padrões rigorosos para importação de produtos agrícolas, exigindo conformidade com requisitos fitossanitários.

### 4. Recomendações Estratégicas

1. Parcerias Locais: Estabelecer parcerias com distribuidores emiráticos para melhorar a penetração no mercado.
2. Promoção Comercial: Participar de feiras como *Gulfood* para promover as frutas brasileiras diretamente aos compradores locais.
3. Investimento em Logística: Garantir transporte rápido e eficiente para manter a qualidade das frutas frescas.
4. Certificação Halal: Certificar produtos processados como halal para atender às exigências culturais da região.
5. Marketing Focado em Saúde: Destacar os benefícios nutricionais das frutas brasileiras em campanhas publicitárias.

### Conclusão

O mercado de frutas tropicais nos Emirados Árabes Unidos oferece um grande potencial para o Brasil expandir suas exportações agrícolas. A alta qualidade das frutas brasileiras, aliada ao crescente interesse por alimentos saudáveis e exóticos, posiciona o país como um fornecedor estratégico neste segmento. Para aproveitar essas



oportunidades, é essencial investir em logística eficiente, certificações específicas e estratégias promocionais direcionadas ao consumidor local.

O mercado de frutas tropicais nos Emirados Árabes Unidos (EAU) apresenta-se como uma oportunidade estratégica para o agronegócio brasileiro, especialmente devido à crescente demanda por alimentos saudáveis, exóticos e de alta qualidade. Com importações que chegaram a US\$ 1,2 bilhão em 2024 e uma posição consolidada como hub logístico regional, os EAU oferecem um ambiente favorável para a expansão das exportações brasileiras de frutas como manga, abacaxi, mamão e produtos processados, como polpas congeladas e sucos.

Apesar da concorrência significativa de países asiáticos, como Índia e Filipinas, o Brasil possui vantagens competitivas que podem ser exploradas, incluindo a qualidade superior de suas frutas tropicais e a capacidade de atender nichos específicos, como o mercado premium e orgânico. No entanto, desafios relacionados à logística, conformidade fitossanitária e custos de transporte precisam ser enfrentados com estratégias bem definidas.



88





## ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

### APLICAÇÃO DE TARIFAS DOS EUA SOBRE O ETANOL BRASILEIRO

**Número:** WAS-04-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** WASHINGTON/ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

**Palavras-chave:** etanol; tarifas ao produto exportado pelo Brasil

**Responsável:** Ana Lúcia de Paula Viana e Mateus Voltolini

**SUMÁRIO:** O governo dos EUA, sob Donald Trump, anunciou planos para implementar tarifas recíprocas em países que impõem barreiras às exportações americanas, como parte do "*Fair and Reciprocal Plan*". O etanol está no centro das tensões comerciais entre EUA e Brasil. Apesar de os EUA terem uma tarifa de 2,5% sobre o etanol importado, o Brasil impõe taxas que chegaram a 18% em 2024, afetando significativamente as exportações americanas. Historicamente, as negociações incluíram cotas e reduções temporárias, eventualmente dando espaço a retomada da tarifa de importação pelo Brasil. O plano americano visa reduzir déficits comerciais e equilibrar tarifas por meio de instrumentos legais e sanções. O setor permanece instável, exigindo cautela do Brasil.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





O presidente americano Donald Trump anunciou no dia 13 de fevereiro seus planos para impor tarifas recíprocas sobre os países que cobram impostos sobre os produtos americanos. Segundo o comunicado emitido pela Casa Branca, os Estados Unidos são uma das economias mais abertas do mundo, mas seus parceiros comerciais mantêm seus mercados fechados para as exportações americanas. De acordo com Trump, a falta de reciprocidade é injusta e contribui para o grande e persistente déficit comercial anual dos Estados Unidos.

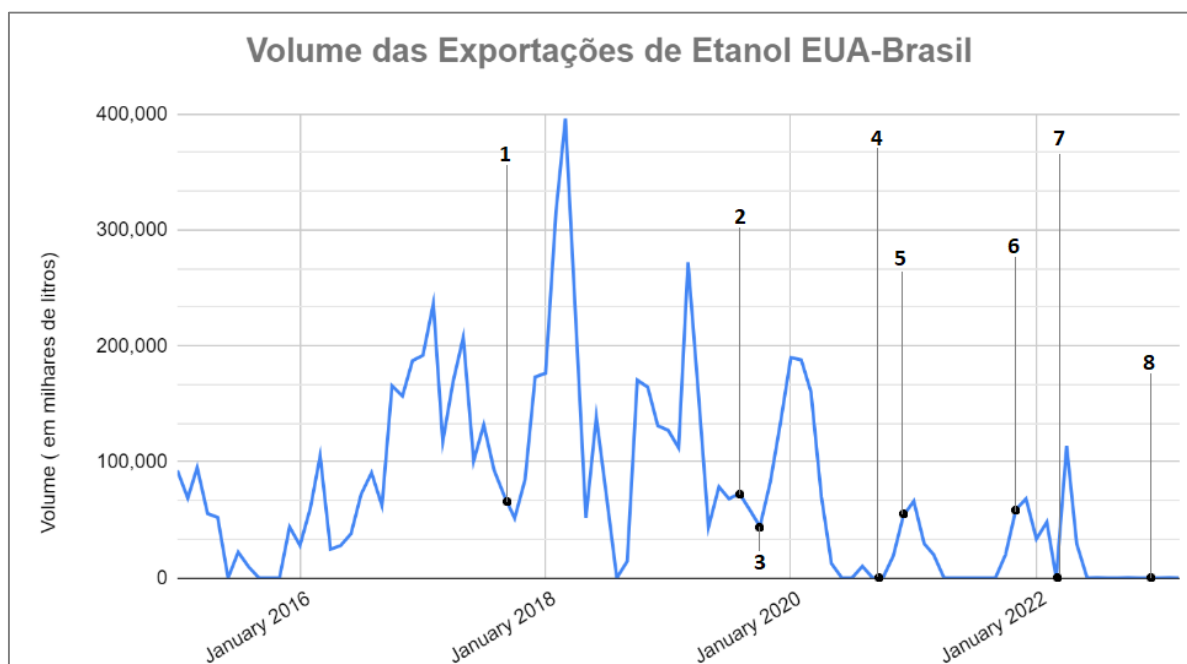
A tarifa dos EUA para importações do produto é de 2,5%. No entanto, o Brasil cobra uma tarifa de 18% sobre as exportações de etanol dos EUA. Como resultado, em 2024, os EUA importaram mais de US\$ 200 milhões em etanol do Brasil, enquanto os EUA exportaram US\$ 52 milhões em etanol para o Brasil, segundo os números divulgados na Casa Branca. Dados da *Renewable Fuels Association* (RFS) demonstram que as exportações de etanol dos EUA para o Brasil passaram de 489 milhões de galões em 2018, com um valor de US\$ 761 milhões, para apenas 28 milhões de galões em 2024.

### **Linha-do-Tempo: Dados de Importação de Etanol do Brasil proveniente dos EUA:**

Do total de etanol importado pelo Brasil em 2019, 90,66% (1,3 bilhão de litros) foram provenientes dos Estados Unidos. Até julho de 2020, o Brasil já tinha importado 841 milhões de litros de etanol. Desse volume, 747 milhões de litros, ou 88,82%, vieram dos EUA. A linha-do-tempo a seguir, juntamente com o gráfico (página 3), demonstram o volume exportado mensalmente pelos americanos ao Brasil em relação aos pontos de mudanças tarifárias no período analisado:

1. **Agosto/2017:** A Câmara de Comércio Exterior aprova a adoção de cota de etanol importado dos Estados Unidos. O volume da cota é fixado em 600 milhões de litros, com um limite trimestral de 150 milhões de litros. Implementação da taxa de 20% sobre o volume excedente.
2. **Agosto/2019:** Proposta de aumento da cota para 750 milhões de litros, limitando cada trimestre a 187,5 milhões de litros.
3. **Setembro/2019:** A cota para importações anuais de etanol é publicada no Diário Oficial da União. Assim como determinado anteriormente, os volumes que ultrapassarem o limite estão sujeitos a uma tributação de 20%.
  - a. **Outubro/2019:** Ajuste na parcela da cota para os últimos dois trimestres do período (entre 1º de março até 30 de agosto de 2020). O objetivo é que 550 milhões de litros da cota fiquem concentrados entre o período de entressafra das usinas do Nordeste. 275 milhões de litros terão que ser escoados de 1º de março até 31 de maio de 2020, enquanto os outros 275 milhões de litros ficam reservados para o período de 1º de junho a 30 de agosto de 2020.
4. **Setembro/2020:** Prorrogação de três meses da cota de importação de etanol proveniente dos EUA, estendendo-se para os meses de setembro, outubro e novembro de 2020. O trimestre corresponde a um volume adicional de 187,5 milhões de litros e visa ganhar tempo para a negociação de uma posição melhor para a exportação de açúcar brasileiro aos EUA.

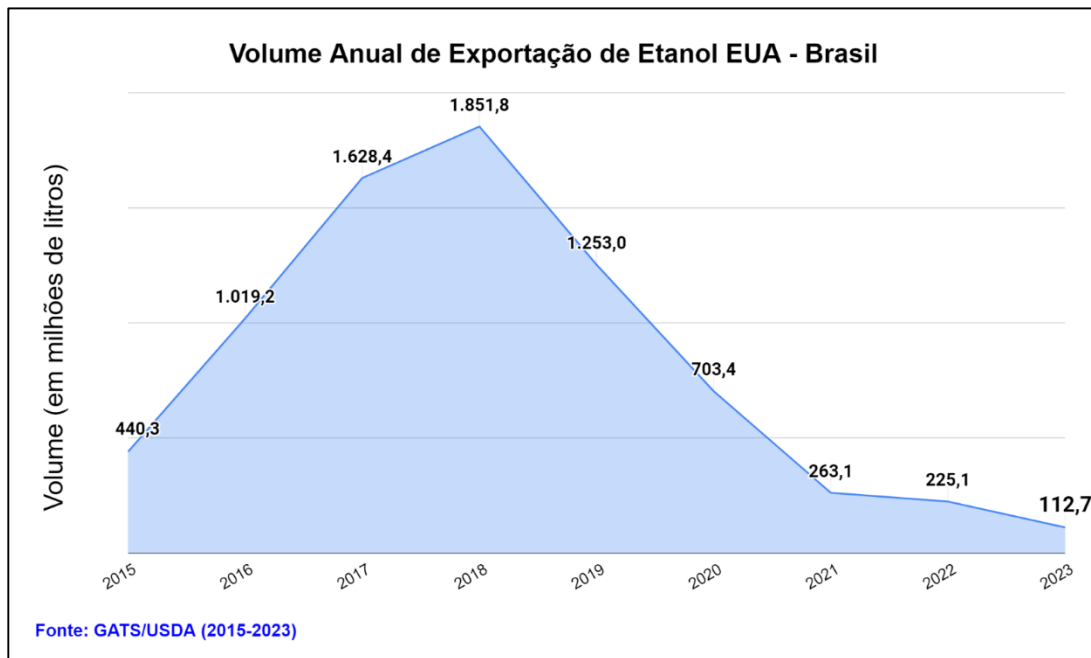
5. **Dezembro/2020:** Encerra-se a prorrogação da cota de etanol sem novo acordo de importação. Todas as importações de etanol dos EUA no Brasil agora enfrentam uma tarifa de 20%. 
6. **Novembro/2021:** Governo avalia zerar imposto de importação do etanol. Em pedido, distribuidoras alegam que seria necessário importar cerca de 900 milhões de litros de etanol anidro do começo de novembro de 2021 ao fim de abril de 2022 para complementar a produção nacional durante a entressafra. 
7. **Março/2022:** O governo anuncia o fim da alíquota de importação de 18% sobre o etanol. A redução dos impostos foi publicada no Diário Oficial da União no dia 23 de março.
8. **Fevereiro/2023:** O governo brasileiro decide acabar com a isenção de tarifa sobre as importações de etanol com efeito imediato. As importações de etanol tornam-se sujeitas a uma taxa de 16% para entrar no Brasil até o final do ano, alcançando 18% em 2024.



Fonte: GATS/USDA

Anualmente, as exportações atingiram os seguintes volumes entre 2015 e 2023:





92

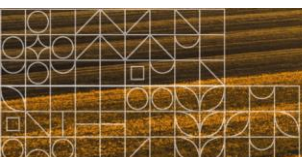
## Desafios e Considerações

A questão do Etanol está sob o plano proposto pela Casa Branca, intitulado "*Fair and Reciprocal Plan*" (Plano Justo e Recíproco), que tem como objetivo:

- Reduzir o déficit comercial e garantir equilíbrio nas relações comerciais.
- Contrabalançar barreiras comerciais injustas, determinando tarifas equivalentes às impostas pelos parceiros comerciais dos EUA.
- Avaliar práticas não tarifárias, que prejudicam as exportações americanas, como regulamentações excessivas, subsídios estrangeiros e manipulação cambial.
- Garantir competitividade para trabalhadores, indústrias e produtores rurais americanos.

O plano envolve um estudo aprofundado das relações comerciais com cada país e a implementação de tarifas recíprocas quando necessário. Entre as medidas propostas, encontra-se a adoção de ações legais sob normas como a Seção 301 da Lei de Comércio de 1974 e a Seção 232 da Lei de Expansão Comercial de 1962 para impor novas tarifas e sanções. O Brasil deve permanecer atento às possíveis mudanças no setor. Cabe reiterar que a tarifa ainda não entrou em efeito e que a situação permanece volátil.

## Conclusão



A disputa tarifária sobre o etanol entre Brasil e Estados Unidos reflete a busca por equilíbrio comercial e competitividade. Enquanto os EUA pressionam por reciprocidade para proteger seus produtores, o Brasil deve adotar uma postura estratégica, garantindo suas demandas no mercado externo, como a exportação de açúcar. Com o cenário volátil e as mudanças tarifárias frequentes, o Brasil deve monitorar as ações americanas e se preparar para negociações que considerem tanto os interesses de seu setor agroindustrial quanto os impactos na relação comercial mais ampla entre os dois países.



93



94

## ETIÓPIA

### TEFF

**Número:** ADIS-02-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Adis Abeba/ Etiópia

**Palavras-chave:** teff; cereal; gluten-free

**Responsável:** Fabiana Villa Alves

**SUMÁRIO:** O teff, cereal do tipo *gluten-free* originário da Etiópia e da Eritreia, é a base alimentar desses países. Utilizado para a produção de *injera*, pão típico fermentado e esponjoso, é consumido em praticamente todas as refeições, representando 12% das despesas alimentares da população etíope. Seu cultivo ocupa 20% da área agricultável do país, destacando-se as regiões de Oromia e Amhara como principais produtoras. Apesar de sua relevância cultural e econômica, o teff ainda é pouco estudado, e seu potencial de cultivo em solos ácidos e expansão no mercado internacional ainda é pouco explorado. Compreender o sistema produtivo e mercado do teff pode gerar *insights* para oportunidades comerciais e de cooperação técnica entre o Brasil e a Etiópia.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

O teff (*Eragrostis tef*), nativo da Etiópia e Eritreia, é um cereal essencial para ambos os países, sendo a base da produção da “injera”, um pão fermentado, achatado e esponjoso, diariamente consumido na região. Cultivado na Etiópia há pelo menos 2000 anos, o teff é um pilar importante da herança culinária e cultural da nação e da identidade nacional. Os etíopes dependem fortemente do teff em sua culinária, que atua como um marcador de identidade entre os mais de 80 grupos étnicos do país, e ajuda sua sociedade a traçar relacionamentos sociais, por meio da reunião em torno do prato e de seu compartilhamento.



95



**Figura 1.** Injera. Fonte: Arquivo pessoal

Na Etiópia, cerca de 20% da área cultivada é dedicada ao teff, com as regiões de Oromia (48%) e Amhara (39%) sendo as principais produtoras. O teff é considerado uma planta altamente resiliente e adaptável a diferentes zonas agroecológicas e altitudes. Para um bom desempenho, exige uma precipitação anual de 750-850 mm, sendo 450-550 mm distribuídos durante a estação de crescimento, e pode resistir a períodos de seca com apenas 300 mm de precipitação. Cresce em altitudes que variam entre 1.000 e 2.500 metros e temperaturas médias de 10 °C a 27 °C. Além disso, apresenta alta resistência a pragas e doenças, baixa incidência de perdas pós-colheita e pode ser consorciado com outras culturas, como cebola vermelha, grão-de-bico, feijão e lentilha, favorecendo a diversificação agrícola, especialmente para pequenos produtores.





Figura 2. Detalhe da panícula de *Eragrostis tef*. Fonte: <https://www.voanews.com/a/teff-an-ancient-grain-from-ethiopia-takes-root-on-us-plains/6497652.html>

Apesar de sua importância econômica e cultural, o teff ainda é considerado uma "cultura órfã", recebendo investimentos limitados em pesquisa e desenvolvimento. Enquanto cereais como trigo, milho e arroz passaram por avanços tecnológicos significativos, o teff ainda carece de inovações em melhoramento genético, manejo pós-colheita, processamento industrial e estratégias de mercado.

Do ponto de vista nutricional, o teff é muitas vezes comparado à quinoa e tem sido chamado de a "nova quinoa". Trata-se de um cereal naturalmente sem glúten, rico em carboidratos complexos, com teor proteico entre 8,7% e 11%, similar ao do trigo. É uma boa fonte de fibras, ácidos graxos e cálcio. Embora tradicionalmente considerado rico em ferro, estudos indicam que essa característica se deve, em grande parte, à contaminação por partículas do solo durante a colheita e não necessariamente ao conteúdo intrínseco do grão.

Uma característica distintiva do teff é o tamanho extremamente pequeno de suas sementes e grânulos de amido (2–6 µm). As sementes são minúsculas, e cerca de 150 grãos de teff podem caber dentro de um dedal. Isso impossibilita a separação das diferentes frações do grão no processo de moagem, o que faz com que ele seja consumido integralmente (com farelo e gérmen), proporcionando uma ingestão de fibras superior à de muitos outros alimentos sem glúten. Seu teor total de fibras (8 g/100 g) é ligeiramente menor que o do trigo (9,5 g), mas superior ao da quinoa (7 g).

A demanda por teff vem extrapolando os limites dos países africanos. Isso se deve, em parte, ao aumento das comunidades da diáspora do Chifre da África e ao número crescente de restaurantes etíopes e eritreus em todo o mundo.



Figura 3. Farinha de teff.

Fonte: <https://web.facebook.com/photo/?fbid=2401685096514330&set=ecnf.100057418090802>

### Mercado Nacional e Global

A Etiópia é responsável por cerca de 98% da produção mundial de teff. Depois do *Coffea arabica*, o teff é considerado o segundo “presente” da Etiópia para o mundo.



Figura 4. Produtos industrializados à base de teff. Fonte: <https://addisfortune.news/wp-content/uploads/2019/01/lovegrass-produces-900.jpg>



Com a globalização do teff, o país tem enfrentado problemas com o suprimento interno do produto, e o governo já busca soluções para aumentar a produção nacional, e conter a lacuna entre demanda e oferta domésticas, com vistas a uma iminente insegurança alimentar no país. Devido ao aumento do custo de vida no país, pequenos agricultores vendem toda a sua colheita de teff como forma de renda, deixando de consumi-lo. Além disso, a produção de teff está diminuindo em áreas próximas à capital Addis Abeba, devido à expansão de fazendas de flores, parques industriais operados por estrangeiros e o crescimento urbano acelerado da capital.

O preço médio do teff (8.500 Birrs, ou cerca de 23 dólares, a cada 100kg) é considerado elevado, se comparado à renda mensal *per capita* da população (85 dólares) para o poder aquisitivo da população (valores de referência – fev/2025). Como consequência, muitas famílias etíopes precisam recorrer a grãos menos nutritivos e mais baratos, como milho e trigo, e só conseguem consumir teff misturado a outros cereais em ocasiões especiais, como nos feriados religiosos.

O governo etíope proibiu a exportação de teff não processado para evitar uma crise alimentar no país. No entanto, essa política não tem sido eficaz, pois os preços continuam subindo e a escassez interna persiste. Pequenos agricultores enfrentam desafios adicionais, pois o cultivo de teff é intensivo em mão-de-obra, e exige tração animal (aração com bois), o que dificulta a produção por famílias sem esses recursos. Muitos estão substituindo o teff por culturas não nativas, como milho, que têm rendimento maior por hectare.

Enquanto isso, na Região de Afar, tradicionalmente considerada pastoril, o cultivo de teff tem mostrado progressos notáveis. Desde 2020, esforços significativos foram feitos para expandir o cultivo em 28 distritos (*woredas*), tanto em sistemas de sequeiro, quanto sob irrigação. Investidores privados e empresários estão cada vez mais engajados na produção irrigada de teff, que já ocupa 8.188 hectares na região, demonstrando o potencial de novas áreas de cultivo para mitigar a crise de oferta interna.

Por fim, a globalização do teff está redefinindo o *status social* dentro da Etiópia, onde o pão à base de teff está se tornando um produto de nicho, símbolo de classe alta.

## Contexto Atual e Oportunidades para o Brasil

O setor agrícola etíope, e em particular a produção de teff, continua a enfrentar desafios significativos. A desvalorização contínua do birr, moeda nacional, intensificada por eventos globais – como a instabilidade decorrente do conflito na Ucrânia e a alta nos juros internacionais – tem pressionado a economia local. Além disso, o aumento dos custos de fertilizantes e combustíveis, aliado à persistência de conflitos internos, como a contínua guerra em Tigray e episódios esporádicos em Amhara, compromete a regularidade das atividades agrícolas e a logística de distribuição do teff.

Em 2024, a inflação dos alimentos alcançou 35%, reflexo direto da elevação dos preços dos insumos e da ineficiência na gestão dos estoques de alimentos. Agricultores continuam a relutar em vender o teff a preços fixados pelo governo, pois não cobrem os altos custos de produção, enquanto sindicatos de cooperativas urbanas enfrentam dificuldades para garantir o abastecimento do alimento à população, devido a bloqueios em postos de controle e práticas de manipulação de mercado e preços por intermediários.

Paralelamente, a mudança estratégica do governo para incentivar o cultivo do trigo – que consolidou a Etiópia como o maior produtor de trigo na África Subsaariana, com uma colheita próxima a 7 milhões de toneladas em 2022 – não foi suficiente para mitigar os impactos da crise no mercado do teff, que continua a ser um alimento



básico para uma população onde mais de 20 milhões de cidadãos (15% da população) ainda sofrem com a insegurança alimentar.



Em meio a esse cenário de crise que se arrasta há alguns anos, existe um consenso de que a situação pode, a longo prazo, catalisar reformas profundas no setor agrícola etíope, estimulando a modernização dos sistemas de cultivo, a melhoria na gestão dos recursos e a diversificação das culturas, com o objetivo de construir um sistema mais resiliente e sustentável.

99

Neste contexto, repleto de desafios para a Etiópia, surgem importantes oportunidades para o Brasil, que pode alavancar sua robusta capacidade produtiva e seu vasto know-how agrícola para se posicionar estrategicamente no continente africano. De fato, o Brasil pode contribuir significativamente para a redução da insegurança alimentar na região ao oferecer tecnologias inovadoras, técnicas de manejo sustentável e cooperação em pesquisa e desenvolvimento. Também, existe uma grande oportunidade para o Brasil se tornar um *player* relevante no mercado do teff, explorando o cultivo do cereal como uma cultura de nicho com potencial para atender à demanda global por alimentos saudáveis e sem glúten.



## FRANÇA - ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS EM PARIS

100

### MEDIDAS RELACIONADAS AO COMÉRCIO LIGADAS À SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL DA AGRICULTURA: ESTUDO DA OCDE E GESTÕES BRASILEIRAS

**Número:** PARIS-03-2025

**Data:** 17/02/2025

**Posto:** PARIS/FRANÇA

**Palavras-chave:** Acesso ao mercado; diligência devida; processos e métodos de produção; acordos comerciais regionais; disposições ambientais

**Responsável:** Helena Müller Queiroz

**SUMÁRIO:** O estudo da OCDE publicado em fevereiro de 2025 faz um balanço das medidas de sustentabilidade ambiental relacionadas ao comércio relacionadas à agricultura em países membros da organização. O relatório identificou um total de 130 medidas aplicadas ou aprovadas entre 1997 e 2024. Mais da metade dessas medidas foi introduzida entre 2020 e 2024. A maioria das medidas identificadas são "disposições relacionadas ao meio ambiente" em acordos comerciais regionais (ACRs) com vínculos à agricultura. Algumas medidas são "preferências comerciais ambientais" para produtos agrícolas como parte de ACRs, condicionadas à demonstração de produção ambientalmente sustentável. E as demais medidas são de "acesso ao mercado ambiental" contidas em estruturas regulatórias nacionais, tornando a elegibilidade dos produtos agrícolas para programas governamentais ou seu acesso aos mercados condicionada ao cumprimento de requisitos ambientais.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

## O ESTUDO: CONTEXTO

Vários países estão introduzindo medidas relacionadas ao comércio para abordar questões ambientais relacionadas à agricultura, o que apresenta oportunidades e desafios. Por um lado, algumas medidas relacionadas ao comércio têm o potencial de acelerar a transição para uma agricultura mais sustentável e melhorar a competitividade das exportações produzidas de forma sustentável (OMC, 2022). Por outro lado, na ausência de cooperação regulatória internacional, a multiplicação e a falta de harmonização dessas medidas podem aumentar a fragmentação do sistema de comércio (Matthews, 2023). Os custos de transação decorrentes do cumprimento dessas medidas podem representar um desafio adicional e uma barreira potencial ao comércio, especialmente para pequenos produtores e para produtores em países em desenvolvimento (OMC, 2022; FAO, 2022).

Avaliar os impactos dessas medidas no comércio e na sustentabilidade ambiental da agricultura requer entender até que ponto essas medidas estão sendo implementadas e suas principais características. No entanto, dado o cenário político em evolução dessas medidas, as informações disponíveis são fragmentadas e não são facilmente comparáveis. O relatório *“Trade-Related Measures Linked to the Environmental Sustainability of Agriculture: A Stocktake and Typology”* visa aprofundar a compreensão do panorama das medidas relacionadas ao comércio vinculadas à sustentabilidade ambiental da agricultura, desenvolvendo um inventário e uma tipologia dessas medidas nos países membros da OCDE. O documento fornece um inventário dessas medidas e uma estrutura e linguagem comum para identificar, nomear e definir diferentes tipos de medidas relacionadas ao comércio. O objetivo é aumentar a transparência e a compreensão dessas medidas e facilitar sua comparação.

## ACHADOS DO ESTUDO

O inventário apresentou 130 medidas que foram aplicadas ou aprovadas em 15 países-membros da OCDE e na União Europeia entre 1997 e 2024. Mais da metade dessas medidas (55%) foram introduzidas entre 2020 e 2024.

A grande maioria, 93% das medidas identificadas, estão contidas em acordos comerciais regionais (ACRs), com o restante fazendo parte de estruturas regulatórias nacionais.

As disposições relacionadas ao meio ambiente (Categoria A) com vínculos com a agricultura compreendem 98% das medidas em ACRs. A maioria dessas disposições visa aumentar a cooperação entre as partes em questões agroambientais; algumas incluem compromissos para implementar, aplicar ou fortalecer leis e políticas agroambientais nacionais. As preferências comerciais ambientais (Categoria B) respondem pelos 2% restantes das medidas em ACRs. Essas medidas concedem tarifas preferenciais para produtos agrícolas condicionais à demonstração da sustentabilidade ambiental da produção e foram introduzidas pela primeira vez em 2021 como parte do RTA EFTA-Indonésia.

Todas as medidas relacionadas ao comércio contidas em estruturas regulatórias nacionais são medidas de acesso ao mercado ambiental (Categoria C). Elas tornam a elegibilidade dos produtos agrícolas a certos programas governamentais ou seu acesso ao mercado condicionais ao cumprimento de requisitos ambientais específicos. As medidas da Categoria C foram aprovadas nos últimos anos, mas ainda não foram aplicadas até o momento da publicação do estudo.

Os requisitos definidos nas preferências comerciais ambientais e nas medidas de acesso ao mercado ambiental são baseados em métodos de processo e produção (MPPs), ou seja, na maneira como os produtos são

produzidos. Isso inclui requisitos baseados em práticas (por exemplo, sem desmatamento) e baseados em resultados (por exemplo, limites de redução de emissões de GEE para biocombustíveis). Esses requisitos variam entre os parceiros comerciais e podem resultar custos comerciais desnecessários.

## GESTÕES BRASILEIRAS

Desde a apresentação do estudo na reunião plenária do Grupo de trabalho sobre agricultura e comércio da OCDE (JWPAT, sigla em inglês), em maio de 2023, a delegação brasileira foi muito ativa. Desde a sua primeira intervenção, a delegação mostrou preocupação com o escopo inicial do documento que não incluía a avaliação dos impactos de componentes estruturais do comércio internacional, como o impacto de subsídios agrícolas distorcivos ao comércio e prejudiciais ao meio ambiente e os aspectos de segurança alimentar. Além disso, o Brasil ressaltou que o estudo não considerava os efeitos sociais e econômicos dessas medidas comerciais, que atingem principalmente as commodities agrícolas tropicais.

Outro ponto de atenção introduzido à discussão pela delegação do Brasil foi a superficialidade em se estimar os resultados positivos de políticas apenas por reduções de emissões de gases de efeito estufa ou perda de biodiversidade, sem considerar outros benefícios resultantes do uso em larga escala de tecnologias sustentáveis.

Com base na argumentação brasileira e no suporte de alguns membros como Austrália e Colômbia, o documento publicado em fevereiro faz referência à necessidade de a OCDE aprofundar a análise dessas medidas, incluindo a avaliação de impactos econômicos e sociais, influência no preço dos alimentos e na segurança alimentar, além da mensuração da eficiência dessas medidas na promoção da sustentabilidade ambiental.

O documento também incluiu um quadro sobre a influência negativa dos subsídios agrícolas sobre o comércio e meio ambiente.

E, finalmente, o aprofundamento do estudo sobre as medidas ambientais relacionadas ao comércio foi incorporado ao programa de atividades do Comitê de Agricultura da OCDE, aprovado em outubro de 2024, e o trabalho será realizado no próximo biênio (2025/26).

## FILIPINAS



103

### O MERCADO DE CAFÉ NAS FILIPINAS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA O BRASIL

**Número:** MAN-04-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** Manila/Filipinas

**Palavras-chave:** café; exportação; oportunidades; mercado de nicho; importação; Filipinas

**Responsável:** Virgínia Arantes Ferreira Carpi

**SUMÁRIO:** O mercado de café nas Filipinas está em crescimento, impulsionado pelo aumento do consumo interno e pela popularização das redes de cafeterias. Apesar de possuir produção local, a demanda supera a oferta, tornando o país um importador significativo de café. As Filipinas cultivam variedades como Robusta, Arabica, Excelsa e Liberica, mas enfrentam desafios como baixa produtividade e falta de investimentos em tecnologia. O consumo interno tem crescido expressivamente, levando o país a importar cerca de 50.000 toneladas métricas de grãos anualmente, principalmente do Vietnã, Indonésia, Malásia, Brasil e Suíça. O Brasil, como maior exportador global, tem oportunidades de ampliar sua presença no mercado filipino, especialmente nos segmentos de cafés especiais, café solúvel e café verde. Entretanto, desafios como tarifas de importação, concorrência regional e exigências sanitárias precisam ser considerados. O governo filipino busca aumentar a produção local por meio do "*Philippine Coffee Industry Roadmap 2021-2025*". Para o Brasil, estratégias de promoção comercial e parcerias locais podem fortalecer sua posição nesse mercado promissor.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

O café é uma das bebidas mais consumidas no mundo e desempenha um papel essencial nas economias de diversos países. Nas Filipinas, a cultura do café está em ascensão, impulsionada por fatores como a urbanização, a crescente renda da população e a expansão das redes de cafeterias. No entanto, o país ainda enfrenta desafios significativos para atender à crescente demanda, tornando-se um importador relevante do produto.



104

Este artigo analisa a estrutura do mercado de café nas Filipinas, abordando aspectos como produção, consumo, importação e principais fornecedores, além de destacar as oportunidades e desafios para o Brasil nesse cenário.

## Produção de Café nas Filipinas

O café tem sido uma importante *commodity* agrícola nas Filipinas, desde sua introdução, que remonta ao século XVIII. Desde então, a indústria do café se desenvolveu, impactando positivamente a economia do país, com um crescimento contínuo no consumo interno, principalmente a partir de 2009. Reconhecendo essa relevância, os *stakeholders* do setor desenvolveram o primeiro Plano de Desenvolvimento da Indústria de Café das Filipinas 2017-2022 (*Philippine Coffee Industry Roadmap 2017-2022*, Figura 1). No entanto, novas questões emergiram antes da plena implementação do plano original, levando o governo filipino a revisar e modificar a estratégia com metas de curto (2021-2025), médio (2026-2030) e longo prazo (2031-2040).

Assim, foi elaborado um novo planejamento, em resposta às recomendações do Departamento de Agricultura (DA) para fortalecer a segurança alimentar e a autossuficiência do setor de café, com foco em cinco prioridades:

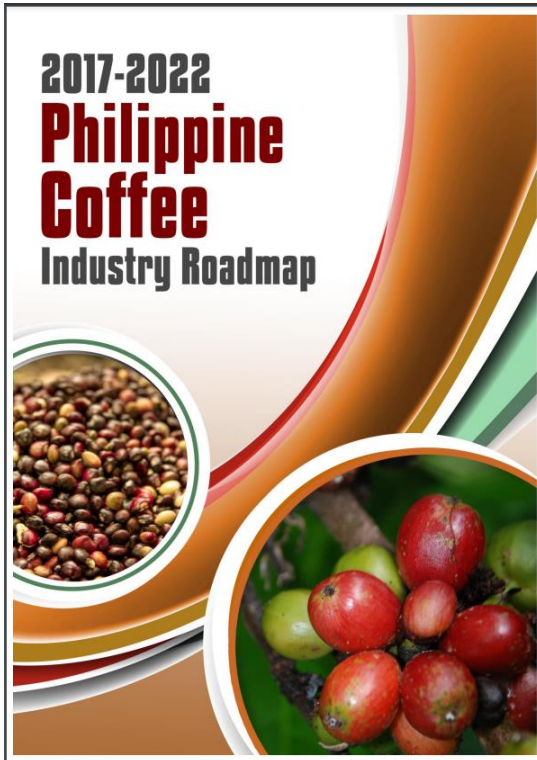
1. Desenvolvimento de um programa para incentivar processadores privados a criar produtos de café competitivos internacionalmente (meta de médio prazo, 2026-2030).
2. Criação de uma base de dados *online* harmonizada sobre preços, produção e produtividade acessível aos *stakeholders* (meta de longo prazo, 2031-2040).
3. Promoção do consumo do café nacional (meta de curto prazo, 2021-2025).
4. Estabelecimento de parcerias entre produtores locais e cafeterias *premium* (meta de médio prazo, 2026-2030).
5. Perfilamento das variedades de café para rastreabilidade e autenticidade por meio de pesquisas laboratoriais (meta de médio prazo, 2026-2030).

Como produto deste planejamento, foi publicado o Plano de Desenvolvimento da Indústria de Café das Filipinas 2021-2025 (*Philippine Coffee Industry Roadmap 2021-2025*, Figura 1), com metas atualizadas, visando impulsionar o desenvolvimento do setor.

A indústria de café das Filipinas compreende predominantemente pequenos agricultores, com 95% das propriedades com menos de 5 hectares. De acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), as Filipinas ocupam o 23º lugar no ranking de países produtores de café do mundo.



Figura 1: Plano de Desenvolvimento da Indústria de Café das Filipinas, edições de 2017-2022 e 2021-2025.



Fonte: *Department of Agriculture (DA)* e *Philippine Council for Agriculture and Fisheries (PCAF)*, 2017 e 2022. (<https://www.da.gov.ph/wp-content/uploads/2019/06/Philippine-Coffee-Industry-Roadmap-2017-2022.pdf>; <https://pcaf.da.gov.ph/wp-content/uploads/2022/06/Philippine-Coffee-Industry-Roadmap-2021-2025.pdf>).

As Filipinas produzem predominantemente as variedades Robusta, Arabica, Excelsa e Liberica. No entanto, a produção local tem enfrentado desafios como baixa produtividade e falta de investimentos em tecnologia.

A produção anual do país é de aproximadamente 30.000 toneladas métricas de café verde. De acordo com a *Philippine Statistics Authority*, a indústria do café teve declínio de 2,6% no último trimestre de 2024, porém a produção havia crescido no primeiro trimestre do ano, conforme Figura 2. No entanto, a produção local de café está diminuindo a uma taxa de 3,5% ao ano nos últimos 10 anos, enquanto o consumo de café nas Filipinas aumentou 2,1% entre 2018 e 2020.

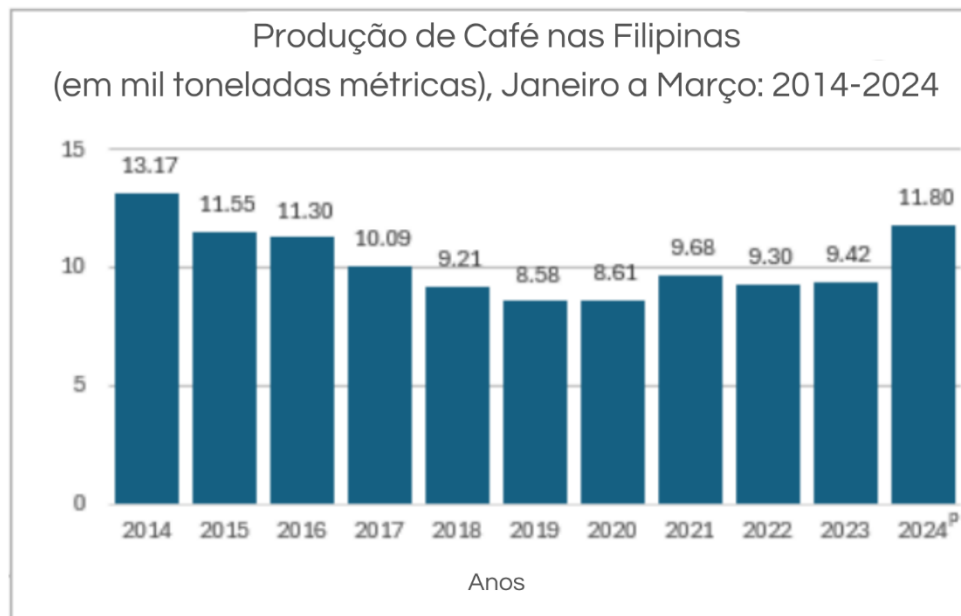
A maior parte dessa produção é composta pela variedade Robusta (76,5%), utilizada principalmente para a produção de café solúvel. A variedade Arabica (16,7%) é cultivada em altitudes elevadas e utilizada na produção de cafés *premium*. A variedade Excelsa (5,7%) é considerada mais resistente à seca e ocorrência de pragas; e a Liberica (1,1%), também conhecida como "Kapeng Barako", tem sabor forte e aroma marcante (Figura 3).



Figura 2: Produção de café nas Filipinas, em mil toneladas métricas, de janeiro a março, no período de 2014 a 2024.



106



Fonte: *Philippine Statistics Authority*, 2024.

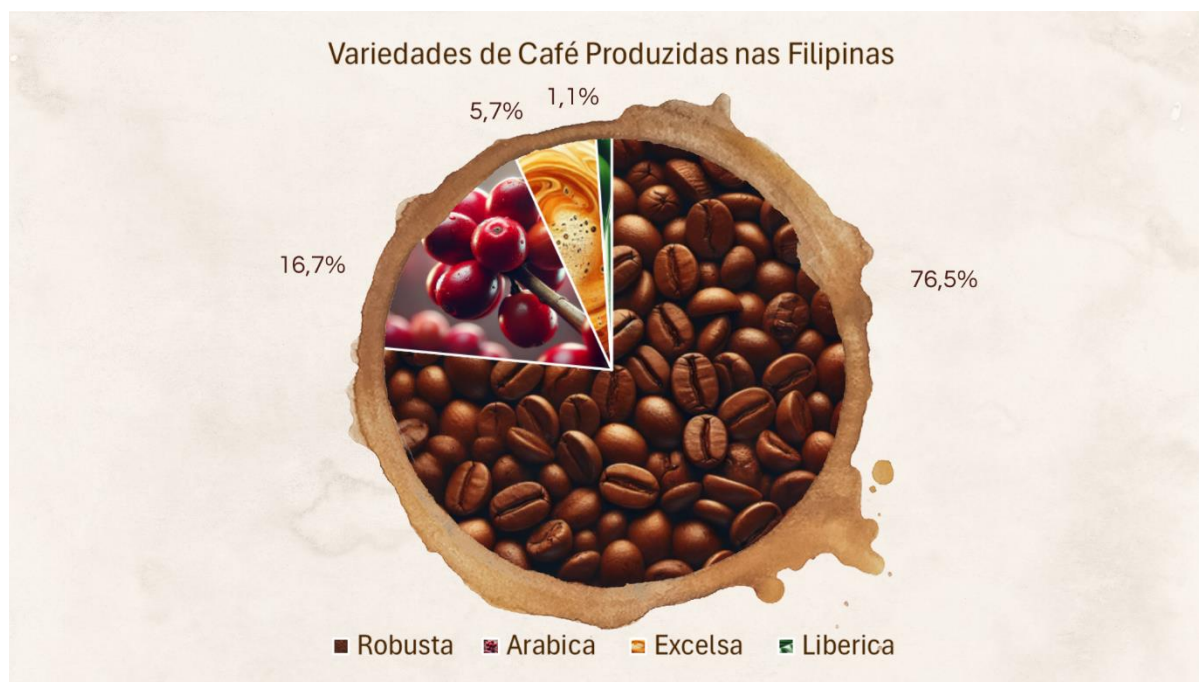
As principais regiões produtoras incluem Mindanao, que responde por 83,63% da produção nacional, com destaque para SOCCSKSARGEN (35,6%), Davao (17,85%) e BARMM (17,42%). SOCCSKSARGEN é uma região administrativa, cujo nome é um acrônimo formado pelas províncias e cidades que compõem a região: SO – South Cotabato, CC – Cotabato, SK – Sultan Kudarat, SAR – Sarangani e GEN – General Santos City. A região é uma das principais produtoras de café nas Filipinas, especialmente da variedade Robusta, devido ao seu clima favorável para a cultura cafeeira.

Em seguida, está a região de Davao, conhecida por suas condições climáticas favoráveis e solos férteis, e que contribui significativamente para a produção nacional de café, especialmente das variedades Robusta e Arábica. É uma das regiões mais ativas na revitalização da indústria cafeeira filipina.

BARMM é o acrônimo para *Bangsamoro Autonomous Region in Muslim Mindanao*, ou Região Autônoma de Bangsamoro em Mindanao Muçulmana, uma região autônoma nas Filipinas estabelecida em 2019, que substituiu a antiga ARMM (*Autonomous Region in Muslim Mindanao*) como parte de um acordo de paz entre o governo filipino e grupos separatistas muçulmanos da região sul do país. É composta por: Basilan, Lanao del Sur, Maguindanao del Norte e Maguindanao del Sur, Sulu, Tawi-Tawi, Marawi City (cidade componente) e Cotabato City (capital regional). Sua produção de café, em menor escala comparada a SOCCSKSARGEN, é desafiada por questões de infraestrutura, segurança e apoio técnico, mas há iniciativas para o desenvolvimento da indústria cafeeira na região.



Figura 3: Principais variedades de café cultivadas nas Filipinas.



Fonte: *Department of Agriculture (DA) e Philippine Council for Agriculture and Fisheries (PCAF), 2022.*

## Processamento

Nas Filipinas, existem pequenos e médios processadores locais de café torrado e moído. No entanto, a Nestlé Filipinas, Inc., localizada na cidade de Cagayan de Oro, na província de Misamis Oriental, é o maior processador local de café solúvel, respondendo por 80% do mercado de café instantâneo. Em seguida, destacam-se a Universal Robina Corporation e a Commonwealth Foods Inc., ambas com sede na Região Metropolitana de Manila.

Os grãos de café verde (GCB) são utilizados para produzir café torrado, bem como café moído e instantâneo. Os grãos torrados são geralmente destinados à moagem e possuem alta demanda entre compradores industriais e alguns consumidores institucionais. Já o café moído é derivado da moagem dos grãos torrados, sendo usado principalmente para preparo por infusão e apresentando um sabor superior ao café instantâneo. O mercado de café moído inclui compradores industriais, consumidores institucionais e compradores de varejo.

O café solúvel instantâneo é fácil de preparar e tem um preço mais acessível do que o café moído. Ele inclui o café solúvel puro ou em preparações com outros ingredientes, e as bebidas prontas para consumo (RTD - *Ready to Drink*).

Além disso, existem cafés especiais, feitos a partir de grãos de alta qualidade, torrados e preparados seguindo padrões rigorosos, que incluem blends de Arábica, cafés orgânicos e café civeta (*Alamid coffee*), um produto

*premium* que atende a nichos de mercado específicos. O café civeta é um café exótico produzido a partir dos grãos de café que passam pelo sistema digestivo da civeta. O processo digestivo da civeta altera a composição química dos grãos, resultando em um café com um sabor único.

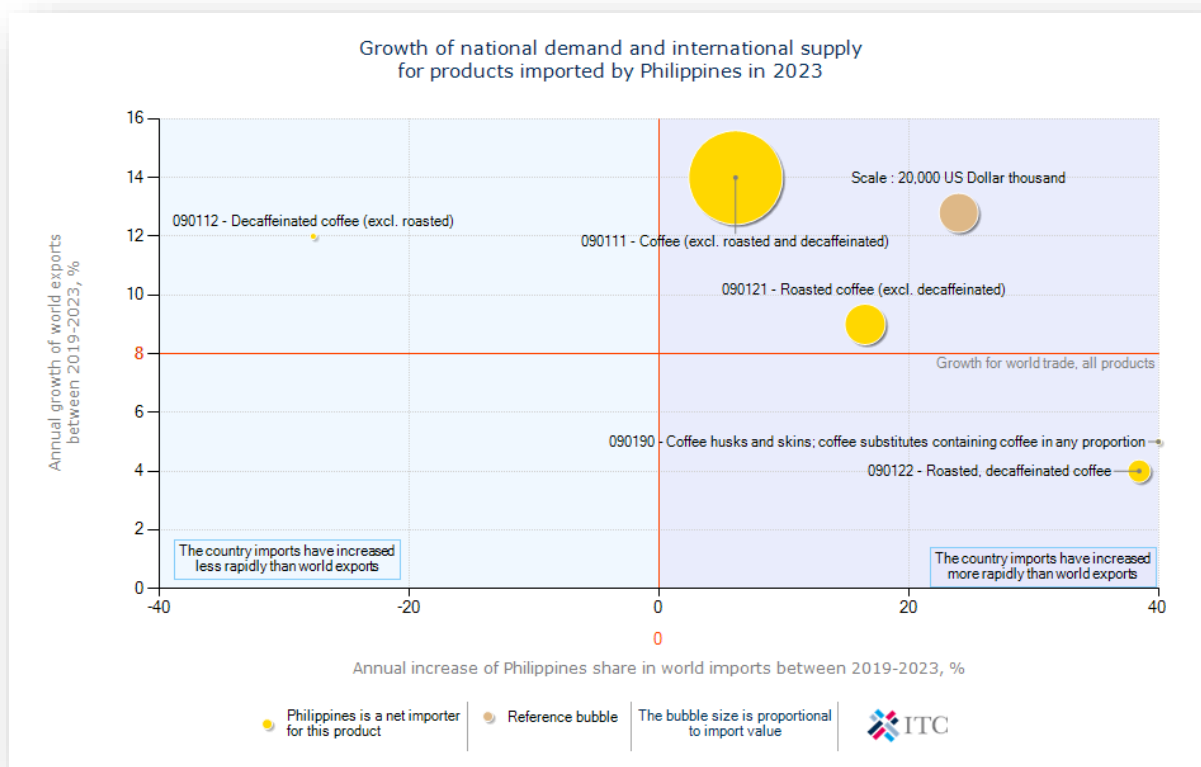


## Consumo e Importação de Café

O consumo de café nas Filipinas tem apresentado crescimento expressivo. Em 2002, o consumo anual era de 75.000 toneladas métricas, aumentando para 170.000 toneladas métricas em 2018. O país importa cerca de 81% do café consumido internamente, com projeções indicando que a demanda pode chegar a 7,4 milhões de sacas até 2025.

As Filipinas já foram um dos maiores exportadores de café, mas, ao longo dos anos, essa posição mudou. Em dezembro de 2020, o país tinha apenas 15% de autossuficiência, e aproximadamente 81% da demanda total de café era suprida por importações. A Figura 4 mostra o quanto a demanda de importação de café pelas Filipinas cresceu rapidamente, quando comparada às exportações mundiais, no período de 2019 a 2023.

**Figura 4. Crescimento da demanda de importação pelas Filipinas em 2023 e suprimento internacional de café, no período de 2019 a 2023.**



Fonte: Trade Map (ITC), 2025.





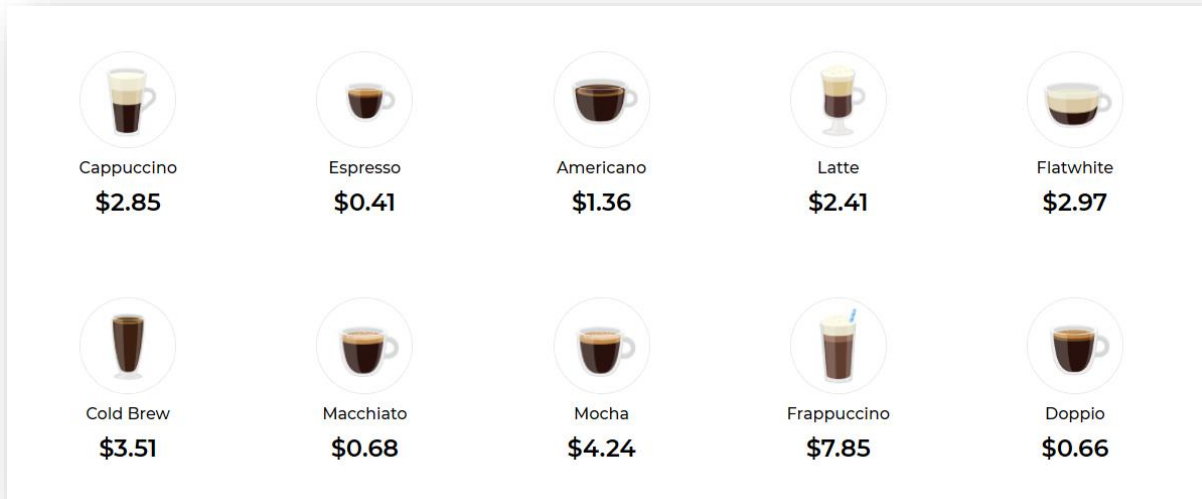
Os filipinos são grandes apreciadores de café e, embora o país seja conhecido há muito tempo por seu consumo de cafés instantâneos, há um número crescente de cafeterias e uma valorização cada vez maior por cafés especiais e preparados. A média de consumo *per capita* foi de 3,05 kg em 2020. *Lockdowns* e quebras na cadeia de suprimentos, causados pela pandemia global do Coronavírus, levaram mais pessoas a aproveitarem o café em casa, em vez de nas cafeterias. Isso também teve um efeito nas Filipinas, onde o consumo caiu de 3,4 kg per capita em 2019 para 3,05 kg per capita em 2020.

Embora a pandemia tenha impactado os níveis de consumo de café, nos anos que se seguiram, o número de *coffee shops* nas Filipinas voltou a aumentar, refletindo uma expectativa de consumo médio de café per capita de 3,78 kg em 2025, o que representa um aumento de quase 25% no período.

Hoje, diversas cadeias de cafeterias mundialmente conhecidas estão presentes nas Filipinas. A Starbucks foi a cafeteria líder nas Filipinas em termos de valor de vendas em 2023. A rede gerou vendas totais de aproximadamente 857 milhões de dólares americanos naquele ano. Em segundo lugar, seguida por uma grande margem, esteve a Dunkin' Donuts, com vendas totais de aproximadamente 175 milhões de dólares americanos.

A Figura 5 exemplifica o preço do café e de algumas de suas preparações em Manila, capital das Filipinas.

**Figura 5: Estimativa de preços de cafés e suas preparações em Manila, Filipinas.**



Fonte: *Coffeestics*, 2025 (<https://coffeestics.com/>).

Estima-se que existem atualmente 13.616 cafeterias nas Filipinas, o que representa um aumento de 10,08% em relação a 2023. Destes locais, 12.775 cafeterias, o que representa 93,82% de todas as cafeterias nas Filipinas, são operações de um único proprietário, enquanto as 841 restantes, o que representa 6,18%, fazem parte de marcas maiores. As três principais regiões com mais cafeterias são Metro Manila, com 3.157 cafeterias, Central Luzon, com 2.541 cafeterias, e a região de Davao, com 631 cafeterias.



As cafeterias também estão estabelecendo uma forte presença digital em várias plataformas: estima-se que 26 têm perfis no LinkedIn, 2.491 têm páginas no Facebook, 538 estão ativas no Instagram, 387 têm identificadores X (antigo Twitter), 112 estão no TikTok e 287 têm canais no YouTube; e também que cerca de 3.834 cafeterias têm seu próprio site.

Tais informações são relevantes para estabelecer estratégias de promoção comercial que estejam alinhadas com o *branding* das cafeterias locais, por exemplo.

Acredita-se que a parcela jovem da população filipina esteja mais disposta a gastar com café. Conforme veiculado em mídias locais, os *millennials* seriam a faixa etária que impulsiona a demanda por café em cafeterias, e esse grupo estava disposto, em 2018, a pagar 100 pesos filipinos por uma única porção de café, o equivalente à época a US\$ 1,90 por xícara. Embora isso não pareça muito quando comparado a países como os EUA, o salário médio mensal nas Filipinas é de cerca de 1/10 do salário médio nos EUA.

## Principais Países Fornecedores de Café para as Filipinas

As Filipinas dependem principalmente do Vietnã e da Indonésia para suprir sua demanda de café. Esses países são os maiores exportadores de café para o mercado filipino, ajudando a preencher a lacuna entre a produção local e o consumo interno. Em 2023, de acordo com as informações obtidas do Trade Map, os principais fornecedores de café para as Filipinas foram:

- 1º Vietnã: 39,4 mil toneladas e US\$ 101,3 milhões
- 2º Indonésia: 7,1 mil toneladas e US\$ 21,5 milhões
- 3º Malásia: 1,5 mil toneladas e US\$ 18,1 milhões
- 4º Brasil: 639 toneladas e US\$ 2,4 milhões
- 5º Suíça: 133 toneladas e US\$ 4,4 milhões

A Figura 6 mostra os principais países que exportaram café para as Filipinas em 2023, em percentual de volume.

De acordo com os dados do Agrostat - Estatísticas de Comercio Exterior do Agronegócio Brasileiro, em 2024, o Brasil exportou 625 toneladas de café para as Filipinas, com um valor aproximado de US\$ 3,3 milhões. Desse volume, aproximadamente 63% corresponderam à exportação de café verde e 37% de café solúvel. No segmento de café verde, a variedade mais exportada pelo Brasil às Filipinas é a Robusta.

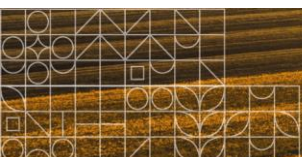
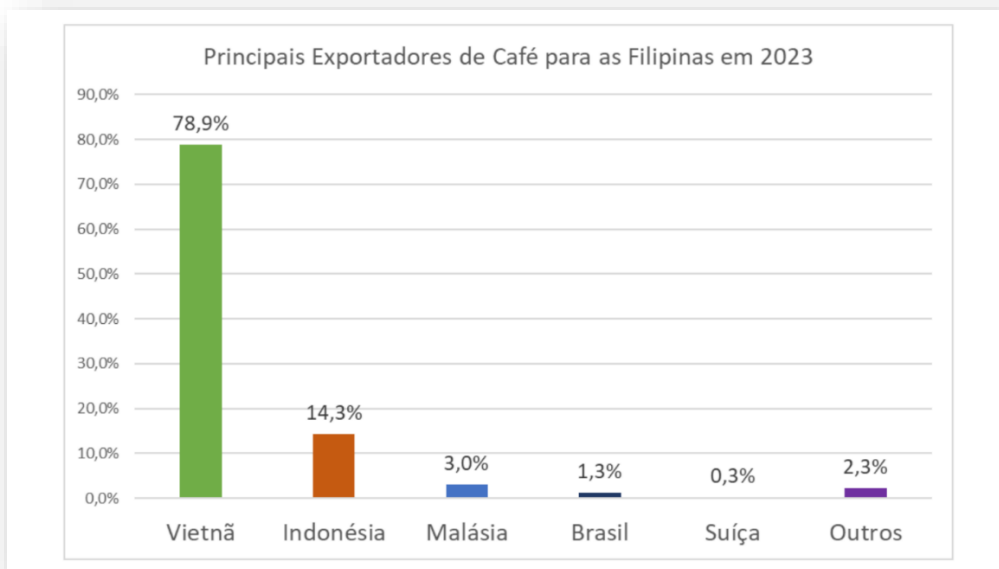




Figura 6: Principais países que exportaram café para as Filipinas em 2023, em percentual de volume.



Fonte: Trade Map (ITC), 2025.

## Presença do Brasil no Mercado Local

É possível encontrar café de origem brasileira nos supermercados Filipinos. As Figuras 7 e 8 trazem exemplos de grãos de café torrados e de café solúvel importados do Brasil, comercializados no varejo, em Makati, Manila. No caso do café torrado em grãos, visualiza-se a estação em que o próprio consumidor escolhe os grãos, conforme sua origem, variedade, estilo de torra; faz a pesagem, a moagem e embala seu produto (Figura 7), o que indica um potencial interessante para posicionamento de produtos de nicho, como cafés especiais e *gourmets*.

No caso dos cafés retratados na Figura 7, os preços de venda no varejo, apurados em dezembro de 2024, variaram de 750 pesos filipinos por quilograma (cerca de 13 dólares americanos ou 75 reais) a 2.600 pesos filipinos por quilograma (cerca de 45 dólares americanos ou 260 reais). O café brasileiro destacado na foto – torrado em grãos “*Brazil Mogiana Arabica (Medium Roast)*”, estava sendo comercializado a 1.900 pesos filipinos por quilograma (cerca de 33 dólares americanos ou 190 reais).

Nas cafeterias da capital, Manila, também é comum escolher o café com base nas informações sobre a variedade, país de origem, estilo de torra e características organolépticas do produto, além da escolha do tipo de preparação (espresso, prensa francesa, coado em filtro, por exemplo).





Figura 7: Venda no varejo de café originário do Brasil – café em grãos “Brazil Mogiana Arabica (Medium Roast)”, comercializado pela rede *The Market Place*, em Makati, Manila.

112



Fonte: Carpi, V.A.F., 2024.

O café solúvel também é bastante consumido nas Filipinas, dada à praticidade e versatilidade do produto. O país representa grande mercado para café solúvel no mundo, sendo dominado por grandes marcas como Nestlé (Nescafé) e Kopiko (marca da Indonésia). Além dessas, há presença de marcas locais e regionais, que buscam atender diferentes faixas de preço e preferências de sabor. O consumo de café solúvel foi fortemente impulsionado pelas campanhas de *marketing* de grandes marcas nas últimas décadas.

Em relação aos cafés brasileiros retratados na Figura 8, “Nescafé Tradição Forte” e “Nescafé Matinal Suave”, produzidos pela empresa Nestlé do Brasil Ltda., em Araras-SP, o preço de venda no varejo, apurado em fevereiro de 2025, foi de 589 pesos filipinos por 2 embalagens de 400 gramas, ou seja, 1.475,50 pesos filipinos por quilograma (cerca de 25 dólares americanos ou 148 reais). Entretanto, o valor foi apurado por ocasião de uma oferta especial, sendo o preço regular do produto o dobro deste valor.





Figura 8: Venda no varejo de café originário do Brasil – café solúvel “Nescafé”, produzido em Araras-SP, comercializado pela rede *The Market Place*, em Makati, Manila.



Fonte: Carpi, V.A.F., 2025.

## Eventos Dedicados ao Café

O principal evento dedicado ao café nas Filipinas é o **Philippine Coffee Expo**. A edição de 2025 está programada para ocorrer de 9 a 11 de maio de 2025, no 5º andar do One Ayala, no Ayala Center, Makati City, em Manila (<https://philippinecoffeeexpo.com/>). Este evento é organizado pelo *Philippine Coffee Guild* e reúne produtores, torrefadores, baristas, comerciantes e entusiastas do café para discutir tendências, compartilhar conhecimentos e promover a indústria cafeeira local.

Além do *Philippine Coffee Expo 2025*, há outros eventos nas Filipinas que, embora não sejam exclusivamente dedicados ao café, incluem o setor cafeeiro em suas programações. É o caso da **WOFEX Drinks + Bakes e Cake Fiesta Manila 2025**, programada para os dias 27 a 29 de março de 2025, no World Trade Center, em Pasay City, Manila (Figura 9). Este evento combina três exposições em uma: *WOFEX Drinks*, *WOFEX Bakes* e *Cake Fiesta Manila*. É uma plataforma para profissionais e entusiastas de bebidas, panificação e confeitaria, oferecendo seminários, competições e oportunidades de networking, com uma área totalmente dedicada ao café, contendo programações exclusivas para o segmento (<https://wofex.com/> e <https://www.facebook.com/share/1ALXhFKMt6/>).



da edição principal em Manila, a WOFEX acontece também em suas versões regionais, em Visayas (24 a 26 de abril de 2025), Mindanao (22 a 24 de maio de 2025) e Iliolo (19 a 21 de junho de 2025).



A **International Food Exhibition – IFEX Philippines 2025** acontecerá de 22 a 24 de maio de 2025. A IFEX é uma feira internacional de alimentos, bebidas e ingredientes nas Filipinas, reunindo expositores locais e internacionais (<https://www.facebook.com/ifexphilippines/>). O café é um dos produtos destacados no evento.

115

Esses eventos oferecem oportunidades para profissionais e entusiastas do café explorarem as tendências do setor, participarem de seminários e competições, além de estabelecerem conexões com outros atores da indústria. Além disso, representam um ambiente estratégico para a ampliação de redes de contato e o fortalecimento de parcerias comerciais, impulsionando a visibilidade do café brasileiro no mercado filipino. Dada a crescente demanda por cafés diferenciados e de qualidade, a presença nesses eventos pode ser um diferencial para empresas que desejam expandir sua atuação e explorar novas oportunidades no país.

## Desafios e Oportunidades

As Filipinas enfrentam grandes desafios em relação ao mercado do café, entre os quais podem ser mencionados a baixa produtividade, abaixo da média global; a dependência das importações, uma vez que grande parte do café consumido é importado, tornando o mercado vulnerável a flutuações globais de preços; e as mudanças climáticas, que impactam a qualidade e a estabilidade da produção.

Por outro lado, o crescimento da demanda interna, impulsionado pelo consumo de café solúvel e também de cafés especiais, com produtos diferenciados e sustentáveis, pode ser visto como uma oportunidade para a expansão da produção local, direcionando esforços do governo para aumentar a produção nacional.

Entre as políticas públicas voltadas ao setor do café, destaca-se o Plano de Desenvolvimento da Indústria de Café das Filipinas 2021-2025 (*Philippine Coffee Industry Roadmap 2021-2025*) e as iniciativas para o aumento da produtividade, da área cultivada e da qualidade do café filipino.

Em termos de desafios, as tarifas de importação aplicadas pela Tabela de Tarifas de Nação Mais Favorecida (*Most-Favoured-Nation* - MFN) para os anos de 2024 a 2028, atualizada pela *Executive Order* No. 62, de 20 de junho de 2024, são bastante elevadas para os países fora da ASEAN e que não possuem acordo de livre comércio com as Filipinas, o que é o caso do Brasil.

Para o café verde não descafeinado, as tarifas são de 30% dentro da cota e 40% fora da cota. Para os demais tipos de café, aplica-se a tarifa de 40%, dentro ou fora da cota.

O Vietnã, reconhecido como o maior produtor mundial de café robusta e principal fornecedor de café para as Filipinas, enfrenta desafios significativos que afetam suas perspectivas de produção. A produção vietnamita de café na safra 2024/25 está estimada em 29,0 milhões de sacas de 60 quilogramas, número muito próximo do volume estimado para o ciclo 2023/24, que foi de 29,1 milhões de sacas, segundo levantamentos da CONAB. No entanto, as exportações de café do país registraram uma queda de 17,2% em 2024, totalizando 1,34 milhão de toneladas métricas. Essa redução foi atribuída principalmente a condições climáticas adversas que impactaram negativamente a produtividade das lavouras. Além das adversidades climáticas, os agricultores vietnamitas estão diversificando suas atividades agrícolas. Devido às mudanças climáticas que prejudicam as lavouras de



café, muitos produtores estão optando pelo cultivo de outras culturas, como o durian, uma fruta de alto valor comercial na Ásia.



O Brasil, maior exportador global de café, tem grande potencial para expandir sua presença no mercado filipino. Essas oportunidades incluem a exportação de cafés especiais, considerando que o crescimento do mercado *premium* abre espaço para cafés diferenciados, como microlotes e produtos com certificações de sustentabilidade. Esse mercado de nicho promoveria a ampliação da pauta de exportação do Brasil, uma vez que o fornecimento de café torrado para as Filipinas, atualmente, é mínimo. Também há espaço para o incremento em café solúvel, uma vez que o mercado filipino tem alta demanda por café instantâneo, segmento onde o Brasil tem competitividade.

116

Por fim, as exportações de café verde para torrefação local contribuem para a industrialização do país. As Filipinas importam grandes volumes de café verde para processar internamente. O Brasil pode se beneficiar desse segmento, aumentando sua participação no mercado, fornecendo grãos de alta qualidade, o que contribuiria para o desenvolvimento da indústria filipina de café e para a diversificação dos países fornecedores, reduzindo assim a dependência filipina das importações do Vietnã e Indonésia.

## Perspectivas e Considerações Finais

O mercado de café nas Filipinas está em expansão, criando um ambiente propício para o aumento das exportações brasileiras. Para maximizar essa oportunidade, é essencial que o setor cafeeiro brasileiro desenvolva estratégias de promoção e parcerias locais para fortalecer sua posição no país.

O mercado de café nas Filipinas segue em expansão, impulsionado pelo crescimento do consumo interno e pela diversificação das preferências dos consumidores. O aumento da demanda por café solúvel e por cafés especiais cria oportunidades para o Brasil consolidar e ampliar sua presença no país. No entanto, para maximizar esse potencial, é essencial adotar uma estratégia comercial bem estruturada, levando em conta as barreiras tarifárias e a forte concorrência de fornecedores tradicionais como Vietnã e Indonésia.

Para que o Brasil amplie sua participação no mercado filipino, algumas ações estratégicas podem ser consideradas, entre as quais destacam-se:

- **Promoção do café brasileiro:** Investir em campanhas de *marketing* e ações de *branding* para aumentar o reconhecimento da qualidade e diversidade dos cafés brasileiros, especialmente no segmento *premium*. Parcerias com cafeterias locais, supermercados e plataformas de e-commerce podem fortalecer a imagem do Brasil como fornecedor de cafés diferenciados.
- **Participação em feiras e eventos:** A presença em eventos internacionais do setor de café, como a *WOFEX Drinks & Bakes* e a *Philippine Coffee Expo*, pode ser uma oportunidade para conectar exportadores brasileiros com importadores e torrefadores filipinos, gerando novas oportunidades de negócios.
- **Parcerias com a indústria local:** Estabelecer parcerias com torrefadoras e fabricantes de café solúvel das Filipinas pode facilitar a inserção do café brasileiro no mercado, seja como matéria-prima ou como produto final.
- **Aproveitamento do crescimento do café *premium*:** O mercado filipino mostra um interesse crescente por cafés especiais, impulsionado pela expansão das cafeterias e pelo aumento do consumo doméstico



de cafés diferenciados. O Brasil pode explorar esse nicho, promovendo microlotes, cafés de origem controlada e produtos com certificações de sustentabilidade.

- Superação das barreiras tarifárias: Dado que o Brasil enfrenta tarifas elevadas de importação, uma estratégia de médio e longo prazo pode incluir negociações comerciais para facilitar o acesso ao mercado filipino, além da busca por alternativas para mitigar esses custos, como o envio de café verde para processamento local.



117

Na atualidade, os preços globais do café estão registrando aumentos significativos, atingindo níveis históricos. No Brasil, o valor pago ao produtor alcançou o maior patamar em 28 anos, com a saca de 60 quilogramas de café cotada a R\$ 2.301,60, representando um aumento de 6,8% em relação a dezembro do ano anterior, conforme análise do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), campus da USP em Piracicaba, São Paulo.

Diversos fatores contribuem para essa alta nos preços, entre os quais destacam-se as condições climáticas adversas em países produtores, como secas prolongadas e chuvas excessivas, que afetaram negativamente as safras, reduzindo a disponibilidade de grãos no mercado; o aumento da demanda, uma vez que o consumo global de café continua a crescer, impulsionado por mercados emergentes e pelo aumento do consumo em países tradicionais, além da entrada de novos consumidores, como a China; os custos de produção e logística, afetados pela elevação nos custos de insumos agrícolas, transporte e energia impacta diretamente o preço final do café.

Além disso, a valorização do dólar frente a outras moedas torna as exportações mais atrativas, influenciando os preços internos.

As expectativas para a safra de café no Brasil em 2026 são promissoras, com projeções indicando a possibilidade de uma colheita recorde. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), após a conclusão da colheita de 2025, espera-se que a safra de 2026 seja robusta, possivelmente superando o recorde anterior estabelecido em 2020.

Essa perspectiva otimista é sustentada por vários fatores. A bialidade positiva do café arábica, que alterna anos de alta e baixa produtividade, sugere um aumento na produção para 2026. Além disso, investimentos contínuos em tecnologias agrícolas, manejo adequado das lavouras e condições climáticas favoráveis podem contribuir para uma safra excepcional.

Diante dessas perspectivas, a ampliação das exportações brasileiras de café para as Filipinas depende de uma abordagem estratégica que combine competitividade, promoção comercial e parcerias locais. O fortalecimento da presença brasileira no mercado filipino não apenas diversificaria os destinos do café brasileiro, como também contribuiria para a consolidação do Brasil como um fornecedor-chave para a crescente indústria de café nas Filipinas.

## ÍNDIA



### ÍNDIA “ECONOMIC SURVEY 2024-2025” – TENDÊNCIAS, OPORTUNIDADES E DESAFIOS DO SETOR AGRÍCOLA PARA O ANO DE 2025

**Número:** DELHI-004-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Delhi/Índia-Butão

**Palavras-chave:** survey; agricultura; economia

**Responsável:** Angelo de Queiroz Mauricio e Dhruvika Sodhi

**SUMÁRIO:** O setor agrícola da Índia, mesmo diante de sérios desafios estruturais, climáticos e populacionais, tem demonstrado resiliência e apresentado crescimento estável, com média de 5% ao ano, considerado o intervalo dos exercícios de 2017 a 2023. Segundo os dados oficiais, o setor agrícola contribui com 16% do PIB indiano e sustenta 46,1% da população. Políticas governamentais visando melhorar a produtividade e a diversificação de culturas impulsionaram o crescimento, mas deficiências estruturais em conjugação com a variabilidade climática, continuam sendo um desafio fundamental. O presente relatório apresenta os principais aspectos relacionados à agricultura constantes do “Economic Survey 2024-2025”, publicado pelo Departamento de Assuntos Econômicos do Ministério das Finanças da Índia.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



## Tendências:

- **Aumento da produção de grãos:** De acordo com o governo indiano a produção de grãos na estação Kharif (monções) em 2024-2025 deverá atingir 164,705 milhões de toneladas métricas, um aumento de 8,937 milhões de toneladas métricas em relação ao ano anterior. Espera-se a manutenção do comportamento geral observado nos anos anteriores, não obstante os impactos decorrentes da substituição de culturas e dos eventos climáticos adversos verificados ao longo de 2024 (ondas de calor e chuvas irregulares em algumas regiões produtoras de determinadas culturas como por exemplo arroz e trigo).
- **Setores correlatos em ascensão:** pecuária, pesca e horticultura são os principais contribuintes, com a pesca e aquicultura crescendo a uma taxa anual de 13,67% (CAGR) e a pecuária a uma taxa de 12,99% (CAGR) entre os exercícios de 2015 e 2023.
- **Mudança para culturas de alto valor:** frutas, vegetais e pulses vem apresentando um crescimento maior do que os cereais. Tal fenômeno é impulsionado principalmente pelos incentivos governamentais para fomentar a diversificação de culturas, mas também pelas mudanças observadas no perfil dos consumidores e pela crescente preferência do consumidor indiano médio por dietas mais ricas em nutrientes, além de ser influenciado pelo aumento de renda média das famílias.
- **Mudanças Climáticas e Sustentabilidade:** A excepcionalmente alta dependência da agricultura indiana a fatores climáticos tais como as chuvas de monções, faz com que a imprevisibilidade do clima afete sobremaneira a produção e produtividade das colheitas no subcontinente, aumentando a necessidade de sementes mais resilientes, bem como a necessidade de ampliação e otimização da irrigação e adoção de técnicas de agricultura mais modernas. Na Índia, 55% da área líquida semeada é irrigada, porém o aumento dos riscos de secas e o impacto direto na produtividade vem forçando o governo planejar políticas de incentivo à irrigação. As culturas resilientes ao clima e a expansão da irrigação são consideradas críticas pelo governo indiano.
- **Avanços Tecnológicos:** O governo indiano tem particular interesse em promover a adoção de IoT, agricultura de precisão e IA na agricultura, lançando iniciativas para encorajar o uso de drones e plataformas de agricultura digital por seus agricultores, em especial aqueles classificados como “agricultores marginais”. Atenção particular está sendo dada ao desenvolvimento de sistemas de micro irrigação e disponibilidade de sementes de variedades mais resistentes ao clima, visando melhorar a eficiência e reduzir o desperdício de recursos.
- **Atenção redobrada à anunciada política indiana de autossuficiência na produção doméstica de pulses até 2027,** tal como consta do Orçamento da União para 2025. A intenção declarada pelo governo da Índia é a de não depender de importação de pulses a partir de 2027.

## Oportunidades:

### 1. Diversificação de culturas e vegetais de alto valor:

- O sistema agrícola indiano tem incentivado o investimento em vegetais de alto valor, pulses e agricultura orgânica. A demanda por pulses, vegetais orgânicos e culturas de maior valor agregado (como por exemplo pimentões e cogumelos) está aumentando devido às mudanças nos hábitos alimentares da população indiana e também à procura por fontes de proteína de origem vegetal como forma de atender à parcela da população mais vulnerável.
- O setor considera que investimentos em agricultura protegida (estufas, poly-casas, hidroponia, etc) podem aumentar a produção de vegetais durante todo o ano. Existem programas governamentais específicos para subsidiar a implementação de estufas controladas não somente em áreas onde a horticultura é tradicionalmente importante, mas também em outras onde anteriormente produtos hortícolas não eram preferencialmente produzidos.

## Agroprocessamento e agregação de valor:

- A indústria de processamento de alimentos está se expandindo, fazendo com que a participação dos alimentos processados na pauta global de exportações agrícolas indianas tenha aumentado para 23,4% no ano fiscal de 2024.
- Existe potencial de negócios na criação de unidades de processamento para vegetais congelados, produtos desidratados e no segmento de refeições prontas para consumo.

## Cadeia de suprimentos e Linkages de mercado:

- O crescimento significativo das plataformas de comércio eletrônico e das plataformas “farm-to-table”, as quais utilizam intensamente soluções de TI, cria oportunidades para o marketing direto de produtos frescos e processados de maior valor agregado ou com diferenciais nutricionais/funcionais. A negociação direta de exportadores brasileiros com grandes redes varejistas do comércio eletrônico indiano é considerada oportunidade interessante de ser explorada.
- Logística de cold-chain, armazenamento refrigerado (móvel e fixo) e investimentos em armazéns são considerados pelo governo como áreas-chave para investimento como forma de corrigir deficiências estruturais históricas (em especial longe dos centros urbanos) e reduzir perdas pós-colheita, melhorando a lucratividade para agricultores e comerciantes.

## Agricultura sustentável e orgânica:

- A crescente demanda do consumidor por produtos orgânicos, apoiada por incentivos governamentais como o PKVY ( Paramparagat Krishi Vikas Yojana), sinaliza que os vegetais orgânicos podem ser um mercado lucrativo nos próximos anos.
- A crescente demanda global e doméstica por produtos orgânicos e livres de resíduos e contaminantes tem sido explorada por alguns setores indianos por meio da certificação e da agricultura voltada para atendimento

de requisitos de exportação. A expertise brasileira em Certificação Orgânica pode ser um tema de cooperação a ser explorado.

## Soluções de Agri-Tech e Agricultura Inteligente:

- O investimento em agricultura de precisão (especialmente o uso de drones, previsão do tempo baseada em IA e monitoramento de safras orientado por IA) está sendo incentivado pelos formuladores de políticas públicas indianas como forma de aumentar a produtividade no cultivo de grãos e vegetais.
- Startups de irrigação automatizada baseada em IoT, bem como startups de inteligência de mercado em tempo real têm alto potencial de crescimento e fazem parte da estratégia do governo para oferecer soluções escaláveis aos pequenos agricultores e empresários do setor de alimentos e bebidas.

## Desafios:

O setor agrícola da Índia, apesar de vir apresentando crescimento nos últimos anos, enfrenta múltiplos desafios que dificultam sua ampliação, variando de riscos relacionados ao clima às deficiências estruturais, desafios estes que o governo tenta abordar sob a ótica do desenvolvimento sustentável.

## Mudanças climáticas

- Monções e secas imprevisíveis: apenas 55% da área semeada líquida é irrigada, deixando uma grande parte das terras agrícolas vulneráveis a padrões erráticos de chuva, em especial se considerada a significativa presença de áreas classificadas como semiáridas e desérticas. A escassez hídrica em diversas áreas do subcontinente é fator preponderante que deve ser considerado no que diz respeito à capacidade de ampliação da produção de maneira comensurada ao crescimento da população e do consumo.
- Riscos climáticos crescentes: o recorrente aumento das temperaturas em importantes áreas produtoras tais como Punjab, Haryana e Uttar Pradesh, bem como secas frequentes e eventos climáticos extremos levaram à redução da produtividade de diversas colheitas indianas como por exemplo para feijão black matpe.

## Baixa produtividade e lacunas de rendimento

- De maneira geral os rendimentos das colheitas indianas são menores em comparação aos padrões globais e aos rendimentos obtidos por importantes países produtores como por exemplo EUA e Brasil. Alguns analistas indianos atribuem tal cenário a ineficiência nas práticas agrícolas em algumas regiões e à vulnerabilidade ao ataque de pragas locais.
- Taxa de crescimento decrescente de oleaginosas e pulses: O lento crescimento da produção de sementes oleaginosas na Índia (CAGR de 1,9%) e de alguns pulses, aumentou a dependência de importações para atender à crescente demanda interna por produtos considerados essenciais, tais como feijão guandu, feijão black matpe e principalmente óleo de soja. O governo indiano anuncia sistematicamente sua intenção de reduzir as importações e se tornar autossuficiente em culturas chave nos próximos anos, por meio da implementação de políticas e programas específicos destinados a incentivar agricultores a plantar as culturas de interesse. Apesar de ser tema sensível, sugere-se também monitorar constantemente o cenário doméstico indiano quanto a



eventuais flexibilizações futuras na legislação relacionada a culturas derivadas de OGMs destinadas ao processamento industrial.

- Adoção de técnicas agrícolas modernas: Apesar dos esforços do governo, pequenos agricultores e agricultores marginais ainda encontram dificuldade de pleno acesso a sementes de alto rendimento, irrigação avançada e mecanização, o que limita a produção. Programas e esquemas governamentais vem sendo implementados para corrigir tais deficiências.
- Degradação do solo: O uso excessivo de fertilizantes convencionais, os quais são fortemente subsidiados, e em especial a intensa preferência e utilização de fertilizantes nitrogenados levou a um desbalanço nutricional e perda de fertilidade do solo em diversas regiões, sendo esta uma variável que também deve ser considerada no que diz respeito às aspirações indianas de ampliação da produção. Oportunidade para o setor de bioinsumos a ser considerada.

## Volatilidade do mercado e dos preços

- Preços flutuantes das safras: Observa-se constante preocupação do governo com alterações de preços de produtos considerados essenciais, devido à produção excedente, lacunas na capacidade de armazenamento ou flutuações do mercado global, levando a frequentes intervenções governamentais e modificações nas políticas de importação e comércio exterior.
- Relação com o mercado varejista: muitos agricultores dependem de intermediários devido ao acesso precário ao comércio eletrônico e às plataformas de venda direta ao mercado varejista. Não obstante, o cenário vem evoluindo rapidamente em direção a uma maior digitalização do comércio agrícola doméstico.
- Preço Mínimo de Suporte (MSP): O MSP cobre cerca de 20 culturas selecionadas, sendo que uma parcela significativa dos agricultores indianos se queixa constantemente de que tal limitação os deixam vulneráveis a flutuações de preços em mercados não regulamentados, o que os leva a pressionar o governo para a inclusão de novas culturas no sistema do MSP.

## Perdas pós-colheita e deficiências na cadeia de suprimentos

- Armazenamento e “cold storage”: Analistas locais estimam que deficiências na disponibilidade de instalações de armazenamento para produtos perecíveis, como frutas e vegetais, resulta em perdas pós-colheita da ordem de mais de 30%.
- Sistema logístico fragmentado: transporte precário e acesso limitado às cadeias de frio aumentam o desperdício e reduzem a competitividade das exportações agrícolas indianas.



122

## Barreiras financeiras e de crédito

- Dependência de crédito não institucional: muitos pequenos agricultores marginais ainda recorrem aos chamados “*moneylenders*” devido ao acesso limitado a serviços bancários formais e crédito mais barato e viável.
- Investimento em tecnologia agrícola e inovação: apesar do intenso apoio do governo e de diversas iniciativas em curso, de modo geral o investimento privado em agricultura orientada por IA, agricultura de precisão e irrigação inteligente continua aquém do imenso potencial, limitando a ampliação da produção e gerando oportunidades para investidores no setor de tecnologia.

## Conclusão

O setor agrícola indiano vem evoluindo em direção a um crescimento de alto valor, com melhor sustentabilidade, orientado ao mercado e voltado a uma maior adoção de tecnologias no campo. A despeito disto, observam-se vários desafios ainda por serem enfrentados, os quais requerem reformas políticas, aumento de investimento em infraestrutura, ampliação do uso de tecnologias no campo e maior adoção de práticas agrícolas sustentáveis. As grandes preocupações do governo no que concerne aos impactos das mudanças climáticas na agricultura e à consequente capacidade indiana de aumentar a produção de alimentos, diante da potencial escassez de terras, água e eventos extremos, assumem papel preponderante nas políticas e aspirações indianas relacionadas à agricultura. Fortalecer os vínculos de mercado, melhorar a irrigação e expandir a acessibilidade ao crédito estão sendo considerados pelo governo da Índia como temas essenciais para aumentar a produtividade e a sustentabilidade no setor agrícola da Índia. Empreendedores e investidores têm oportunidades significativas no âmbito da diversificação de culturas, disponibilização de sementes de variedades mais resilientes, indústria de processamento de alimentos, agricultura digital, soluções inovadoras para crédito rural, inovações em tecnologia agrícola e modernização da cadeia de suprimentos. Os incentivos governamentais e a crescente demanda do consumidor por alimentos funcionais, mais saudáveis e com maior conteúdo de proteína, ampliam o escopo de negócios no setor de alimentos e bebidas.



123

## INDONÉSIA

### MILITARES DO AGRO: PRESIDENTE INDONÉSIO ORDENA CRIAÇÃO DE BATALHÕES MILITARES ESPECIALIZADOS NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

124

**Número:** JAC-03-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** Jacarta/Indonésia

**Palavras-chave:** militares; batalhões especialistas em agricultura e pecuária

**Responsável:** Bruno Breitenbach – Adido Agrícola em Jacarta

**SUMÁRIO:** Governo da indonésia está militarizando a produção de alimentos no país por meio da criação de 100 Batalhões de Desenvolvimento Territorial, operados por militares com treinamento em agricultura e pecuária. O novo *stakeholder* deverá ser levado em conta em futuras negociações e poderá impactar na aquisição de insumos para ração e futuras importações de gado bovino de origem brasileira.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

Diante do atual cenário de contenção orçamentária que impacta diversas instituições governamentais na Indonésia, o Presidente Prabowo Subianto anunciou um ambicioso projeto de criação de 100 Batalhões de Desenvolvimento Territorial com responsabilidade de produzir alimentos para o país. A iniciativa tem como principal objetivo fortalecer a política de autossuficiência alimentar do país e será conduzida por militares das Forças Armadas da Indonésia com especialização em agricultura e pecuária.

A decisão representa uma mudança significativa na relação entre o setor militar e o desenvolvimento agrícola, marcando o retorno das Forças Armadas à administração de assuntos civis após mais de 25 anos de reformas que visavam a separação dessas esferas. O programa está diretamente vinculado à Merenda Escolar a estudantes, uma das principais bandeiras do governo Prabowo, que tem demandado um volume expressivo de recursos financeiros e motivado cortes orçamentários em diversas áreas da administração pública.

A continuidade do programa alimentar depende da garantia de um suprimento estável de alimentos, e a criação dos 100 batalhões é vista como um instrumento estratégico para alcançar essa meta. O plano do governo inclui a expansão das chamadas "food estates" — grandes áreas destinadas à produção agrícola para o abastecimento do país. Além disso, a iniciativa militar também acompanha a estratégia de expansão territorial do Exército, que prevê a criação de 22 novos Comandos Regionais (Kodam), com cinco deles programados para este ano em regiões prioritárias como Papua do Sul, Sulawesi Central e Ocidental, Kalimantan Central e do Sul, Riau e Ilhas Riau, além de Lampung e Bengkulu.

Embora sua função principal permaneça a de unidades de infantaria, os novos batalhões terão atribuições adicionais relacionadas à produção agrícola e pecuária.

Uma das ações estratégicas do governo é o aproveitamento de terras improdutivas sob gestão militar, visando aumentar a produção agrícola para atender ao programa de refeições escolares. Além disso, o Presidente Prabowo determinou o envolvimento direto de comandantes militares regionais e da polícia na regulação dos preços de grãos, refletindo um controle centralizado sobre o mercado de alimentos. O governo também destacou culturas como mandioca, cana-de-açúcar, sagu e milho como essenciais para a segurança alimentar do país e anunciou que a Indonésia não realizará importações de arroz ao longo de 2025.

Outro aspecto relevante dessa militarização do setor agrícola foi a nomeação do Major-General Novi Helmy Prasetya como chefe da Agência Estatal de Logística (Bulog), entidade responsável pelo armazenamento e distribuição de alimentos básicos. Notavelmente, Prasetya também assumiu o comando da Academia Militar da TNI, reforçando a percepção de que há um crescimento significativo da influência militar na gestão do setor agrícola e logístico do país.

Fontes indicam que o Presidente Prabowo recorreu às Forças Armadas devido à falta de órgãos civis confiáveis para implementar seus programas estratégicos.

A crescente influência das Forças Armadas na gestão agrícola poderá ter implicações diretas para as políticas comerciais do país, incluindo sua abordagem em relação à importação e exportação de produtos agropecuários.

# AGROINSIGHT

Informações de mercado no agro global

Ministério da Agricultura e Pecuária  
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Possivelmente as atividades nacionais militarizadas de produção de alimentos poderão impactar as importações de insumos para rações ou as prometidas e necessárias – do ponto de vista indonésio - importações de gado bovino brasileiro pelo país insular, além de aumentar a influência do setor militar nas quotas de importação de alimentos.

126



## MERCADO DE ARROZ NO IRÃ - ANÁLISE ESTRUTURAL E TENDÊNCIAS

127

**Número:** TEERA-03-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Teerã/Irã

**Palavras-chave:** produção de arroz; consumo; autossuficiência; importação; variedades; segurança alimentar; sustentabilidade agrícola

**Responsável:** Marlos Schuck Vicenzi

**SUMÁRIO:** O presente documento oferece uma análise sumária do mercado de arroz no Irã, destacando as dinâmicas de produção, consumo e importação num contexto de transformação agrícola. Com um consumo anual de aproximadamente 3,0 milhões de toneladas, o país persa tem avançado na busca por autossuficiência, cuja meta é 90%. Apesar de um panorama de redução de importações, os desafios estruturais internos relacionados a recursos hídricos limitados e necessidade de avanço da modernização agrícola indicam que a demanda de importação projetada para os próximos anos torna viável esforços para que o Brasil se estabeleça como fornecedor estratégico.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

O arroz no Irã transcende sua função primária alimentar, constituindo um elemento vital na cultura e coesão social do país. Com um consumo per capita estimado de até 35 kg anuais, o Irã destaca-se como um dos principais consumidores na região do Oriente Médio, apresentando padrões de consumo que refletem tanto necessidades nutricionais quanto preferências culturais. Esta análise examina a interação entre produção nacional, demanda crescente e estratégias de importação, considerando as ambiciosas metas nacionais de autossuficiência em um contexto de desafios econômicos e ambientais.

A produção anual de arroz no Irã é de aproximadamente 2,0 milhões de toneladas, com incrementos recentes atribuídos à implementação sinérgica de práticas agrícolas modernas e técnicas tradicionais. A produção envolve aproximadamente 300.000 agricultores, que cultivam uma área total que varia entre 550.000 e 570.000 hectares, limitada pela disponibilidade de água para irrigação. As províncias de Mazandaran, Gilan e Golestan, ao norte do país lideram, a produção nacional. O ciclo anual da produção local inicia-se com o plantio entre abril e junho, concluindo-se com a colheita entre os meses de agosto e outubro.

Em cidades como Rasht, reconhecida pela UNESCO como Cidade Criativa da Gastronomia, o arroz forma a base de mais de 250 preparações tradicionais, desde pratos cotidianos até elaboradas iguarias festivas como o Sholeh Zard, pudim aromático preparado especialmente durante o Ramadã. Os campos em terraços de Mazandaran não apenas maximizam o uso do solo, mas também preservam técnicas ancestrais de cultivo que integram o patrimônio agrícola nacional.

Atualmente o Governo Iraniano executa plano quinquenal com uma meta de atingir 90% de autossuficiência na produção de arroz. Segundo relatos da imprensa local, resultados positivos já podem ser observados com aumento da produção obtido por meio da modernização do setor, com aplicação de variedades de alta produtividade, mecanização avançada e técnicas otimizadas de fertilização, incluindo o método *ratooning* em 16% das áreas cultivadas. Dados do *Foreign Agriculture Service*, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, indicam que a produtividade média dos arrozais iranianos subiu de 4,3 T/ha em 2014 para 5,3 T/ha em 2024 (arroz com casca). Fontes de notícias críticas ao Governo Iraniano denunciam o plano de autossuficiência, indicando que ele é insustentável devido à elevada demanda de água para irrigação. Essas fontes também mencionam a participação de órgãos de forças armadas nos projetos do plano, por meio de operações compensadas de comércio de petróleo.

## **Panorama das Importações**

Para equilibrar o déficit entre consumo e produção doméstica, convencionou-se em diversos meios que o Irã importa até de 1,0 milhão de toneladas de arroz anualmente. A Índia domina o fornecimento com 70% do volume, seguida pelo Paquistão com 29%, enquanto países como Taiwan, Tailândia e Iraque completam o portfólio de fornecedores. Devido aos bons números da safra de 2024, as autoridades locais projetam uma redução de 34% nas importações da Índia (Ver Gráfico 1 e Tabela 1). Atualmente não há registro de importações do Brasil.

Segundo dados da autoridade aduaneira as importações se concentram em três linhas tarifárias: 10063010 - Arroz semibranqueado ou branqueado, mesmo polido brunido ou glaceado; 10063020 -

Arroz semibranqueado ou branqueado, mesmo polido brunido ou glaceado: arroz basmati; e 100640000 - Arroz quebrado (Trincas de arroz).



129

## **Estrutura Tarifária e Regulamentações Técnicas**

O sistema tarifário iraniano para importação de arroz apresenta estrutura escalonada, com alíquotas variando de 1% (HS 10063010/20) a 4% (HS 10064000). Soma-se a isso a taxa de "benefício comercial", destinada a beneficiar a importação de produtos não processados, e que incide em 54% para o HS 10064000 e 1% para o HS 10063020. Recentemente foi noticiada aprovação, pelo parlamento iraniano, de medida para redução das tarifas de importação de produtos essenciais, com o objetivo de conter o custo aos consumidores e indústrias locais. Entretanto, a tabela com os novos custos tarifários ainda não foi publicada.

Atualmente consta do sistema T-Rex do MAPA (<https://sistemasweb.agricultura.gov.br/siarp/consultarTRex.action>) registro da necessidade de emissão de certificado fitossanitário para exportação do produto brasileiro, bem como a proibição de exportação de arroz com casca. Sobre as exigências sanitárias existem relatos de que atualmente o Irã aplica limite máximo de arsênio de 0,12 ppm, mais restritivo que os padrões internacionais usuais de 0,15 ppm. Está em andamento processo de consulta para esclarecimento sobre os requisitos sanitários e fitossanitários para exportação de arroz do Brasil para Irã.

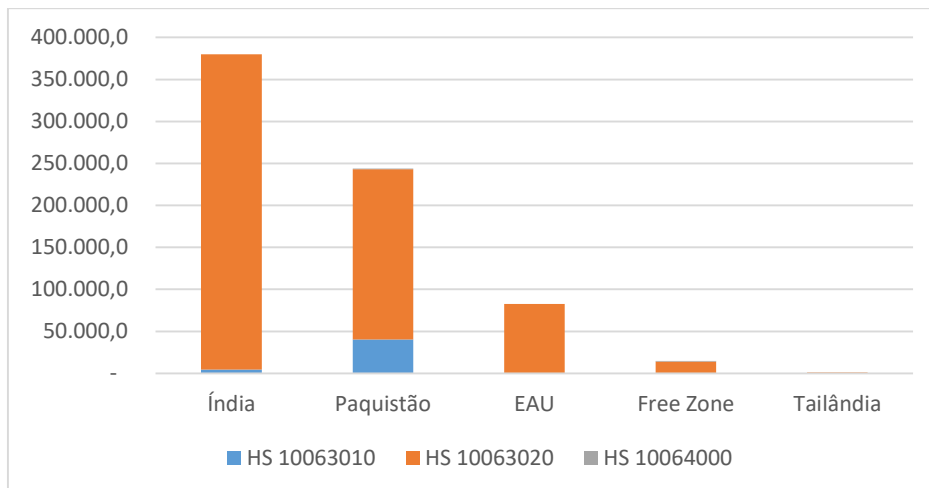
## **Cenário Atual e Perspectivas**

O panorama atual indica que o abastecimento das demandas internas por arroz até março de 2025 foi alcançado em setembro de 2024, sustentado por uma produção doméstica de 2,7 milhões de toneladas, estoques superiores a 100.000 toneladas e importações acumuladas de 491.000. Dados da autoridade aduaneira do Irã incidam a importação de 722.996 toneladas entre março e dezembro de 2024.

## **Análise de oportunidades para o Brasil**

Diante do crescente esforço do Irã em atingir 90% de autossuficiência na produção de arroz, os potenciais exportadores brasileiros enfrentarão um cenário desafiador, mas com oportunidades estratégicas significativas. Três fatores principais sustentam essa perspectiva: as severas restrições hídricas do país, o crescimento populacional projetado para 90,5 milhões até 2035 (demandando 150-200 mil toneladas adicionais/ano), e a necessidade de manter produtividades elevadas (atual 5,3 T/ha) em um contexto de mudanças climáticas. Mesmo que o plano de autossuficiência reduza o mercado de importação dos convencionados 1,0 milhão de toneladas para cerca de 400 mil toneladas anuais até 2028, há oportunidade para que o Brasil desenvolva estratégia para se estabelecer como fornecedor estratégico.

**Gráfico 1: Perfil das Importações de Arroz do Irã em 2024 (março a dezembro). Quantidade em Toneladas por país e código HS.**



Fonte: Elaboração própria, a partir de informações da autoridade aduaneira do Irã.

**Tabela 1: Perfil das Importações de Arroz do Irã em 2024 (março a dezembro).**

País de Origem	HS	Quantidade (Ton)	Valor (milhões USD)	kg/USD
EAU	10063020	82.655,0	91,52	0,9031
Free Zone	10063020	13.955,0	19,49	0,7160
	10064000	959,0	0,85	1,1282
Índia	10063010	4.651,0	4,43	1,0499
	10063020	375.276,0	420,55	0,8923
Paquistão	10063010	40.384,0	39,39	1,0252
	10063020	202.738,0	229,76	0,8824
	10064000	604,0	0,58	1,0414
Tailândia	10063020	1.200,0	1,15	1,0435
<b>Total</b>		<b>722.422</b>	<b>807,72</b>	

Fonte: Elaboração própria, a partir de informações da autoridade aduaneira do Irã.

## ITÁLIA

131

### DIA MUNDIAL DOS PULSES NA FAO

**Número:** ROMA-02-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** Roma/Itália-FAO

**Palavras-chave:** pulses; feijão; celebração; FAO

**Responsável:** Fernanda Vanessa Mascarenhas Magalhães

**SUMÁRIO:** A Assembleia Geral das Nações Unidas designou 10 de fevereiro como Dia Mundial dos Pulses. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) apoia a observância da data e incentiva a produção e o consumo de pulses como parte de sistemas alimentares sustentáveis e dietas saudáveis. Em 2025, a celebração da FAO ocorreu no Peru, em parceria com o *Ministerio de Desarrollo Agrario y Riego*, com participação brasileira, destacando a relevância dos pulses no Brasil, especialmente do feijão. Quanto às perspectivas para o mercado, o *Agricultural Outlook 2024-2033* da FAO e da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) avalia que o consumo per capita global de pulses tem caído devido ao aumento dos preços e mudanças nos hábitos alimentares, mas espera-se que os pulses retomem sua importância na alimentação em várias regiões do mundo, com a maior alta esperada na Europa.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

## PULSES

132

### DEFINIÇÃO DA FAO

A publicação da FAO “*Definition and Classification of Commodities*” (<https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/133abe54-26f6-48a5-afeb-e512bcc37ebb/content>) define como pulses as culturas leguminosas anuais que produzem de um a 12 grãos ou sementes de tamanho, forma e cor variáveis dentro de uma vagem. Elas são usadas tanto para alimentação humana quanto animal.

O termo “pulses” é limitado a grãos secos (ex: feijões secos, lentilhas, grão de bico), excluindo culturas colhidas ainda verdes para consumo (ex: ervilhas verdes, feijões verdes), culturas usadas principalmente para a extração de óleo (ex: soja, amendoim) e outras culturas leguminosas que são usadas exclusivamente para fins de semeadura (ex: alfafa).

Os pulses contêm carboidratos, principalmente amidos (55-65% do peso total); proteínas, incluindo aminoácidos essenciais (18-25%, muito mais alto do que cereais); e gordura (1-4%). O restante é composto por água e substâncias não comestíveis.

### PROPRIEDADES

Conforme a FAO, <https://www.fao.org/world-pulses-day/en>, os pulses são ricos em nutrientes, fornecendo uma boa fonte de vitaminas e minerais essenciais para a saúde, como o ferro, potássio e o folato. Eles são naturalmente pobres em gordura, não contêm colesterol, possuem baixo teor de sódio e baixo índice glicêmico e são ricos em fibras, o que pode ajudar a reduzir o risco de doenças cardiovasculares, hipertensão e diabetes.

Os pulses fixam o nitrogênio atmosférico no solo, contribuindo para a melhoria da biodiversidade e da fertilidade do solo. A inclusão de pulses na rotação de culturas pode melhorar a eficiência do uso de fertilizantes químicos. Nos sistemas agrícolas de cultivos múltiplos, os pulses promovem a agrobiodiversidade, aumentam a resiliência às mudanças climáticas e melhoram os serviços ecossistêmicos. Os pulses possuem uma longa vida útil e contribuem para aumentar a diversidade alimentar, além de reduzir a perda e o desperdício de alimentos. Os pulses geram oportunidades de emprego e empreendedorismo para mulheres rurais e jovens.

### BRASIL

No Brasil, os pulses mais conhecidos são o feijão, a ervilha, a lentilha e o grão-de-bico. Na dieta brasileira, o feijão tem lugar de destaque, sendo o país o segundo maior produtor de feijão e o maior consumidor per capita de feijão do mundo.

De acordo com os dados do FAOSTAT (<https://www.fao.org/faostat/en/#home>), em 2023, o Brasil produziu 2,9 milhões de toneladas de feijões secos.

## DIA MUNDIAL DOS PULSES

A Assembleia Geral das Nações Unidas designou 10 de fevereiro como Dia Mundial dos Pulses. A celebração representa uma oportunidade de conscientizar o público sobre as pulses e o papel fundamental que elas desempenham na transformação para sistemas agroalimentares mais eficientes, inclusivos, resilientes e sustentáveis para uma melhor produção, melhor nutrição, um melhor meio ambiente e uma vida melhor, sem deixar ninguém para trás. A FAO trabalha para facilitar a observância deste dia internacional e apoiar a produção e o consumo de pulses como parte de sistemas alimentares sustentáveis e dietas saudáveis.

Em 2025, a celebração da FAO ocorreu no Peru, em parceria com o *Ministerio de Desarrollo Agrario y Riego*, com participação brasileira, destacando a relevância dos pulses no Brasil, especialmente do feijão, que é o segundo maior produtor mundial e o principal consumidor per capita de feijão. O representante brasileiro mencionou às pesquisas na Embrapa Arroz e Feijão e sobre o banco de germoplasma da instituição. Fez ainda um alerta sobre a redução do consumo de feijão devido à substituição por alimentos ultraprocessados, o que ameaça tanto a saúde da população quanto as tradições alimentares brasileiras. Concluiu que o Dia Mundial dos Pulses é uma oportunidade para reforçar a importância desses alimentos para um futuro mais saudável e sustentável.

Gravação disponível em: <http://www.fao.org/webcast/home/en/item/6946/icode/>

## PERSPECTIVAS E PROJEÇÕES PARA OS PULSES

O relatório *Agricultural Outlook 2024-2033* da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da FAO (<https://openknowledge.fao.org/handle/20.500.14283/cd0991en>) avalia as perspectivas de dez anos para o mercado de pulses, entre outros produtos agrícolas. De acordo com o relatório, o cultivo de pulses é tradicional em várias partes do mundo, mas sua produção global estagnou antes dos anos 2000 devido à redução dos sistemas tradicionais de rotação de culturas, baixa diversidade genética, acesso limitado a variedades de alto rendimento e falta de apoio político. No entanto, desde os anos 2000, a produção tem crescido cerca de 3% ao ano, impulsionada principalmente por Ásia e África, responsáveis por mais da metade do aumento de 12 milhões de toneladas na última década.

O consumo per capita global de pulses caiu a partir da década de 1960 devido ao aumento dos preços e mudanças nos hábitos alimentares, com maior preferência por proteínas animais, açúcares e gorduras. No entanto, continuam sendo uma fonte essencial de proteína em países de baixa renda. O consumo médio global atual é de cerca de 7 kg/ano, com destaque para a Índia, onde 30% da população é vegetariana. Espera-se que os pulses retomem sua importância na alimentação em várias regiões do mundo, com o consumo global médio per capita projetado para atingir 8,6 kg até 2033. O aumento do consumo é previsto em quase todas as regiões, com a maior alta esperada na Europa (+3% ao ano).

O comércio mundial de leguminosas cresceu de 15 milhões para 19 milhões de toneladas na última década e deve alcançar 22 milhões de toneladas até 2033. O Canadá deverá continuar como o principal exportador, aumentando suas exportações de 4,4 milhões para 5,7 milhões de toneladas até 2033, seguido pela Austrália (2,8 milhões de toneladas) e pela Rússia (2,1 milhões de toneladas). Os preços internacionais nominais devem continuar caindo até 2025, com um leve aumento na década seguinte, enquanto os preços reais tendem a diminuir.

## JAPÃO

### OPORTUNIDADES PARA O BRASIL NO MERCADO DE AÇAÍ NO JAPÃO

**Número:** TYO-02-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Tóquio/Japão

**Palavras-chave:** exportação; oportunidades; açaí

**Responsável:** Marco Aurélio Pavarino

**SUMÁRIO:** A demanda global por alimentos denominados “superfood” tem aumentado em todo o planeta e, neste contexto, o açaí, uma fruta nativa da floresta amazônica rica em nutrientes e ferro aparece como um alimento saudável bastante procurado. O Brasil tem uma posição dominante como maior produtor e exportador global de açaí. O Japão, cuja população é conhecida pela exigência da qualidade dos produtos que consome, acompanha a tendência mundial da preocupação com alimentação saudável e pelo forte interesse em alimentos funcionais, apresentando uma oportunidade para os exportadores brasileiros de açaí.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



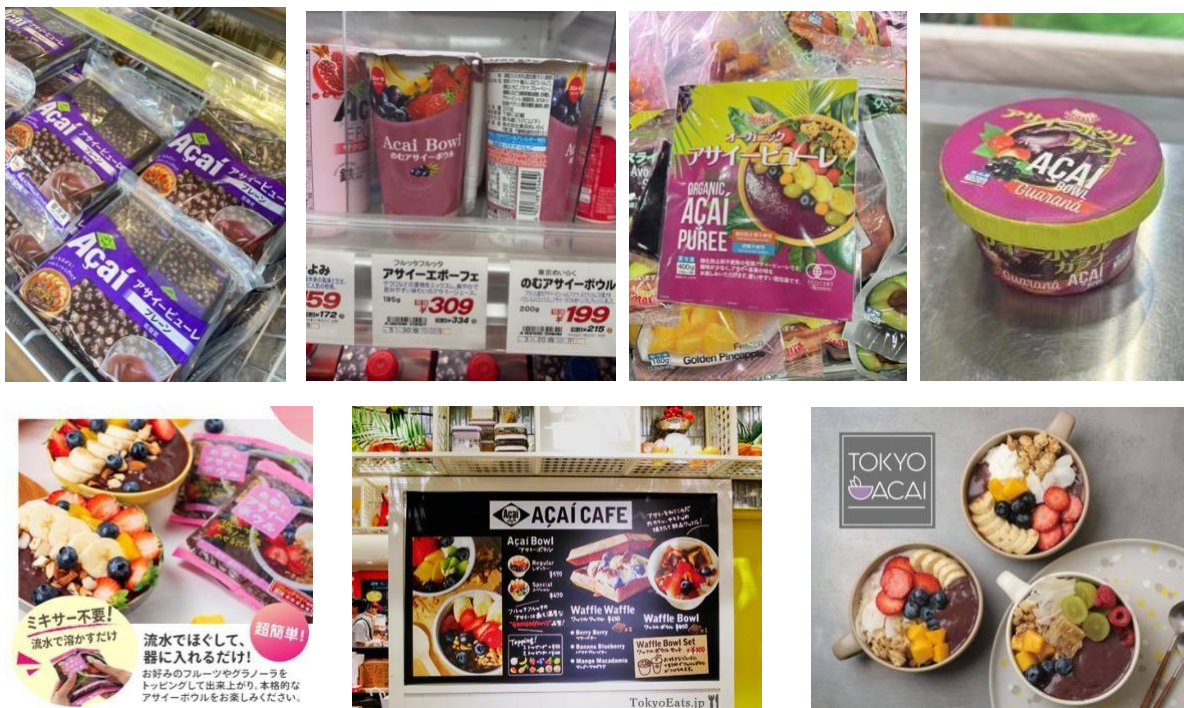


## O MERCADO DE ACAÍ NO JAPÃO.

As exportações de açaí do Brasil ao Japão foram autorizadas há mais de uma década. O fruto do açaí é caracterizado por seu alto teor de antioxidantes e benefícios nutricionais e ganhou popularidade como um superalimento entre os consumidores japoneses, principalmente nas áreas urbanas. Esta preocupação com a saúde, alimentação saudável e alimentos funcionais, posicionou o açaí como um ingrediente procurado em vários tipos de preparação como “smoothies”, servido em tigelas, bebidas, sorvetes e suplementos. Esse movimento de conscientização sobre os benefícios do açaí para a saúde contribuiu para que a integração gradual à dieta japonesa.

Na última década, o consumo de açaí no Japão experimentou um “boom” inicial seguido de uma estabilização. Inicialmente era consumido em lojas especializadas em produtos orgânicos e denominados saudáveis. A introdução de produtos à base de açaí como purês, polpa congelada, sucos e em pó teve um papel significativo para tornar o fruto acessível aos consumidores japoneses. Varejistas e cafés incorporaram a tendência global do consumo da fruta oferecendo tigelas personalizáveis cobertas com frutas frescas (especialmente morango e banana), granola e castanhas.

Ao longo dos anos o produto ganhou popularidade e atualmente pode ser encontrado facilmente nos supermercados e nas famosas lojas de conveniência do país, como demonstrado nas imagens abaixo.

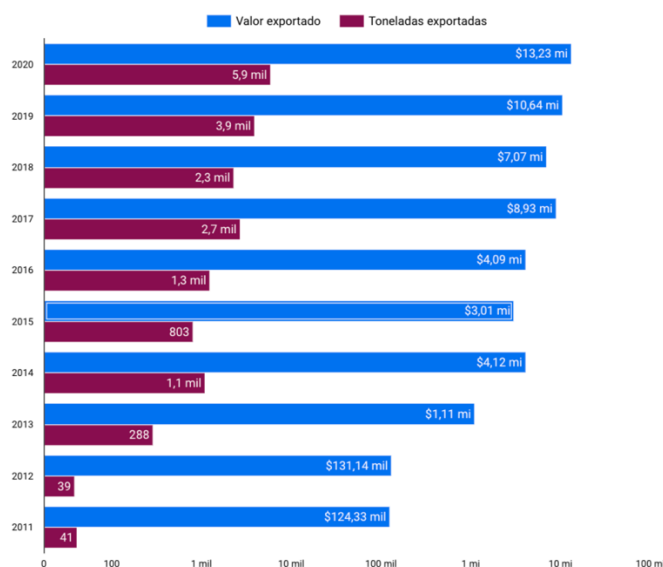


## AS EXPORTAÇÕES DE AÇAÍ PARA O JAPÃO

136

Os dados disponíveis sobre as exportações de açaí do Brasil ainda são pouco sistematizados. Entretanto, segundo associações de produtores de frutas dos principais estados produtores (Pará e Amazonas) apontam um aumento significativo da destinação dos produtos para outros países. Em 2023, o comércio de açaí em purê atingiu US\$ 314.744, equivalente a 79 toneladas. Esse volume representa um aumento de 41% em relação ao ano anterior, 2022, quando foram exportadas 48 toneladas do produto. Segundo dados da Associação Brasileira de produtores e Exportadores de Frutas e Derivados - ABRAFRUTAS, em 2022, o estado do Pará manteve sua posição de liderança no mercado com uma produção de 1,7 milhão de toneladas, representando mais de 90% da produção nacional. O gráfico abaixo apresenta as exportações registradas do produto pelo estado do Pará no período de 2011 a 2020.

Figura 1 – Exportações brasileiras de açaí do estado do Pará - período de 2011 a 2020



Fonte: criação da ABRAFRUTAS a partir de dados da Federação das Indústrias do Pará - FIEPA

O Japão está atualmente no ranking dos três principais destinos das exportações brasileiras do produto juntamente com Estados Unidos e União Europeia.

Para os exportadores brasileiros, o Japão representa um mercado de alto valor, disposto a pagar um preço diferenciado por produtos de qualidade. Essa oportunidade pode ser potencializada pela abordagem de práticas agrícolas orgânicas e sustentáveis, além do açaí representar um produto típico da Floresta Amazônica. As características do cultivo do açaí, geralmente ligadas às populações extrativistas que convivem harmonicamente com a floresta, pode ser um componente importante na comunicação às respostas das expectativas e preferências dos consumidores japoneses por produtos diferenciados.

Exportar para o Japão requer atenção cuidadosa aos padrões de qualidade, certificações e conformidade regulatória. As regulamentações de importação japonesas são rigorosas, principalmente com relação à segurança e à rotulagem dos alimentos. Os exportadores brasileiros que pretendem acessar o mercado no Japão devem garantir que seus produtos atendem a esses requisitos e considerar a obtenção de certificações, como a de comércio orgânico ou justo, para aumentar ou facilitar a entrada no mercado. A apresentação do produto em embalagens adequadas e esteticamente satisfatórias são pontos essenciais para quem deseja explorar o mercado japonês.

É fundamental também o estabelecimento de parcerias com distribuidores, varejistas e prestadores de serviços no ramo de alimentação do Japão que podem auxiliar na inserção no mercado e na construção e reconhecimento da marca. Além disso, a participação em feiras comerciais e exposições de alimentos aumenta a visibilidade e pode promover conexões com possíveis compradores. Várias feiras destinadas aos setores de alimentos, supermercados, hotéis, restaurantes, cafés entre outros são realizados no Japão. Além disso, o Japão é um mercado de referência para outros países na Ásia. Um produto que atende as exigências e tem boa aceitação no país pode ter mais chance de sucesso no acesso em outros mercados. Quanto às tarifas aplicadas, o açaí em purê ou pasta (forma mais consumida no país) não tem tarifa de importação no Japão, enquanto a polpa congelada do fruto possui tarifa de 9,6%.

Caso haja interesse nas exportações ao Japão, sugere-se o aprofundamento na leitura dos requisitos fitossanitários necessários que podem ser solicitados ao MAPA ou à Associação Brasileira de produtores e Exportadores de Frutas e Derivados - ABRAFRUTAS. Recomenda-se a consulta aos postos quarentenários responsáveis pela inspeção de produtos de origem vegetal antes de se iniciar qualquer exportação. A relação dos principais postos de quarentena japoneses para produtos vegetais está detalhada a seguir.

Nome	Cod. Postal	Endereço	Telefone
Yokohama Head Office	231-0003	3F, Yokohama Dai-ni Godo Chosha, 5-57, Kitanaka-dori, Naka-ku, Yokohama, Kanagawa	045-211-7155
Sapporo Sub-station	062-0045	1, Hitsujigaoka, Toyohira-ku, Sapporo, Hokkaido	011-852-1809
Shin Chitose Airport Branch	066-0012	2F, New Chitose Airport International Passenger Terminal Building, Bibi, Chitose, Hokkaido	0123-24-6154
Shiogama Sub-station	985-0011	Shiogama Kowan Godo Chosha, 3-4-1, Teizan-dori, Shiogama, Miyagi	022-362-6916
Narita Sub-station (Terminal 1)	282-0011	Narita International Airport Passenger Terminal Building 1, 1-1 Sanrizuka Goryo Bokujo, Narita, Chiba	0476-32-6694
Narita Sub-station (Terminal 2, 3)	282-0004	Narita International Airport Passenger Terminal Building 2, 1-1 Aza-Furugome, Furugome, Narita, Chiba	0476-34-2352
Tokyo Sub-station	135-0064	Tokyo Kowan Godo Chosha, 2-7-11, Aomi, Koto-ku, Tokyo	03-3599-1139
Haneda Airport Sub-station (Terminal 3)	144-0041	Haneda Airport CIQ Building, 2-6-4, Haneda Airport, Ota-ku, Tokyo	03-5757-9790
Haneda Airport Sub-station (Terminal 2)	144-0041	Haneda Airport Terminal 2, 3-4-2, Haneda Airport, Ota-ku, Tokyo	03-6428-9920
Niigata Sub-station	950-0072	Niigata Kowan Godo Chosha, 1-5-4, Ryugashima, Chuo-ku, Niigata, Niigata	025-244-4401
Nagoya Head Office	455-0032	Nagoya Kowan Godo Chosha, 2-3-12, Irifune, Minato-ku, Nagoya, Aichi	052-651-0114
Chubu Airport Sub-station	479-0881	Chubu Airport CIQ Building, 1-1, Centrair, Tokoname, Aichi	0569-38-8433
Fushiki Toyama Sub-station	933-0105	Fushiki Kowan Godo Chosha, 11-15, Fushikinishiki-machi, Takaoka, Toyama	0766-44-0954
Shimizu Sub-station	424-0922	Shimizu Kowan Godo Chosha, 9-1, Hinode-cho, Shimizu-ku, Shizuoka, Shizuoka	054-352-3775
Kobe Head Office	650-0042	Kobe Dai-ni Chiho Godo Chosha, 1-1, Hatoba-cho, Chuo-ku, Kobe, Hyogo	078-331-2384
Osaka Sub-station	552-0021	Osaka Kowan Godo Chosha, 4-10-3, Chikko, Minato-ku, Osaka, Osaka	06-6571-0804
Kansai Airport Sub-station	549-0011	CIQ Godo Chosha, 1, Senshu Kuko-naka, Tajiri-cho, Sennan-gun, Osaka	072-455-1936
Hiroshima Sub-station	734-0011	Hiroshima Kowan Godo Chosha, 3-10-17, Ujina kaigan, Minami-ku, Hiroshima, Hiroshima	082-251-5881
Sakaide Sub-station	762-0002	Sakaide Kowan Godo Chosha, 1-6-10, Irifune-cho, Sakaide, Kagawa	0877-46-4108
Moji Head Office	801-0841	Moji Kowan Godo Chosha, 1-3-10, Nishikaigan, Moji-ku, Kitakyushu, Fukuoka	093-280-4319
Fukuoka Sub-station	812-0031	Fukuoka Kowan Godo Chosha, 8-1, Okihama-machi, Hakata-ku, Fukuoka, Fukuoka	092-291-2505
Fukuoka Airport Branch	812-0851	Fukuoka Airport International Terminal Building, 739, Oaza Aoki, Hakata-ku, Fukuoka, Fukuoka	092-477-7575
Kagoshima Sub-station	892-0812	Kagoshima Kowan Godo Chosha, 2-5-1, Hama-machi, Kagoshima, Kagoshima	099-222-1046
Naha Head Office	900-0001	Naha Kowan Godo Chosha, 2-11-1, Minato-cho, Naha, Okinawa	098-868-1679
Naha Airport Branch	901-0142	Naha Airport Passenger Terminal Building, 150, Kagamimizu, Naha, Okinawa	098-857-0054



139

## MALÁSIA

### PANORAMA DO MERCADO DE MILHO NA MALÁSIA E PERSPECTIVAS PARA IMPORTAÇÃO DO PRODUTO BRASILEIRO

**Número:** KUALA-02-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Kuala Lumpur/Malásia

**Palavras-chave:** milho; ração animal; mercado; exportação

**Responsável:** Dalci de Jesus Bagolin – Adido Agrícola

**SUMÁRIO:** O relatório detalha o mercado de milho da Malásia e as perspectivas para o produto brasileiro. Apesar da produção interna limitada na Malásia, o consumo é alto e crescente, impulsionado principalmente pela indústria de ração animal. O Brasil já é um fornecedor de milho para a Malásia, mas enfrenta forte concorrência da Argentina. No entanto, o Brasil tem vantagens como a alta produtividade e tecnologia avançada, o que o torna competitivo no mercado internacional. O Brasil é um líder global na produção e exportação de milho e tem um histórico comprovado de fornecimento de grandes volumes, tendo condições de ampliar sua participação no mercado de milho da Malásia.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



140

Este relatório analisa o mercado de milho na Malásia e avalia as oportunidades para os exportadores brasileiros. A Malásia representa um mercado significativo e crescente para as importações de milho, impulsionado principalmente pela expansão da produção de aves, suínos e aquicultura. Apesar das iniciativas do governo da Malásia para aumentar a produção interna, persiste uma lacuna substancial entre a oferta e a procura, criando uma necessidade forte e consistente de milho importado. O Brasil já é um importante fornecedor de milho para a Malásia, mas ainda há espaço considerável para expansão. O Brasil, como líder mundial na produção de milho, está bem-posicionado para aproveitar esta oportunidade, desde que possa estar competitivo em preço, qualidade e logística com os fornecedores existentes, principalmente a Argentina.

## Produção de Milho na Malásia

Embora a Malásia cultive milho, sua produção é limitada e insignificante frente à demanda interna. Dados do Departamento de Estatística da Malásia (DOSM) indicam que a produção de milho em 2021 foi de aproximadamente 23 mil toneladas, enquanto o consumo estimado, impulsionado principalmente pela indústria de ração animal, ultrapassa 3 milhões de toneladas anuais. O cultivo de milho está limitado a cerca de 10.000-15.000 hectares, basicamente de milho doce para consumo como milho verde.

O país tem enfrentado desafios no desenvolvimento da sua produção de milho devido aos elevados custos de produção, baixo rendimento e retornos inadequados. O Instituto Malaio de Pesquisa e Desenvolvimento Agrícola (MARDI) desenvolveu algumas variedades híbridas, mas a produção ainda é afetada por fatores como local de plantio, temperatura e precipitação. Fatores como limitações tecnológicas e a competição por terra com culturas mais rentáveis, como a palma de óleo e a seringueira também restringem a expansão da produção local.

Houve uma iniciativa de desenvolvimento da indústria do milho na década de 1980, que posteriormente foi suspensa devido a esses desafios. Em 2016, o governo da Malásia lançou um novo esforço para desenvolver a indústria local do milho no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Indústria do Milho em Grão, estabelecendo uma meta para atingir 1,4 milhões de toneladas métricas de produção em 800.000 hectares de terra até 2030, com o objetivo de reduzir as importações de milho em 30%, mas não alcançando progresso até o momento.





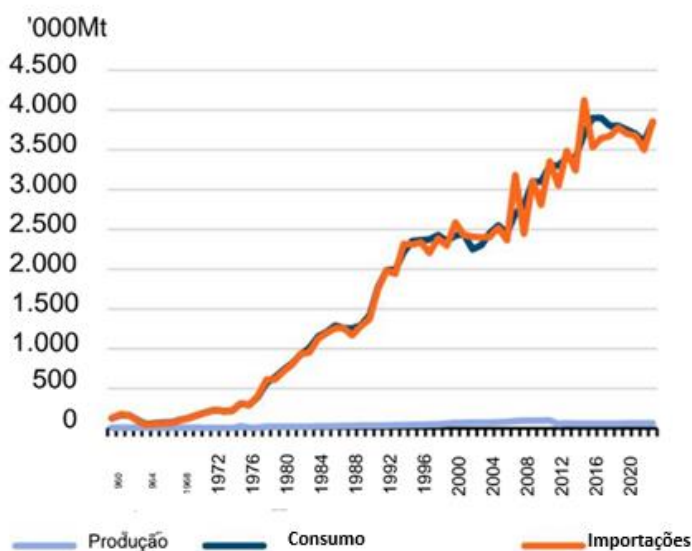
141

## Demanda

O consumo per capita de milho no país é relativamente baixo, de 1,5 quilogramas, indicando que a grande maioria do milho é utilizada para alimentação animal e não para consumo humano direto. A demanda por milho na Malásia é impulsionada, sobretudo, pelo crescimento vigoroso do setor de produção animal, em particular a avicultura, mas também a suinocultura e a aquicultura. O milho é um ingrediente primário na alimentação animal, com níveis de inclusão de 40-60% como fonte de energia.

O aumento da população, a elevação da renda per capita e as mudanças nos padrões alimentares, com maior consumo de carne, resultam em uma demanda crescente por ração animal, da qual o milho é um componente fundamental. Há uma tendência geral de crescimento da demanda.

**Figura 1: Produção, importações e consumo interno de milho da Malásia, 1960 – 2023 ('000Mt)**



Fonte: USDA (2023)

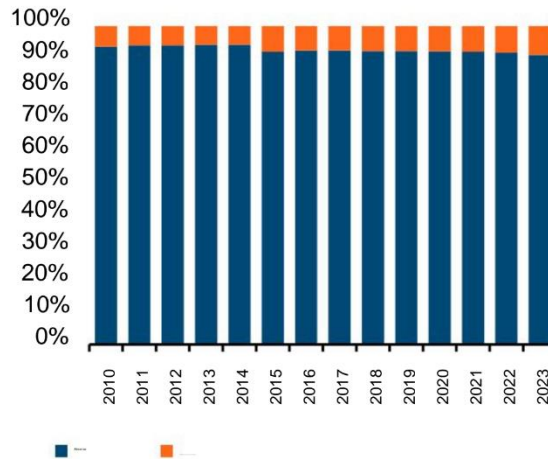
A discrepância significativa entre produção e consumo destaca a dependência do país em relação às importações de milho, consolidando a posição da Malásia como um importante comprador no mercado internacional.

Além da ração animal, o milho na Malásia também encontra aplicação em outros setores, como a indústria de alimentos processados, onde é utilizado na produção de amido, óleo de milho e outros ingredientes, e ainda em aplicações industriais. Para as exportações de milho para uso como matéria prima de produtos certificados Halal, é importante que o milho seja manuseado e processado de acordo com as diretrizes Halal. Mais de 90% do milho consumido no país é usado para ração animal.





**Figura 2: Uso doméstico de milho na Malásia, 2010 – 2023 (%)**



## Importação

Dada a insuficiência da produção local, a Malásia depende significativamente da importação de milho para suprir suas necessidades. As importações de milho têm aumentado consistentemente ao longo dos anos, evidenciando uma oportunidade clara para fornecedores externos. Os volumes de importação variam anualmente, influenciados por fatores como a produção local, o desempenho do setor pecuário e os preços internacionais.

A Malásia importa milho de vários países. Historicamente, a Argentina tem sido um dos principais fornecedores, beneficiando-se de sua grande produção e preços competitivos. O Brasil tem aumentado sua participação, consolidando-se como um fornecedor importante. Em menor escala, a Malásia também importa milho de países como Índia e Tailândia.

País	2019	2020	2021	2022	2023
Mundo	477.434	439.574	629.081	680.646	704.640
Argentina	245.568	295.536	429.524	496.187	431.602
Brasil	227.512	135.952	110.128	73.003	198.096
Paquistão	1.113	2.791	18.330	37.313	41.457
Índia	57	1.142	62.963	63.746	31.903
Outros	3.241	5.295	71.099	74.143	33.485

Fonte: TradeMap - Unidade: mil dólares americanos

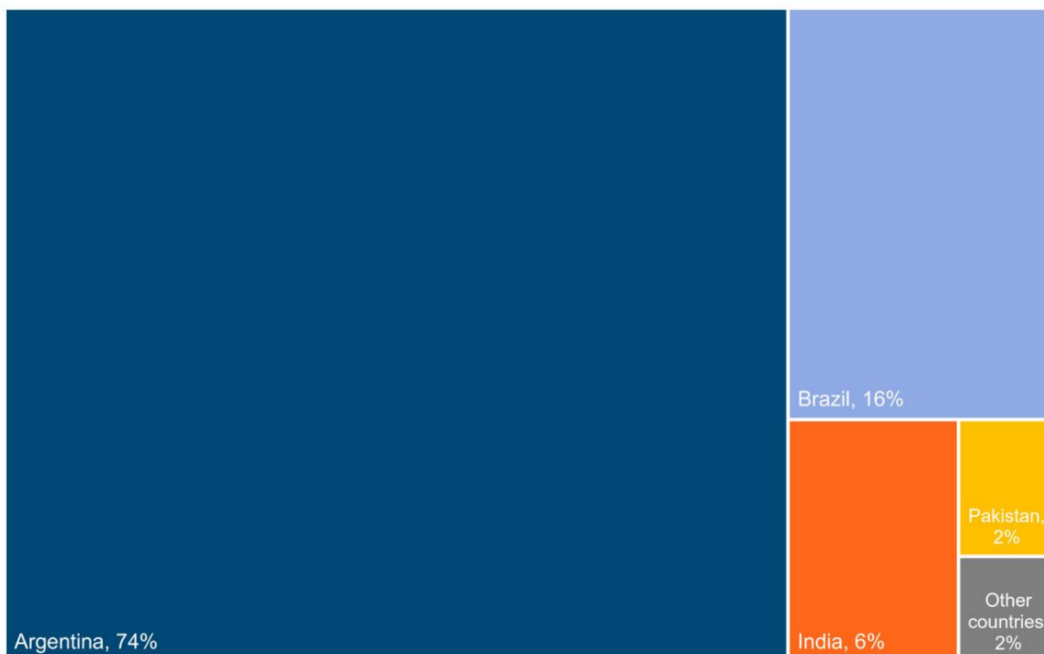




A dinâmica de preços é fortemente influenciada pelas flutuações do mercado internacional. Cotações na Bolsa de Chicago (CBOT), custos de frete, taxas de câmbio (Real/Ringgit e Dólar/Ringgit) e políticas tarifárias e não tarifárias da Malásia são fatores determinantes. O governo malaio pode intervir no mercado por meio de subsídios ou controles de preços, pois os preços do milho estão intimamente ligados aos preços do frango, sendo este setor particularmente sensível às alterações nos preços do milho, dado a condição da Malásia como produtor de aves e o seu elevado consumo per capita de aves.

Como cerca de 75% das importações de milho da Malásia são originárias da Argentina. Isto torna a Malásia altamente vulnerável a possíveis perturbações na cadeia de abastecimento, tais como surtos de doenças, condições climáticas adversas ou restrições comerciais.

Figura 3: Origem da importação de milho da Malásia por país, 2021 (%)



Fonte: ONU Comtrade (2023)

## Políticas e Regulamentações para Importação de Milho na Malásia

As tarifas de importação para milho na Malásia são 0%. Em 2022 o governo isentou a taxa de emissão de Import Permit para quatro produtos, incluindo o milho. Portanto a falta de um Acordo de Livre Comércio do Mercosul com a ASEAN ou com a Malásia não é um dificultador, neste caso.

A importação de milho na Malásia é regulamentada pelo Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar (MAFS). Os exportadores brasileiros devem estar atentos aos requisitos fitossanitários estabelecidos pelo MAFS, além de obter as licenças de importação necessárias.



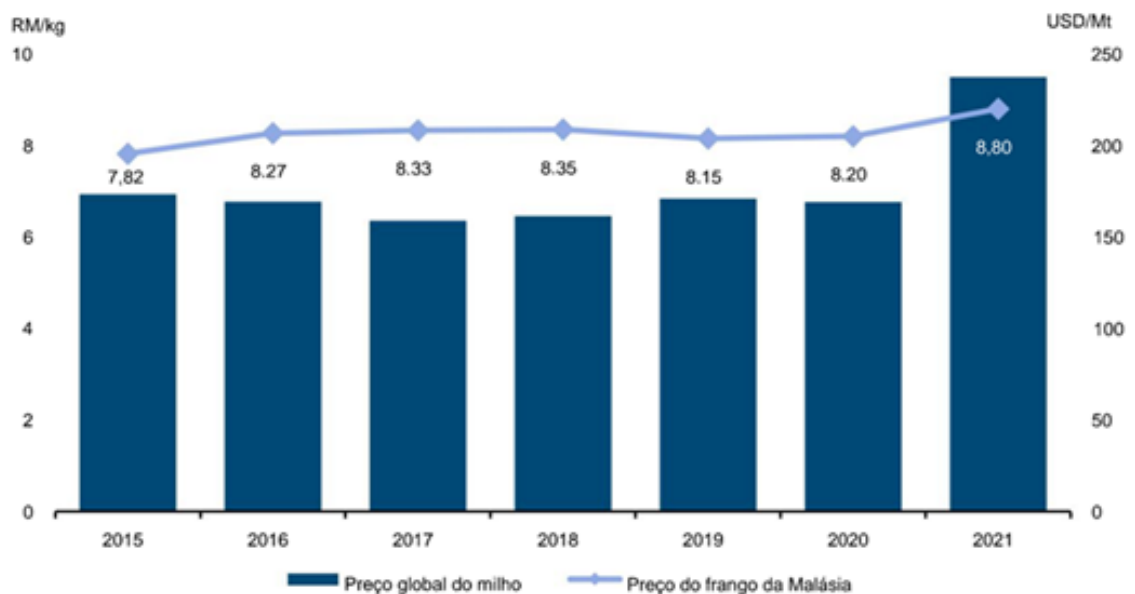


Durante a Pandemia de Covid houve um limite máximo de preços para a carne de frango e ovos, o que transferiu o fardo para os produtores de alimentos quando os preços do milho aumentaram. Isso foi compensado parcialmente com subsídio aos produtores. Em 2023 o limite de preço e o subsídio foram eliminados para a carne de frango, permanecendo somente para os ovos.

O importador precisa obter uma licença de importação de plantas e produtos vegetais dos Serviços de Quarentena e Inspeção da Malásia (MAQIS) e a carga deve estar acompanhada de Certificado Fitossanitário Internacional emitido pelo MAPA.

A Malásia possui regulamentações relativas a Organismos Geneticamente Modificados (OGM). Os exportadores devem garantir a conformidade com os requisitos de rotulagem e aprovação da Malásia para milho OGM. Embora a maior parte do milho para alimentação da Malásia seja provavelmente OGM, a clareza sobre regulamentações específicas é crucial.

Figura 4: Preços do frango da Malásia (RM/kg) e preços globais do milho (USD/Mt), 2015 – 2021



Fonte: DVS (2022); Dados de preços de commodities do Banco Mundial (The Pink Sheet) (2022)



## Principais Players do Mercado de Milho na Malásia

O mercado de milho na Malásia é composto por uma variedade de importadores, processadores e consumidores finais. Entre os principais importadores, destacam-se grandes empresas de ração animal. Os processadores de milho incluem empresas que produzem amido, óleo de milho e outros produtos derivados. O setor de consumo final é composto por produtores de carne, avicultores e outros criadores de animais.

A seguir apresentamos uma lista dentre as maiores empresas produtoras de ração animal:

- Dindings Soya & Multifeed Sdn Bhd
- FFM Bhd
- Gold Coin Feedmills (M) Sdn Bhd
- Sinmah Multifeed (M) Sdn Bhd
- Ayamas Integrated Poultry Industry Sdn Bhd
- Leong Hup Feedmill Sdn Bhd
- PK Agro-Industrial Products (M) Sdn Bhd
- PTS GoldKist Industries Sdn Bhd
- DBE Poultry Sdn Bhd
- KL Supreme Feedmill Sdn Bhd
- Liang Teik Trading Co Sdn Bhd
- MFM Feedmill Sdn Bhd
- Ni-On Marketing System Sdn Bhd
- PW Nutrifeed Sdn Bhd
- Sykt Ang Hock Stockfeeds Mfg
- Charoen Pokhand Group – CP Malaysia

## Desafios para a Exportação de Milho Brasileiro para a Malásia

O Brasil, como um dos maiores produtores e exportadores de milho do mundo, possui vantagens competitivas significativas no mercado internacional. A alta produtividade, o uso de tecnologias avançadas e a vasta área cultivada permitem ao Brasil oferecer milho a preços competitivos, com melhorias recentes na logística.

No entanto, a inserção do milho brasileiro no mercado malaio enfrenta alguns desafios. A forte concorrência da Argentina, exige que o Brasil se posicione estrategicamente, destacando seus diferenciais competitivos. As barreiras tarifárias, como as taxas de importação aplicadas a produtos agrícolas, e as barreiras não tarifárias, como os requisitos fitossanitários e os procedimentos alfandegários, não impactam de forma significativa a competitividade do milho brasileiro frente ao argentino, pois ambos os países, membros do Mercosul, enfrentam barreiras similares. A distância geográfica entre Brasil, que implica em custos de transporte e prazos de entrega, também não é um fator relevante frente ao nosso maior concorrente.

O país já exporta milho para a Malásia, demonstrando a existência de canais e relacionamentos comerciais, que talvez necessitem ser aprofundados e fortalecidos. Além disso, o bom relacionamento e a crescente proximidade do Brasil com a ASEAN são fatores positivos do ponto de vista geopolítico.



A Malásia é um centro crescente de produção e processamento de alimentos e o governo está incentivando investimentos neste setor. Isso oferece oportunidades para os exportadores brasileiros fornecerem também ingredientes de processamento de alimentos à base de milho, e não apenas milho em grão para ração.

As flutuações cambiais do Real Brasileiro e do Ringgit Malaio podem impactar a competitividade do milho brasileiro. Os exportadores devem considerar estratégias de cobertura para mitigar o risco cambial.



146

## Conclusão

A Malásia representa um mercado promissor para as exportações brasileiras de milho. A significativa dependência das importações do país, impulsionada pelo seu robusto sector pecuário, oferece oportunidades substanciais de crescimento. No entanto, os exportadores brasileiros devem identificar fragilidades frente à concorrência, reforçar os relacionamentos comerciais, enfrentar os desafios logísticos e cambiais para terem sucesso neste mercado. Ao construir relacionamentos sólidos, oferecer preços competitivos e garantir qualidade e certificação, as empresas brasileiras podem solidificar sua posição no mercado malaio de milho, contribuir para a segurança alimentar do país e incrementar as exportações brasileiras.



## MARROCOS



147

### AGRICULTURA MARROQUINA: SAFRA COMPROMETIDA, OPORTUNIDADES PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

**Número:** RAB-04-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** Rabat/Marrocos

**Palavras-chave:** Marrocos; Brasil; comércio bilateral; agronegócio; 2024

**Responsável:** Ellen Elizabeth Laurindo – adida agrícola em Rabat e Sofia Faiz – assistente local

**SUMÁRIO:** Chuvas irregulares, seca prolongada e temperaturas extremas estão comprometendo a produção agrícola anual afetando diretamente a vida de milhões de marroquinos que dependem do setor. A agricultura no Marrocos sofre com uma falta estrutural de água, o que comprometerá seriamente as safras em 2025. Especialistas consultados moderam as estimativas governamentais de produção, prevendo uma produção de cereais não superior a 5 milhões de toneladas, bem abaixo das metas do governo. Esta previsão é baseada na média dos últimos cinco anos, marcados por períodos recorrentes de seca. O Alto Comissariado para o Planejamento (HCP) compartilha dessa cautela, embora preveja uma recuperação do setor primário em 2025, após uma contração de 5% esperada para 2024. No entanto, essas previsões continuam dependentes da evolução das condições climáticas. A busca pela resiliência na agricultura marroquina pode ser oportunidade para o agronegócio brasileiro, tanto na exportação de cereais (trigo, por exemplo), quanto no compartilhamento de tecnologias de plantio direto, irrigação e melhoramento genético de cultivares e animais de produção.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





A campanha agrícola de 2024/2025 no Marrocos está se configurando como uma mistura de acontecimentos. Por um lado, o governo marroquino apresenta previsões otimistas, antecipando uma produção de cereais de 7 milhões de toneladas, em linha com um crescimento econômico estimado em 4,6% em 2025. Essas projeções são baseadas na hipótese de uma melhoria nas condições climáticas, uma variável incerta dadas as tendências atuais.

Por outro lado, especialistas do Banco Al-Maghrib moderam essas estimativas, prevendo uma produção de cereais não superior a 5 milhões de toneladas, bem abaixo das metas do governo. Esta previsão é baseada na média dos últimos cinco anos, marcados por períodos recorrentes de seca. O Alto Comissariado para o Planejamento (HCP) compartilha dessa cautela, embora preveja uma recuperação do setor primário em 2025, após uma contração de 5% esperada para 2024. No entanto, essas previsões continuam dependentes da evolução das condições climáticas.

O início da campanha 2024/2025 gerou algum otimismo graças às primeiras chuvas de inverno e a uma taxa de enchimento da barragem que atingiu 28,7% em 18 de dezembro de 2024, em comparação com 23,5% no ano anterior. Essa melhoria promoveu melhor irrigação do solo e regeneração dos lençóis freáticos. De acordo com o Departamento de Estudos e Previsões Financeiras (DEPF), a precipitação média entre 1º de setembro e 6 de dezembro de 2024 foi de 50 mm, em comparação com apenas 27 mm no ano anterior.

No entanto, as chuvas de janeiro reduziram as expectativas dos agricultores, aumentando as incertezas para a safra. As chuvas de dezembro beneficiaram principalmente áreas não produtoras de cereais, deixando a maioria das propriedades cerealistas sem recursos hídricos suficientes. Especialistas confirmam que a falta de chuva em janeiro afetará a produção de trigo, uma cultura de outono dependente da precipitação. Outro especialista ressalta que as fortes chuvas de dezembro pouparam as principais regiões produtoras, principalmente Doukkala, Abda, Chaouia e Gharb.

Diante dessas condições climáticas imprevisíveis, a agricultura marroquina precisa se adaptar. Mohamed Taher Srairi, professor do Instituto Agrônomo e Veterinário Hassan II em Rabat, pede uma revisão das técnicas agrícolas. Ele enfatiza a necessidade de desenvolver variedades de plantas e animais resistentes à seca e defende o aumento do investimento em pesquisa agrícola, com programas estruturados e financiamento apropriado.

Os agricultores marroquinos já estão adotando práticas mais resilientes, como o plantio direto, que ajuda a conservar a umidade do solo e reduzir custos. No entanto, esse método só é eficaz se for acompanhado de políticas agrícolas robustas que promovam a adaptação às mudanças climáticas. Diante da seca persistente, alguns agricultores estão reduzindo o uso de produtos fitofarmacêuticos ou abandonando as safras de primavera para preservar suas terras e alimentar seus rebanhos, uma decisão estratégica motivada pelo aumento dos preços da ração animal.

Neste contexto complexo, o governo marroquino colocou em prática diversas medidas para apoiar o setor agrícola. O Ministério da Agricultura está promovendo a conversão de culturas sensíveis à seca em espécies mais resistentes, incentivando particularmente o desenvolvimento de variedades geneticamente adaptadas às novas condições climáticas. O Fundo de Desenvolvimento Agrícola (FDA) foi reorientado para apoiar essa transição, com auxílio



# AGROINSIGHT

Informações de mercado no agro global

Ministério da Agricultura e Pecuária  
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

destinado à introdução de culturas como oliveira, tamareira e amêndoas. Além disso, o governo está fortalecendo o uso de técnicas de irrigação localizada e tecnologias de economia de água, a fim de maximizar o uso dos recursos hídricos disponíveis.



149

MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA  
E PECUÁRIA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

## MÉXICO

### GOVERNO MEXICANO RETIRA AS RESTRIÇÕES AO MILHO TRANSGÊNICO ESTABELECIDAS POR DECRETO EM 31/12/2020



150

**Número:** MEX-04-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** Cidade do México/México

**Palavras-chave:** milho transgênico; tratado México eua Canadá; painel de solução de controvérsias

**Responsável:** Adriane Reis Cruvinel

**SUMÁRIO:** A publicação de decreto que estabelecia o prazo para proibição total do uso de milho transgênico até janeiro de 2024, causou grande repercussão diante do déficit que o país apresenta para a produção de milho para alimentação animal e indústria. Em 2023 foram importados 5,2 bilhões de dólares de milho para esses destinos. A dúvida sobre a abrangência do decreto ao milho importado acarretou nova publicação em 13/02/2023 estabelecendo a restrição apenas para sua utilização diretamente na alimentação humana. Apesar da restrição mantida apenas à alimentação humana, foi aberto painel de soluções de controvérsias pelos EUA, no âmbito do T-MEC, alegando que a restrição imposta não possui embasamento científico e viola as regras estabelecidas pelo acordo. Após perder o painel no final de 2024, o governo mexicano publicou em 05/02/2025 acordo que retira as restrições estabelecidas no decreto de 2023.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



151

Em 31/12/2020, foi publicado decreto mexicano que estabelecia ações para a substituição gradual de uso, aquisição, distribuição, promoção e importação da substância denominada glifosato e componentes relacionados com esse princípio ativo até a data de 31 de janeiro de 2024, estabelecendo período de transição para sua substituição total. O decreto também revogava e não permitia liberação de sementes de milho geneticamente modificado na alimentação de mexicanos e mexicanas. A previsão no decreto era de promoção do ordenamento jurídico relacionado para substituição do glifosato e do milho geneticamente modificado até o primeiro semestre de 2023.

Como o México é praticamente autossuficiente em milho branco, utilizado para alimentação humana, mas é significativamente dependente da importação de milho amarelo para alimentação animal e indústria, desde a publicação do mencionado decreto, muita polêmica foi criada sobre a proibição, seu impacto no comércio internacional e sobre a base científica da nova legislação aplicada.

Em 13/02/2023 foi publicado novo decreto deixando clara a restrição apenas à alimentação humana, prevendo que o milho geneticamente modificado poderia ser utilizado para alimentação animal e uso industrial até 31 de janeiro de 2024, podendo ser postergado desde que não fosse possível a autossuficiência mexicana na produção de milho amarelo.

O México é o segundo maior importador de milho do mundo, ficando apenas atrás da China. Em 2023 foram importados pelos mexicanos 5,2 bilhões de dólares pela NCM 100590, num total 17,5 milhões de toneladas. O milho importado do Brasil correspondeu a 412 milhões de dólares sendo o restante do valor praticamente importado dos EUA. Segundo o USDA, em 2024 foram importados, apenas dos EUA, 5,6 bilhões de dólares, e volume recorde de 25,3 milhões de toneladas.

Tal volume de comércio acarretou abertura de painel de controvérsias pelos EUA, no âmbito do T-MEC, com adesão do Canadá, alegando que a proibição restringe o acesso ao mercado mexicano e não atende a critérios científicos.

Em 20/12/2024 foi emitido o relatório final do painel confirmando que o decreto mexicano não apresentava avaliação de risco adequada conforme evidências científicas no âmbito internacional. Após a derrota mexicana, em 05/02/2025, foi publicado novo decreto retirando as restrições estabelecidas no decreto de 13/02/2023, particularmente: sobre a impossibilidade de conceder autorizações para o uso de grãos de milho geneticamente modificados para consumo humano; à efetivação da substituição gradual do milho geneticamente modificado para ração animal e para uso industrial na alimentação humana; e à implementação de alternativas para a



# AGROINSIGHT

Informações de mercado no agro global

Ministério da Agricultura e Pecuária  
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

substituição gradual no país do milho geneticamente modificado para ração animal e uso industrial para alimentação humana, e realização de estudo sobre o consumo de milho geneticamente modificado e os possíveis danos à saúde.



152

MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA  
E PECUÁRIA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

## NIGÉRIA

### CAFE NA NIGÉRIA: PRODUÇÃO E OPORTUNIDADES



153

**Número:** ABUJA-03-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** Abuja/Nigéria

**Palavras-chave:** café; exportação; produção; mercado

**Responsável:** Frederique Abreu

**SUMÁRIO:** A Nigéria, maior economia da África, apresenta um mercado de café em ascensão, com previsão de crescimento médio anual de **10,25% entre 2025 e 2029**. Apesar de ser um país com histórico de produção de café, sua produção nacional tem declinado devido a fatores como baixa produtividade, mudanças climáticas e abandono de lavouras. O mercado nigeriano depende fortemente da importação, criando oportunidades significativas para o Brasil. Este artigo analisa a dinâmica do setor e explora o potencial de expansão para exportadores brasileiros.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





154

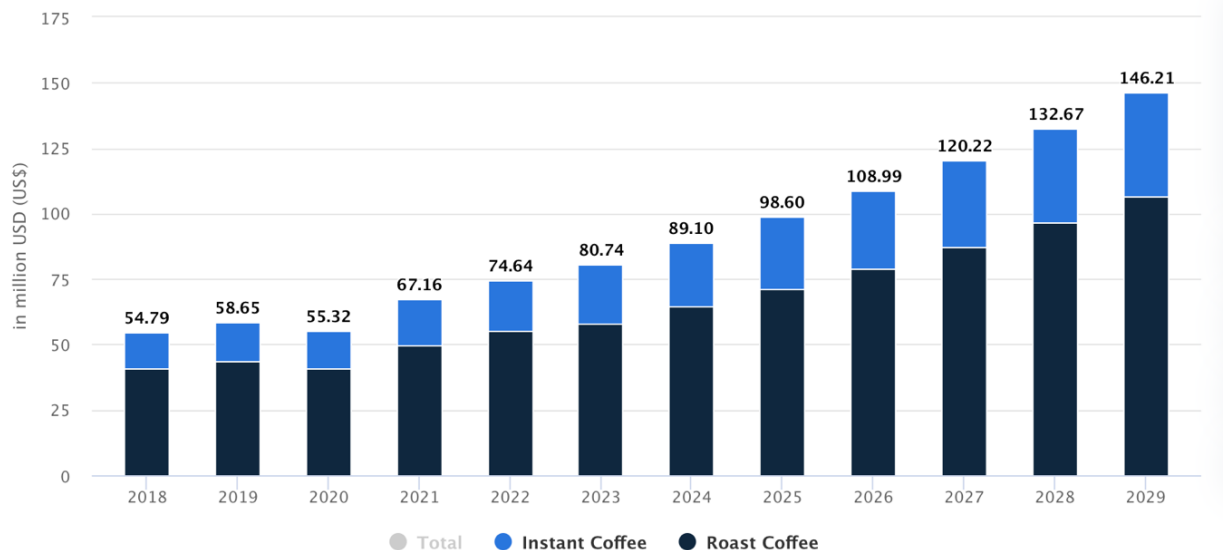
Nigéria, o cultivo de café (*Coffea robusta* e *Coffea arabica*) ocorre desde o período colonial, principalmente nos estados de Kogi, Taraba e Cross River. No entanto, nos últimos anos, o setor tem enfrentado dificuldades devido à baixa produtividade e ao abandono de lavouras, tornando a importação a principal fonte de suprimento para o mercado local.

## Tendências de produção

A produção de café na Nigéria vem decaindo desde a década de 1960. Em 2019, a produção foi de apenas 1.117 toneladas, bem abaixo do pico de 4.776 toneladas registrado na década de 1970. A redução se deve à falta de incentivos governamentais, à ausência de tecnologia moderna e às mudanças climáticas.

## Consumo Interno

Apesar do baixo consumo per capita, a demanda por café está crescendo rapidamente, impulsionada pelo aumento da urbanização e pela ascensão da classe média. Em 2020, os nigerianos consumiram cerca de 1.000 toneladas de café, e a tendência é de crescimento sustentado. Segundo o *Statista*, o mercado de café na Nigéria deve crescer a uma taxa média anual de 10,25% entre 2025 e 2029, como mostrado no Gráfico 1.



Notes: Data was converted from local currencies using average exchange rates of the respective year.

Most recent update: Jul 2024

Source: Statista Market Insights





155

## Desafios do Setor

O setor cafeeiro enfrenta diversos desafios que impactam sua produtividade e competitividade. A **baixa produtividade** é um dos principais obstáculos, resultado da idade avançada dos cafezais, da baixa mecanização e do uso de práticas agrícolas inadequadas. Além disso, as **mudanças climáticas** representam uma ameaça crescente, com o aumento das temperaturas e a irregularidade das chuvas afetando negativamente as lavouras.

Outro fator limitante é a **falta de políticas de incentivo** por parte do governo, dificultando o crescimento e o fortalecimento do setor. A **infraestrutura deficiente** também compromete a cadeia produtiva, gerando problemas logísticos e perdas de qualidade. Como consequência, muitos produtores vêm abandonando suas lavouras devido à baixa rentabilidade e à dificuldade de acesso a mercados.

## Oportunidades para o Café Brasileiro

Apesar dos desafios, o café brasileiro encontra oportunidades promissoras no mercado nigeriano. A **exportação de grãos e café solúvel** surge como uma alternativa estratégica, uma vez que a Nigéria é um mercado emergente atrativo para esse segmento, no qual o Brasil já se destaca globalmente.

Além disso, **parcerias comerciais** podem impulsionar a presença do café brasileiro no país, com investimentos em infraestrutura de torrefação e distribuição facilitando a entrada e expansão do produto. O crescente interesse por **cafés certificados e sustentáveis** também abre espaço para que o Brasil explore esse nicho, oferecendo produtos com certificações de qualidade e responsabilidade ambiental.

## Conclusão

A Nigéria representa um mercado dinâmico e em expansão para o setor cafeeiro. Apesar dos desafios na produção local, o país oferece uma excelente oportunidade para exportadores brasileiros. Com estratégias comerciais adequadas e o fortalecimento das relações comerciais, o Brasil pode se consolidar como um dos principais fornecedores de café para a Nigéria.

A combinação de um mercado interno em crescimento, a dependência de importações e o interesse por cafés de alta qualidade cria um cenário favorável para o café brasileiro. Com investimentos em infraestrutura, parcerias comerciais e a promoção de cafés certificados e sustentáveis, o Brasil pode aproveitar ao máximo as oportunidades oferecidas pelo mercado nigeriano.



## PERU

### MAÇÃ, UMA OPORTUNIDADE DE NEGÓCIOS

**Número:** LIMA-03-2025

**Data:** 31/01/2025

**Posto:** Lima/Peru

**Palavras-chave:** maçã; comércio;

**Responsável:** Warley Efrem Campos

**SUMÁRIO:** O documento reporta a dinâmica do mercado da maçã no Peru, evidenciando seus principais fornecedores e comparando com os valores de exportação do Brasil, concluindo que o Peru é um interessante mercado para as maçãs brasileiras.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





A maçã é um fruto apreciado e que possui várias propriedades nutricionais benéficas para a saúde. A produção mundial é bastante significativa, sendo a [China](#) o maior produtor mundial, com cerca [de 45 milhões de toneladas por ano](#), representando mais de 50% da produção global. Em segundo lugar está a União Europeia, com aproximadamente 12,21 milhões de toneladas. Outros grandes produtores incluem a Turquia, os Estados Unidos e a Índia. No Brasil, a produção de maçã também é relevante, com cerca [de 1,3 milhão de toneladas anuais](#). O estado de Santa Catarina é o maior produtor do país, responsável por mais da metade da produção nacional. Em 2023, o [Brasil exportou](#) mais de US\$ 30 milhões em maçãs para cerca de cem destinos.

Recentemente, o Peru [autorizou a importação de maçãs brasileiras](#), o que indica uma demanda crescente por essa fruta no mercado peruano. Essa [abertura de mercado](#) é uma oportunidade significativa para os produtores brasileiros expandirem suas exportações.

A [produção de maçã no Peru](#) é relativamente pequena em comparação com outros países, abrangendo uma área de [11 mil hectares](#), sendo que em 70% da área se produz a variedade “Red Delicious”. Em 2019, a produção média de maçãs frescas no Peru foi de cerca de 32 mil toneladas, sendo a maior parte da produção destinada ao consumo interno. A produção concentra-se em 90% na região de Lima, além de outros departamentos como Ancash, La Libertad, Arequipa e Ica.

Apesar de uma produção interna modesta, o Peru [exporta](#) maçãs para a Colômbia, República Dominicana e Porto Rico.

Em média, o peruano consome [55kg de fruta por ano](#). O consumo de maçã é de 2,54 kg e tem aumentado com o passar dos anos, impulsionado por mudanças no estilo de vida da população. A fruta se tornou popular em diversas faixas etárias, com um grande apelo para o consumo de produtos frescos e naturais. A maçã é vista como uma fruta prática e saudável, sendo consumida tanto in natura quanto em sucos, doces e outros produtos alimentícios.

O Peru importa a maior parte das maçãs que consome, principalmente do [Chile \(81%\) e dos Estados Unidos \(17%\)](#), sendo que para o Chile a maçã é o produto agrícola de maior peso nas transações correntes agrícolas com o [Peru](#), sendo que o país enfrentou [restrições fitossanitárias](#) por parte das autoridades peruanas. Ocorrências de pragas, como o reportado, podem alterar a [dinâmica do mercado](#), sendo uma oportunidade para as empresas brasileiras.

As maçãs importadas oferecem uma maior variedade e qualidade, atendendo às demandas dos consumidores mais exigentes. Em 2023 as importações peruanas de maçã atingiram US\$40,4 milhões, sendo os maiores importadores: Tránsitos de Extremadura Perú S.A.C., Rucaray S.A, Ulog Perú S.A. e Multifoods S.A.C.

O preço das maçãs pode variar dependendo da variedade e da época do ano. Durante a safra, que ocorre principalmente entre os meses de março e agosto, o preço tende a ser mais baixo, enquanto fora da safra o preço pode subir devido à diminuição da oferta local. Em média o preço no varejo é de [6,48 soles](#) (US\$1,73, [variando de US\\$1,45 a 1,93](#)). O preço atualizado das maçãs no Peru pode ser obtido no site do Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e Irrigação – MIDAGRI, através do aplicativo [Agro Chatea](#), para valores no atacado; ou no [Catálogo Virtual de Produtos](#) Agrários, para os valores no varejo.



## Importações peruanas de maçã fresca para os anos de 2022 a 2024\*

Ano	Total US\$ CIF	Ton	US\$ / KG	US\$ / KG	Origem
2022	509.367	399	1,28		ARGENTINA
2023	347.535	399	0,87	1,13	ARGENTINA
2024	1.157.696	993	1,17		ARGENTINA
2022	31.325.408	39.177	0,80		CHILE
2023	35.495.563	37.266	0,95	0,92	CHILE
2024	28.029.721	26.675	1,05		CHILE
2022	106.958	55	1,94		CHINA
2023	107.597	55	1,95	1,83	CHINA
2024	60.531	40	1,51		CHINA
2022	5.521.457	3.082	1,79		ESTADOS UNIDOS
2023	8.440.044	4.694	1,80	1,65	ESTADOS UNIDOS
2024	17.999.236	11.555	1,56		ESTADOS UNIDOS
2022	351.638	274	1,28		PORTUGAL
2023	298.758	217	1,38	1,35	PORTUGAL
2024	170.437	119	1,43		PORTUGAL
2022	<b>37.814.827</b>	<b>42.987</b>	<b>0,88</b>		<b>TODAS</b>
2023	<b>44.689.602</b>	<b>42.631</b>	<b>1,05 </b>	<b>1,04</b>	<b>TODAS</b>
2024	<b>47.417.621</b>	<b>39.382</b>	<b>1,20</b>		<b>TODAS</b>

\* Dados até novembro de 2024 (US\$1,00/kg - média ponderada) - Fonte: Veritrade

\* CIF (Cost, Insurance and Freight / custo, seguro e frete). O vendedor é responsável por entregar a carga no destino com todos os custos incluídos na contratação.

## Exportações brasileiras de maçã fresca para os países da América do Sul nos anos de 2022 a 2024\*

Ano	Total US\$ FOB	Ton	US\$ / KG	US\$ / KG	Origem
2022	5.764	2.011	2,87		ARGENTINA
2023	80.687	26.627	3,03	3,25	ARGENTINA
2024	108.655	31.373	3,46		ARGENTINA
2022	234	98	2,39		CHILE
2023	363	167	2,17	2,21	CHILE
2024	107	54	1,98		CHILE
2022	59.319	89.546	0,66		COLOMBIA
2023	532.011	592.704	0,90	0,87	COLOMBIA
2024	21.196	21.168	1,00		COLOMBIA

\* Dados até novembro de 2024 (US\$1,06/kg - média ponderada) - Fonte: Veritrade

\* FOB (Free On Board / livre a bordo). O comprador assume a responsabilidade e os custos assim que a mercadoria está a bordo do navio.

Exportações brasileiras de maçã fresca para os maiores importadores nos anos de 2022 a 2024\*

Ano	Total US\$ CIF	Ton	US\$ / KG	US\$ / KG	Origem
2022	463.884	572	0,81	0,88	ARABIA SAUDITA
2024	508.680	529	0,96		ARABIA SAUDITA
2022	9.813.281	14.815	0,66	0,70	BANGLADESH
2023	5.308.392	6.689	0,79		BANGLADESH
2023	2.699.164	3.006	0,90	0,90	EMIRATOS ÁRABES UNIDOS
2024	354.178	315	1,12	1,12	FEDERACIÓN RUSA
2022	754.813	678	1,11	1,11	FRANCIA
2022	8.560.883	11.609	0,74		INDIA
2023	12.297.280	14.311	0,86	0,83	INDIA
2024	3.921.834	4.065	0,96		INDIA
2022	2.018.563	2.437	0,83		IRLANDA
2023	2.169.528	2.539	0,85	0,85	IRLANDA
2024	1.162.034	1.339	0,87		IRLANDA
2023	2.846.347	3.493	0,81		PORTUGAL
2024	1.170.126	1.391	0,84		PORTUGAL
2022	2.034.437	3.116	0,65		REINO UNIDO
2023	1.443.426	2.089	0,69	0,68	REINO UNIDO
2024	986.384	1.355	0,73		REINO UNIDO
2022	9.348.621	11.978	0,78		Total
2023	21.631.711	27.274	0,79	0,79	Total
2024	32.574.000	41.034	0,79		Total

\* Dados até novembro de 2024 (US\$0,79/kg - média ponderada) - Fonte: Veritrade

Avaliando-se os dados obtidos da plataforma [Veritrade](#), verifica-se que o Brasil exportou a maçã a um valor FOB médio de US\$0,79/kg para os maiores compradores e a um valor médio de US\$1,06/kg para os países sul-americanos. No caso da América do Sul, interessante observamos os valores das maçãs exportadas à Colômbia, US\$0,87/kg, pois esse país possui atributos comerciais mais próximos do Peru do que os demais, em função da localização e dos acordos comerciais.

Ao se avaliar o valor CIF de importação de maçãs pelo Peru, verifica-se que o país importa o produto a US\$1,04/kg, valor esse 32% superior ao valor FOB exportado pelo Brasil.

Conclui-se que a abertura do mercado peruano representa uma oportunidade significativa para os produtores brasileiros, que agora podem expandir suas exportações e aumentar sua presença no mercado internacional.



159



160

## REINO UNIDO

### O CRESCIMENTO DO MERCADO DE AÇAÍ: POTENCIAIS E OPORTUNIDADES NO REINO UNIDO

**Número:** LON-04-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** Londres/Reino Unido

**Palavras-chave:** açaí; Amazônia; sustentabilidade

**Responsável:** Márcio Rezende Evaristo Carlos

**SUMÁRIO:** O mercado global de açaí deve chegar a US\$ 2,22 bilhões em 2030, o mercado europeu deve chegar a US\$ 499,6 milhões e o mercado do Reino Unido deve atingir US\$ 97,6 milhões em 2030. Dentre essas previsões, a maior taxa de crescimento anual composta é a do Reino Unido (7,3%). Mercados como o Reino Unido, com alto potencial consumidor, devem ser foco dos produtores e exportadores de açaí, bem como das agências governamentais, por oferecerem uma experiência autêntica com um produto da floresta amazônica.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



O mercado global de açaí está projetado para crescer de US\$ 1,49 bilhão em 2024 para US\$ 2,22 bilhões até 2030 ([Acai Berry Market Size & Outlook, 2030](#)), com uma taxa de crescimento anual composta de 12,2% durante esse período.

Gráfico 1: Mercado global de açaí, 2018-2030 (US\$M)



Fonte: [Acai Berry Market Size & Outlook, 2030](#)

Em 2024, o mercado de açaí no Reino Unido gerou uma receita de US\$ 64,1 milhões e as projeções indicam que atinja US\$ 97,6 milhões até 2030, com uma taxa de crescimento anual composta de 7,3%.

Gráfico 2: Mercado do Reino Unido para açaí, 2018-2030 (US\$M)



Fonte: [UK Acai Berry Market Size & Outlook, 2030](#)



Em termos de receita, o Reino Unido representou 4,3% do mercado global de açaí em 2024, mas o produto se encaixa bem nas diversas demandas dos consumidores britânicos, principalmente devido aos seus aspectos de sustentabilidade para a economia local, para o meio ambiente e para as populações envolvidas na produção e beneficiamento. Considerando todo o continente europeu, o mercado britânico correspondeu a 19% do total de US\$ 334,3 em 2024.

Gráfico 3: Mercado da Europa para açaí, 2018-2030 (US\$M)



Fonte: [Europe Acai Berry Market Size & Outlook, 2030](#)

A cadeia produtiva do açaí abrange diversos participantes, desde pequenos produtores até agroindústrias exportadoras, envolvendo etapas como manejo sustentável, colheita, processamento, transporte e comercialização. Os Sistemas Agro Florestais contribuem para a restauração do solo, aumento da biodiversidade e geração de renda para comunidades locais.

Segundo o Market Data Forecast ([Acai Berry Market Size, Share, Trends & Growth Report, 2032](#)), atualmente a China é o maior importador de açaí do mundo e o Brasil é o maior exportador. O mercado é muito promissor na América do Norte (EUA e Canadá) e na Europa (Alemanha, França, Países Baixos, Reino Unido e Bélgica). É uma tendência entre os consumidores europeus a utilização de frutas tropicais congeladas, incluindo o açaí, em preparações para o café da manhã e sobremesas.

Mercados com grande potencial consumidor, como o Reino Unido, devem ser objeto de atenção por parte dos produtores e exportadores de açaí, bem como das agências governamentais, por possibilitarem uma experiência autêntica com um produto oriundo da floresta amazônica, intimamente ligado à cultura local, que impulsiona a economia enquanto preserva a floresta.

## RÚSSIA



### OPÇÕES PARA GENÉTICA BRASILEIRA

**Número:** MOW-02-2025

**Data:** 13/02/2025

**Posto:** Moscou/Rússia

**Palavras-chave:** Rússia, importação; cotas, sementes; taxa zero; resultados do ano; cereais; exportação

**Responsável:** Marco Túlio Santiago, Adido Agrícola; Ekaterina Khudiakova, Assistente Técnica.

**SUMÁRIO:** Foram estabelecidas as cotas de importação de sementes de países hostis e anunciada a quantidade de batata que pode ser importada com isenção de impostos para 2025. As exportações de grãos e leguminosas da Rússia aumentaram em 3 milhões de toneladas em 2024. As exportações de cereais da Rússia em 2024 atingiram um recorde de 72 milhões de toneladas contra 68,6 milhões de toneladas no ano anterior. As importações russas de sementes agrícolas em 2024 diminuíram 2,5 vezes em comparação com 2023. A situação atual no setor de sementes da Rússia pode abrir novos espaços para produtos vegetais brasileiros.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL





164

O governo russo definiu o tamanho da cota para importação de sementes em 2025. As cotas em questão foram estendidas para todo o ano de 2025. A cota total para a importação de sementes agrícolas de países hostis foi definida pelo governo russo em 18,3 mil toneladas. Isso é quase a metade do nível de 2024 (33,1 mil toneladas). Essa decisão faz parte tanto da política externa, quanto da interna, já que tem o objetivo de apoiar o fornecedor nacional de sementes.

As restrições às importações de sementes afetarão as seguintes culturas:

- milho,
- soja,
- colza,
- trigo,
- cevada,
- centeio,
- batata,
- girassol,
- beterraba açucareira.

No entanto, segundo as fontes de notícias russas, a Rússia abriu a importação de batatas com isenção de impostos. Sob a concessão tarifária, será possível importar até 150.000 toneladas de batatas a uma taxa zero. O Ministério da Agricultura explicou a medida pela necessidade de garantir o mercado doméstico na baixa temporada e enfatizou que esse volume será suficiente para cobrir totalmente as necessidades domésticas do país.

Como foi anunciado pelo Rosselkhozadzor, o número de países que importam produtos de grãos da Rússia aumentou de 101 em 2023 para 117 em 2024. As exportações de grãos e leguminosas da Rússia aumentaram em 3 milhões de toneladas em 2024, para 75,8 milhões de toneladas.

As exportações de cereais da Rússia em 2024 atingiram um recorde de 72 milhões de toneladas contra 68,6 milhões de toneladas no ano anterior, informou a Agroexport. O Egito continuou a ser o principal importador de cereais russos, aumentando as compras de 7,3 milhões de toneladas em 2023 para 11,1 milhões de toneladas em 2024. O segundo lugar foi ocupado pela Turquia, que reduziu as importações de cereais da Rússia de 12 milhões de toneladas para 7,2 milhões de toneladas. Em terceiro lugar está o Irã, com compras de 5,6 milhões de toneladas em 2024, contra 6,6 milhões de toneladas em 2023. A Arábia Saudita (4,6 milhões de toneladas), o Bangladesh (3,9 milhões de toneladas), a Argélia (2,8 milhões de toneladas), o Quênia (2,6 milhões de toneladas), a Síria (2 milhões de toneladas) e o Iêmen (2 milhões de toneladas) aumentaram as suas compras de cereais russos.



# AGROINSIGHT

Informações de mercado no agro global

Ministério da Agricultura e Pecuária  
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Como foi divulgado pelo governo russo, as importações russas de sementes agrícolas em 2024 diminuíram 2,5 vezes em comparação com 2023. A participação de sementes de soja russas aumentou de 43,5% em 2022 para 47,1% em 2023 e até 50% em 2024, de sementes de girassol, respectivamente, de 23% para 29,6% e até 44%, de sementes de milho, de 41,8% para 45,5% e 48%.

165

Levando em consideração tudo acima exposto, a situação atual no setor de sementes da Rússia pode abrir novos espaços para produtos vegetais brasileiros.



## SINGAPURA

166

### POTENCIAL PARA FRUTAS FRESCAS BRASILEIRAS: JANELAS DE SAZONALIDADE

**Número:** SINGA-02-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Singapura

**Palavras-chave:** exportação; frutas; Singapura

**Responsável:** Luiz Claudio Caruso; Camila D'Aquino

**SUMÁRIO:** Singapura tem uma produção de alimentos limitada e depende 100% da importação para seu consumo de frutas. Anualmente o país importa cerca de USD 720 milhões em frutas e apesar da distância, o país recebeu em novembro de 2024 sua primeira carga de mangas frescas brasileiras. Em conversas com o importador Fair Price, uma grande rede varejista, identificou-se que frutas com bom prazo de validade e que possam ser transportadas por frete aéreo têm potencial para competir nas janelas de sazonalidade dos países vizinhos. Foram identificadas janelas de oportunidade para diversas frutas que têm produção ao longo do ano do Brasil, bem como apontados possíveis importadores.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



Singapura tem uma pequena produção local de ovos, vegetais e pescados, mas não produz nenhum tipo de fruta. Portanto, 100% do consumo local é importado.

Anualmente, o país importa em torno de USD 720 milhões na categoria, apresentando a distribuição apresentada na Figura a seguir.

167

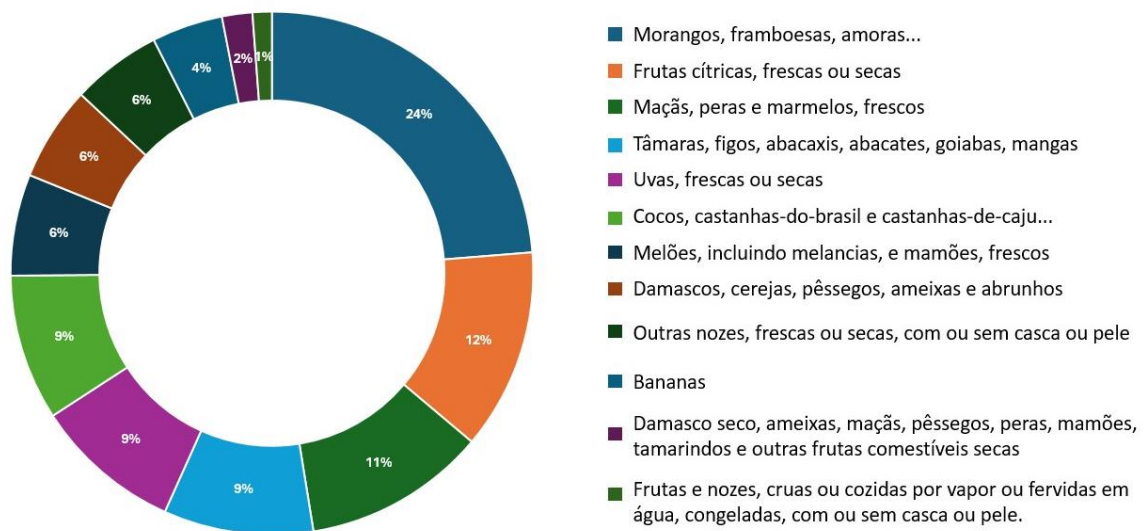


Figura 1. Distribuição dos tipos de frutas importadas por Singapura

Apesar das longas distâncias, Singapura recebeu em novembro de 2024 a primeira carga de mangas frescas brasileiras, que desde então chegam mensalmente e são vendidas diretamente ao consumidor, por aproximadamente USD 5 a unidade.

Em conversa com o importador *Fair Price*, um grande varejista de Singapura, foi possível identificar que frutas com bom prazo de validade, que possam se valer de frete aéreo para chegar em Singapura, podem ser competitivas nas janelas de sazonalidade de países vizinhos.

- Oportunidades e desafios para exportadores brasileiros de frutas:

Oportunidades	Desafios
<ul style="list-style-type: none"><li>• Grande demanda por produtos frescos</li><li>• Produtividade anual brasileira, podendo aproveitar as janelas de sazonalidade de competidores</li><li>• Alto valor agregado</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Competição com países tropicais vizinhos, como Malásia, Filipinas e Tailândia</li><li>• Logística pode ser fator de impacto, especialmente no preço final do produto</li></ul>

Assim, foram identificadas as seguintes janelas para algumas das principais frutas importadas em Singapura, considerando a importância de cada fornecedor no mercado atualmente e o período de cultivo de cada fruta:



168

Frutas	Principais competidores	Oportunidades Brasil
Laranjas/tangerinas	Austrália, Estados Unidos e África do Sul	Mar - Mai
Limões	África do Sul, Malásia e Vietnã	Set - Jan
Maçã/peras	China, Malásia, Austrália e Estados Unidos	Mai - Set
Abacaxi	Malásia e Filipinas	Out - Fev
Mangas	Austrália	Abr - Set
Abacates	Austrália	Dez - Abr
Melancias/melões	Malásia, China e Austrália	Mai - Set

Alguns potenciais importadores de produtos frescos em Singapura:

Nome	Website	Contato
Bidfood Singapore Pte	<a href="http://www.bidfood.com.sg">www.bidfood.com.sg</a>	<a href="mailto:tan_amanda@bidfood.com.sg">tan_amanda@bidfood.com.sg</a> (Amanda Tan)
Everich Market Place Pte	<a href="http://www.everich.com.sg">www.everich.com.sg</a>	<a href="mailto:alvintan@everich.com.sg">alvintan@everich.com.sg</a> (Alvin Tan)
NTUC FairPrice Co-operative Ltd	<a href="https://www.fairprice.com.sg/">https://www.fairprice.com.sg/</a>	<a href="mailto:linda.pang@fairpricegroup.sg">linda.pang@fairpricegroup.sg</a> (Linda Pang)

## TAILÂNDIA



169

### MERCADO DE DDG/DDGS NA TAILÂNDIA

**Número:** BAC-04-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Bangkok/Tailândia

**Palavras-chave:** requisitos; fornecedores; competitividade; estratégias comerciais

**Responsáveis:** Ana Carolina Miranda Lamy, Wiranpat Boonyarattapan

**SUMÁRIO:** Em 2024, a Tailândia importou 285.835 toneladas de DDG/DDGS, um aumento de 12% em relação a 2023, impulsionado pela recuperação do setor agropecuário após um período de incertezas econômicas decorrentes da pandemia de coronavírus e desafios sanitários, especialmente no combate à peste suína africana no país. Nesse contexto, a crescente demanda por ração animal favoreceu o uso de DDG/DDGS como alternativa nutritiva. Apesar do crescimento recente, as importações ainda estão abaixo dos níveis de 2020, evidenciando um potencial de expansão, impulsionado pelo consumo interno e pela posição estratégica da Tailândia como produtora e exportadora de ração animal.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



DDG/DDGS (grãos secos de destilaria/ grãos secos de destilaria com solúveis) são subprodutos versáteis, amplamente utilizados na indústria de ração animal por oferecerem uma fonte econômica de proteína, fibra e energia. Embora o DDG/DDGS seja largamente utilizado em rações para aves e suínos, sua aplicação em rações para peixes e camarões tem crescido apesar dos desafios de digestibilidade. Além disso, o DDG/DDGS pode ser encontrado em algumas formulações de ração para animais de companhia, especialmente em produtos de baixo custo, como fonte de proteína e fibra. No entanto, é necessário um processamento cuidadoso para garantir a palatabilidade e o equilíbrio nutricional adequado.

Nesse sentido, o mercado de DDG/DDGS é um segmento de grande importância para o setor agropecuário da Tailândia, tendo em vista sua pujante indústria de produção de proteína animal, em especial aves e suínos. Com a recuperação gradual da demanda por ração, a importação desses ingredientes tende a crescer significativamente, embora o setor enfrente desafios relacionados à complexidade dos regulamentos de importação e à competitividade de preços. Este artigo apresenta um panorama sobre as importações de DDG/DDGS pela Tailândia, os principais fornecedores, as normas regulatórias e as perspectivas futuras para o mercado tailandês.

## Importação de DDG/DDGS

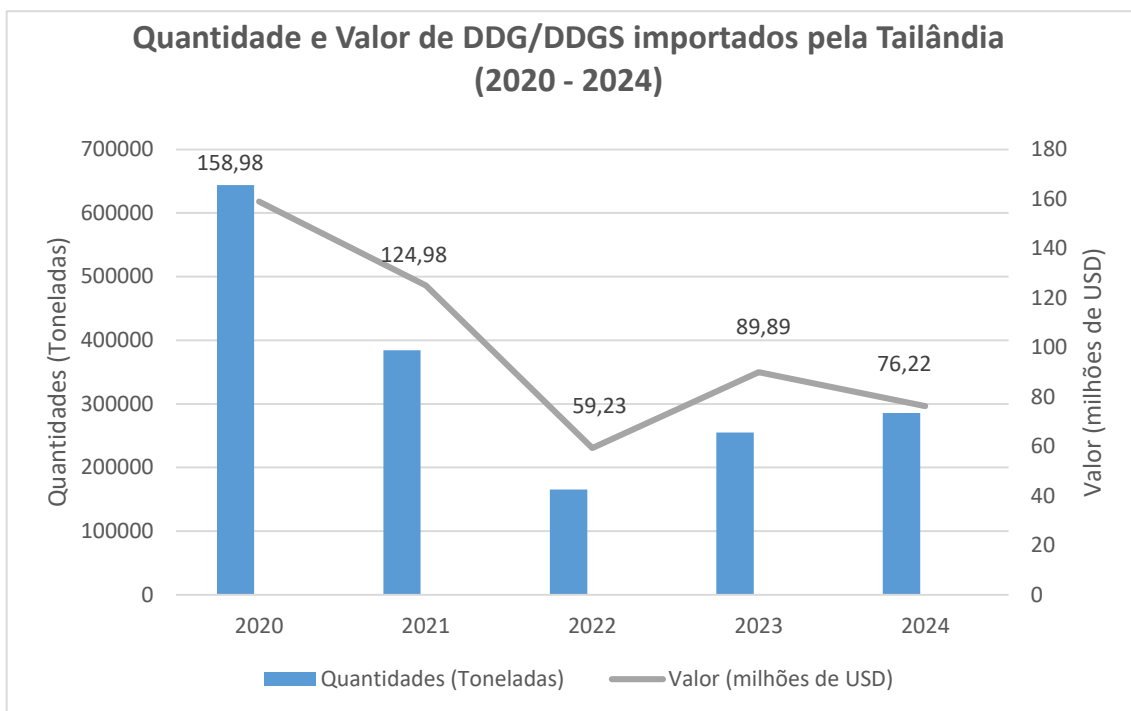
Em 2024, a Tailândia importou 285.835 toneladas de DDG/DDGS, representando um crescimento de 12% em comparação com as 254.953 toneladas importadas em 2023, conforme mostra o Gráfico 1 abaixo.

Esse aumento reflete a recuperação da demanda interna por ração animal, impulsionada pela retomada do setor agropecuário após um período de incertezas econômicas decorrentes da pandemia de coronavírus e desafios sanitários, especialmente no combate à peste suína africana no país.

Além disso, a modernização da aquicultura e o aumento da demanda global por frutos do mar impulsionaram a necessidade de ração na indústria pesqueira, favorecendo o uso de DDG/DDGS como alternativa nutritiva. Esse crescimento reduziu a dependência de fontes tradicionais de proteína e impulsionou as importações, refletindo-se na recuperação gradual dos volumes entre 2023 e 2024.



Gráfico 1. Importações de DDG/DDGS pela Tailândia, em toneladas, de 2020 a 2024



Fonte: ITC/TradeMap; Tradereport/MOC

Vale destacar que, apesar do aumento nas importações de DDG/DDGS nos últimos dois anos, os volumes importados permanecem significativamente abaixo dos níveis de 2020, quando ultrapassaram 600.000 toneladas. Esse cenário evidencia um potencial de crescimento na demanda tailandesa por DDG/DDGS, impulsionado tanto pelo consumo interno de ração animal quanto pelo papel estratégico do país como um dos principais produtores e exportadores de ração.

Em 2022, as exportações tailandesas de ração animal (HS 2309) atingiram o maior volume dos últimos cinco anos, totalizando 1.135.399 toneladas, com um valor de US\$ 2,805 bilhões. Embora o volume tenha caído para 1.045.248 toneladas em 2024, o valor das exportações aumentou para US\$ 3,015 bilhões, o mais alto do período, registrando um crescimento de 23,8% em relação a 2023. Esse aumento no valor sugere uma expansão do setor, possivelmente impulsionada por produtos de maior valor agregado e pela crescente demanda global. Em 2024, os principais mercados de exportação da Tailândia foram os Estados Unidos (28,9%), Japão (11%) e Austrália (5,7%), com destaque para as exportações de ração para animais de companhia, aquicultura e gado.

O Gráfico 2 ilustra a evolução do volume (em toneladas) e do valor (em dólares americanos) das exportações de ração animal (HS 2309) pela Tailândia entre 2020 e 2024.

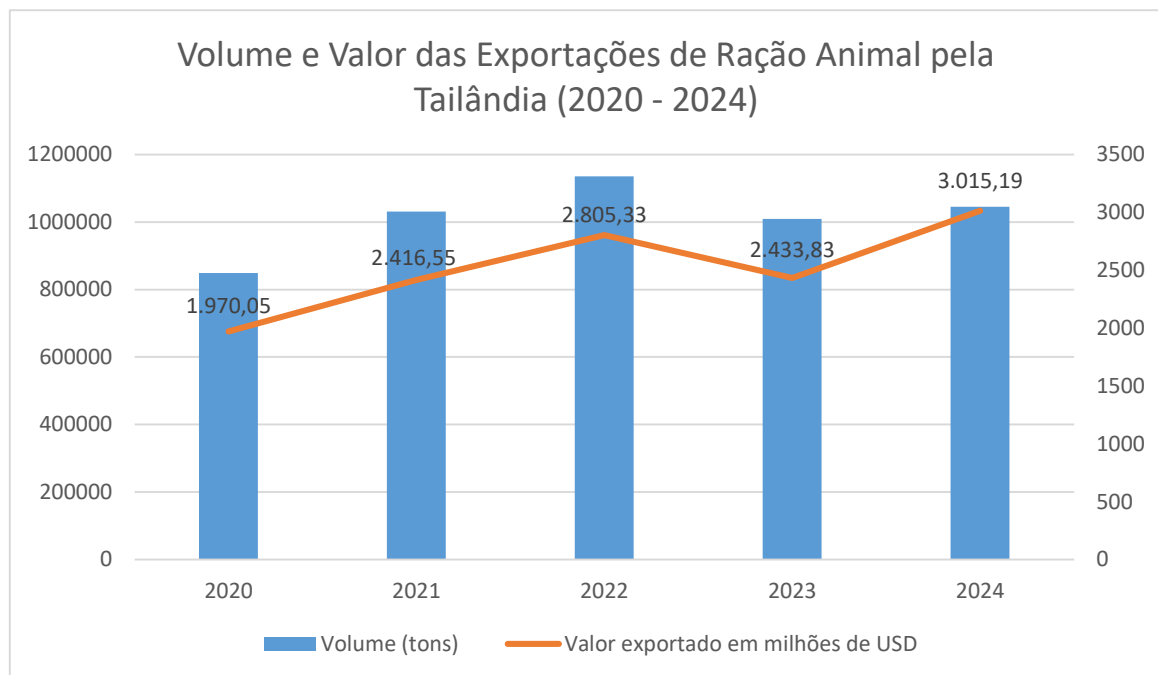


171





**Gráfico 2. Exportações de ração animal (HS 2309) pela Tailândia entre 2020 e 2024, em volume (toneladas) e valor (milhões de dólares americanos).**



Fonte: ITC/TradeMap; Tradereport/MOC

## Importações de DDG/DDGS por tipo de produto e principais fornecedores

Dentre os produtos de DDG/DDGS importados pela Tailândia, destacam-se os seguintes códigos SH:

- 23021000 - Sêneas, farelos e outros resíduos, incluindo pellets, da peneiração, moagem ou de outros processos do milho
- 23033000 - Borrás e desperdícios da indústria cervejeira e das destilarias
- 23069090 - Tortas e outros resíduos da extração de outros óleos vegetais

Dentre eles, borras e desperdícios da indústria cervejeira e das destilarias (23033000) representam o principal produto da categoria DDG/DDGS importado pela Tailândia, e respondeu por 95% do valor total das importações em 2024, tendo os EUA como principal fornecedor. Em segundo lugar, encontra-se a importação de tortas e outros resíduos da extração de outros óleos vegetais (23069090), com apenas 3% do total importado em 2024, e cujo principal fornecedor foi a China. Já o produto sêneas, farelos e outros resíduos, incluindo pellets, da peneiração, moagem ou de outros processos do milho (HS 23021000) representou apenas 2 % do total importado pela Tailândia em 2024, tendo como principal fornecedor o Mianmar.



Abaixo, a Tabela 1 apresenta os valores importados de DDG/DDGS pela Tailândia, em milhões de USD, por tipo de produto, no período de 2020 a 2024, com destaque para a participação de mercado dos principais fornecedores.

**Tabela 1. Importações de DDG/DDGS pela Tailândia, em milhões de USD, por tipo de produto, no período de 2020 a 2024**



Código SH	Produto	2020	2021	2022	2023	2024	Participação de Mercado (2024)
23033000	Borras e desperdícios da indústria cervejeira e das destilarias	156,15	123,66	59,23	83,88	72,11	EUA (74,3%) Brasil (22,3%) Paraguai (2,2%) Índia (0,7%) Laos (0,2%)
23069090	Tortas e outros resíduos da extração de outros óleos vegetais	0	0	0	0	2,43	China (93,1%) Taiwan (6,4%) Vietnã (0,1%) Índia (0,1%)
23021000	Sêmeas, farelos e outros resíduos, incluindo pellets, da peneiração, moagem ou de outros processos do milho	1,51	1,32	0	6,01	1,68	Mianmar (75,7%) EUA (21,9%) Laos (2,3%)
23069010	Tortas e outros resíduos da extração do gérmen de milho	1,32	0	0	0	0	-
<b>Total</b>		<b>158,98</b>	<b>124,98</b>	<b>59,23</b>	<b>89,89</b>	<b>76,22</b>	

Fonte: ITC/TradeMap; Tradereport/MOC

Como pode ser observado na Tabela 1, os principais fornecedores de borras e desperdícios da indústria cervejeira e das destilarias (HS 23033000), que representam o principal produto da categoria DDG/DDGS importado pela Tailândia, foram os Estados Unidos, com 74,3% de participação no mercado, seguidos pelo Brasil com 22,3% e pelo Paraguai com 2,2%. Apesar de uma queda no valor das importações, que passou de US\$ 83,88 milhões no ano anterior para US\$ 72,11 milhões, o volume das importações aumentou de 233.204 toneladas para 268.706 toneladas, refletindo um crescimento superior a 15%. Cabe mencionar que a redução no valor das importações reflete a queda nos preços do DDGS nos EUA, que estão abaixo da média dos últimos cinco anos e se aproximam dos níveis pré-COVID. Esse movimento ocorre em paralelo à recuperação da produção de etanol de milho e DDGS em solo americano, após os impactos da pandemia.

Em 2024, pela primeira vez em cinco anos, a Tailândia importou tortas e outros resíduos da extração de outros óleos vegetais (HS 23069090), totalizando 7.550 toneladas e um valor de US\$ 2,43 milhões. A China dominou as exportações, com 93,1% de participação no mercado, seguida por Taiwan (6,4%), Vietnã (0,1%) e Índia (0,1%).





174

Já as importações de sêneas, farelos e outros resíduos, incluindo pellets, da peneiração, moagem ou de outros processos do milho (HS 23021000) apresentaram uma queda significativa em relação a 2023, tanto em volume quanto em valor. A Tailândia importou 9.579 toneladas em 2024, uma redução de 56% em comparação com as 21.749 toneladas do ano anterior. O valor das importações também diminuiu consideravelmente, passando de US\$ 6,01 milhões em 2023 para US\$ 1,68 milhão, uma queda superior a 72%. O principal fornecedor foi Mianmar, com 75,7% de participação no mercado, seguido pelos Estados Unidos e Laos, com 21,9% e 2,3%, respectivamente.

Não houve registro de importações de tortas e outros resíduos da extração do gérmen de milho (HS 23069010) pela Tailândia nos últimos anos. Em 2020, foram importadas 6.284 toneladas, mas esse número caiu para apenas 26 toneladas em 2021, e não houve mais importações desde então.

### Principais importadores de DDG/DDGS na Tailândia

Os importadores de DDG/DDGS na Tailândia são, em grande parte, empresas de ração animal e processamento de proteína animal. Esses importadores desempenham um papel essencial para o setor de nutrição animal, utilizando DDG/DDGS como uma fonte de proteína e energia em formulações de ração. Em 2024, destacaram-se como principais importadores:

	Importador Tailandês
HS 23021000	1. NITHI 2022 Co., LTD.
	2. PROGRESS (59) IMPORT EXPORT Co., LTD.
	3. K.A.C.T Co., LTD.
	4. MUANGCHAROENSAPPHANIT Co., LTD.
	5. MUANGLOEI JUNPANIT (2000) Co., LTD.
	6. FON DAO FIELD CROPS
	7. SURIYA IMPORT EXPORT CO., LTD.
	8. TONGPHUNCHUNG KARNKASET CO., LTD.
	9. KANSAPHAT CO., LTD
HS 23033000	1. BANGKOK PRODUCE MERCHANDISING CO., LTD.
	2. S. THAICHAROENPORN COMMERCIAL CO., LTD.
	3. V.C.F GROUP CO., LTD.
	4. PROGRESS (59) IMPORT EXPORT Co., LTD.
	5. FEDMART CO., LTD
	6. INTEQ FEED CO., LTD.
	7. ADM (THAILAND) CO., LTD.
	8. FRODOH INTER CO., LTD
	9. SUNFEED CO., LTD
	10. LAB INTER INDUSTRY CO., LTD

Fonte: MOC



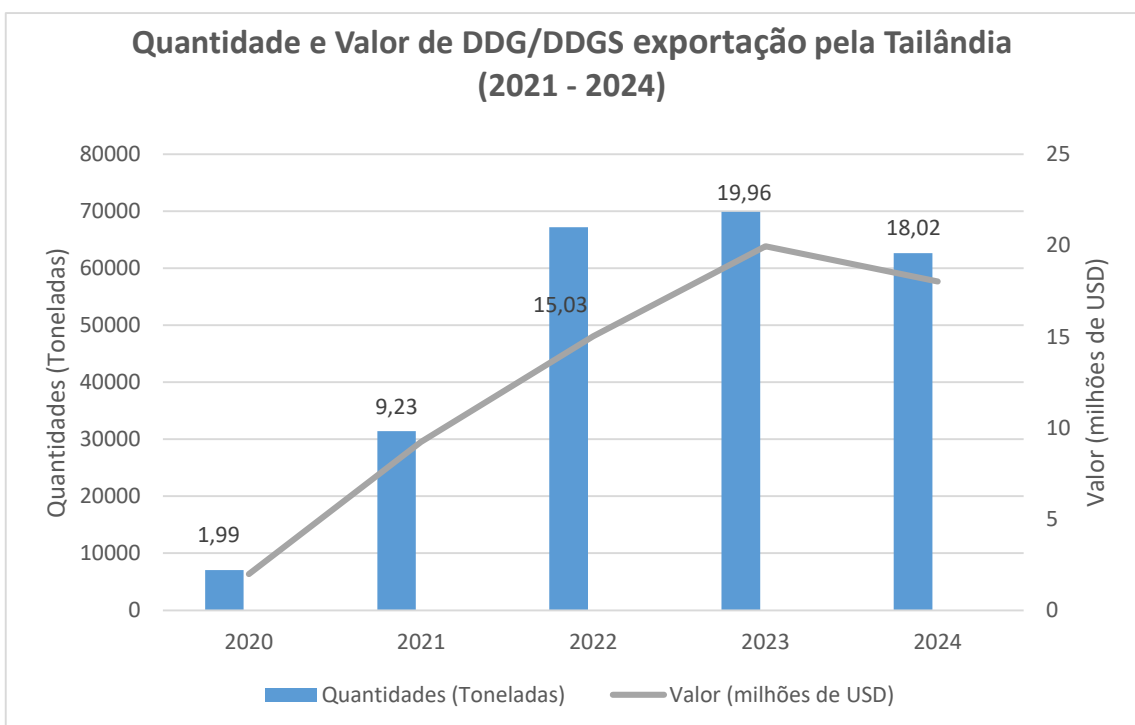


A Bangkok Produce Merchandising CO., LTD. comercializa ingredientes para ração e fornece matérias-primas para a Charoen Pokphand Foods CO., LTD. (CP Foods). A CP Foods, subsidiária do CP Group, é uma das maiores produtoras globais de ração animal, produtos alimentícios e serviços relacionados, com foco nos segmentos de aves, suínos e aquicultura. Com operações em diversos países, a CP Foods produz e distribui seus produtos globalmente, atendendo às demandas de diferentes mercados e consolidando sua posição como líder na indústria agroalimentar.

### Exportações de DDG/DDGS da Tailândia

Embora a Tailândia seja um grande importador de DDG/DDGS, o país também tem aumentado suas exportações desse produto. Conforme demonstra o Gráfico 3 abaixo, o maior volume e valor de exportação ocorreram em 2023, com um total de 69.895 toneladas exportadas, no valor de US\$ 19,96 milhões. No entanto, em 2024, houve uma leve diminuição, com 62.627 toneladas exportadas, avaliadas em US\$ 18,02 milhões. Essa tendência de aumento nas exportações de DDG/DDGS sugere que a Tailândia está expandindo sua produção de matérias-primas para ração animal, em especial a produção de milho, para atender à crescente demanda interna, impulsionada pela expansão da indústria de proteína animal, além de atender à demanda dos mercados internacionais.

Gráfico 3. Exportação de DDG/DDGS pela Tailândia, em toneladas, de 2020 a 2024



Fonte: ITC/TradeMap; Tradereport/MOC





## Exportações de DDG/DDGS por tipo de produto e principais destinos

As exportações de DDG/DDGS da Tailândia são compostas principalmente por sêneas, farelos e outros resíduos, incluindo pellets, da peneiração, moagem ou de outros processos do milho (HS 23021000), e os principais destinos incluem o Japão, com 90%, seguido pelos Estados Unidos com 5,4% e Taiwan com 3,5%. Com base na análise dos dados apresentados na Tabela 2 abaixo, em 2024, a Tailândia exportou 59.982 toneladas deste produto, no valor de US\$ 17,32 milhões. Se comparado aos valores de importação apresentados na Tabela 1, a Tailândia exportou US\$ 15,64 milhões a mais do que importou do mesmo produto no mesmo período. Isso destaca o aumento da capacidade de produção de milho da Tailândia nos últimos anos.

Para as demais categorias de produtos, os valores exportados são significativamente menores. Vale mencionar que, em 2024, a Tailândia iniciou as exportações de tortas e outros resíduos da extração de outros óleos vegetais (HS 23069090), principalmente para países vizinhos, como Camboja (44,9%), Laos (30,1%) e Singapura (12,5%). O valor total das exportações desse produto foi de US\$ 0,65 milhão, com um total de 2.525 toneladas enviadas.

**Tabela 2. Exportações de DDG/DDGS pela Tailândia, em milhões de USD, por tipo de produto, no período de 2021 a 2024**

Código SH	Produto	2020	2021	2022	2023	2024	Participação de Mercado (2024)
23021000	Sêneas, farelos e outros resíduos, incluindo pellets, da peneiração, moagem ou de outros processos do milho	1,95	8,06	15,03	19,89	17,32	Japão (90%) EUA (5,4%) Taiwan (3,5%)
23069090	Tortas e outros resíduos da extração de outros óleos vegetais	-	-	-	-	0,65	Camboja (44,9%) Laos (30,1%) Singapura (12,5%)
23033000	Borras e desperdícios da indústria cervejeira e das destilarias	0,04	1,22	0	0,07	0,05	Laos (100%)
23069010	Tortas e outros resíduos da extração do gérmen de milho	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>		<b>1,99</b>	<b>9,28</b>	<b>15,03</b>	<b>19,96</b>	<b>18,02</b>	

Fonte: ITC/TradeMap; Tradereport/MOC

Nos últimos cinco anos, as tendências de exportação indicam que a Tailândia tem intensificado a produção de matérias-primas para ração animal, visando sustentar o crescimento das indústrias de nutrição animal e proteína animal, em especial aves e suínos. Esse movimento





177

surge, em parte, como resposta às regulamentações mais rígidas sobre a importação de ingredientes para ração.

Segundo relatório do Conselho de Grãos dos EUA, a produção de milho na Tailândia registrou um aumento significativo no período 2023/2024, consolidando o país como o terceiro maior produtor de milho do Sudeste Asiático. Esse crescimento está diretamente vinculado à expansão do setor pecuário doméstico e ao aumento das exportações de ração, bem como de subprodutos e resíduos de milho, reforçando a posição da Tailândia como um player estratégico na região no fornecimento de insumos.

## Tarifas de Importação e Acordos Comerciais

Na Tailândia, a tarifa de importação de DDG/DDGS é regulamentada pelo Departamento de Alfândega, responsável pela aplicação das tarifas e fiscalização do processo de importação. Além disso, o Departamento de Comércio Exterior (DFT) desempenha um papel estratégico na formulação de políticas comerciais e na negociação de tarifas, especialmente no contexto de acordos comerciais internacionais. O Quadro 1 apresenta as tarifas de Importação aplicadas pela Tailândia para DDG/DDGS.

**Quadro 1. Tarifas de Importação aplicadas pela Tailândia para DDG/DDGS.**

Código SH: 23021000, 23033000, 23069010, 23069090	Tarifa de Importação
Thai – Australia	0 %
Thai - Chile	0 %
Thai - Japan	0 %
Thai – New Zealand	0 %
Thai - Peru	0 %
ASEAN – Australia – New Zealand	0 %
ASEAN - China	0 %
ASEAN – Hong Kong	0 %
ASEAN - India	0 %
ASEAN - Japan	0 %
ASEAN - Korea	0 %
AFTA (ASEAN)	0 %
LDCs	0 %
RCEP	0 % (HS 23069090: 6.6 %)
Países fora do acordo OMC	10 %
Países membros da OMC	9 %

Fonte: Alfândega da Tailândia





178

Os acordos comerciais com tarifas reduzidas ou isentas oferecem uma vantagem competitiva, em especial, para países da região, possibilitando a diversificação das fontes de fornecimento do produto, atualmente dominadas pelos Estados Unidos. Essa diversificação pode contribuir para mitigar riscos relacionados a flutuações de preços e interrupções no fornecimento, promovendo maior estabilidade e competitividade no mercado tailandês de DDG/DDGS.

## Requisitos, Padrões de Qualidade e Procedimentos de Importação

O Ministério da Agricultura e Cooperativas da Tailândia, por meio do Departamento de Agricultura (DOA) e do Departamento de Desenvolvimento Pecuário (DLD), é o responsável pela regulamentação e fiscalização da importação de DDG/DDGS. A empresa interessada em exportar deverá solicitar uma licença de importação e registrar o produto.

No que tange ao DOA, a *Notificação do Departamento de Agricultura: Critérios, procedimentos e condições para a importação ou trânsito de artigos proibidos, restritos e não proibidos, B.E. 2551, Parte 5*, determina que o produto deve estar acompanhado de Certificado fitossanitário (indicar o status livre de pragas, desinfecção ou o percentual do nível de tolerância permitido para pragas vegetais), e do Formulário P.Q.5 – declaração de importação ao oficial de quarentena vegetal.

Em relação ao DLD, a "**Lei de Controle de Qualidade de Ração Animal, B.E. 2558**" classifica o DDG/DDGS como **ração animal especialmente controlada** na Tailândia, sujeito a padrões de qualidade, tais como:

- **Teor de Proteína:** Mínimo de **24%**
- **Umidade:** Máximo de **12,5%**
- **Resíduos:** Máximo de **12%**

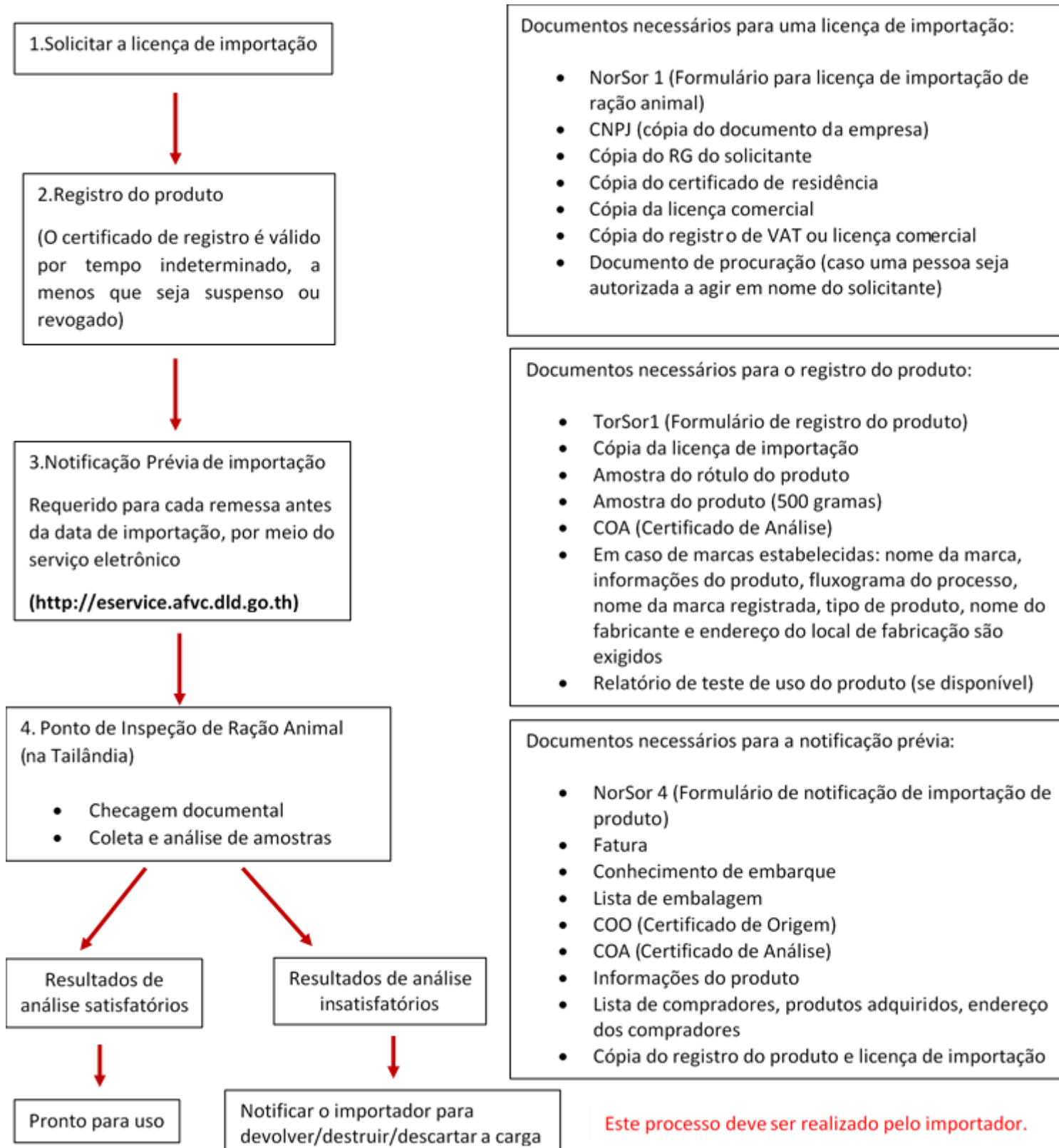
## Processo de Importação

A figura abaixo apresenta detalhadamente o processo de importação de DDG/DDGS na Tailândia. Em resumo, o processo envolve quatro etapas principais:

1. **Solicitação de Licença:** O importador deve apresentar documentação como o **NorSor 1** (formulário de solicitação), certificados da empresa e registros fiscais.
2. **Registro do Produto:** Requer a apresentação de amostras, rótulos e um Certificado de Análise (COA).
3. **Notificação Prévia:** Toda remessa deve ser declarada antes da chegada, por meio do sistema eletrônico do DLD.
4. **Inspeção e Liberação:** Autoridades realizam testes de qualidade (por amostragem). Produtos com resultados insatisfatórios devem ser devolvidos ou destruídos.



## Processo de importação de DDG/DDGS na Tailândia





## Perspectivas: Desafios e Oportunidades

Apesar do domínio dos Estados Unidos no mercado de DDG/DDGS na Tailândia, outros países têm intensificado esforços para ampliar sua participação, sobretudo por meio de preços competitivos e tarifas preferenciais, especialmente dentro da ASEAN.

Com a recuperação econômica pós-pandemia, a retomada da produção de suínos após o surto de PSA e a modernização da aquicultura, a demanda por ração animal tem crescido nos últimos anos. Segundo o Conselho Americano de Grãos (US Grains Council), a capacidade de produção das fábricas de ração na Tailândia é de 20 milhões de toneladas métricas (MMT), com uma taxa de utilização de aproximadamente 90%. Esse cenário aponta para um potencial de crescimento tanto para o mercado doméstico de aves, suínos e aquicultura quanto no setor de exportação de ração.

Além disso, o aumento da produção de milho no país em 2023/24 reflete uma expansão agrícola voltada para atender à crescente demanda interna. Atualmente, a Tailândia é o terceiro maior produtor de milho do Sudeste Asiático, impulsionada por políticas governamentais que incentivam preços elevados aos produtores e priorizam o uso de ingredientes locais na produção de ração.

A competitividade do DDGS como componente de ração animal está diretamente ligada às oscilações nos preços de ingredientes tradicionais, como milho, farelo de soja e trigo. Em momentos de alta nos preços desses insumos, o DDGS se torna uma alternativa mais atrativa para os produtores de proteína animal. Diante disso, importadores tailandeses vêm adotando estratégias de diversificação de fornecedores de DDGS para reduzir a dependência dos Estados Unidos, mitigar riscos de volatilidade de preços e garantir maior segurança no abastecimento.

Para exportadores interessados no mercado tailandês, a manutenção da competitividade exige estratégias eficazes, como o cumprimento rigoroso das normas fitossanitárias e de qualidade, além da otimização dos processos logísticos. O mercado de DDGS segue em evolução, impulsionado por tendências de sustentabilidade, oscilações nos preços da ração tradicional e o crescimento da produção pecuária global. Apesar da concorrência com outras fontes de ração, a crescente conscientização sobre práticas agrícolas sustentáveis e a relação custo-benefício do DDGS oferecem oportunidades estratégicas para a expansão do setor.



## TURQUIA



181

### DINÂMICA DA IMPORTAÇÃO DO TABACO PELA REPÚBLICA DA TURQUIA

**Número:** ANCA-03-2025

**Data:** 14/02/2025

**Posto:** Ancara/Turquia

**Palavras-chave:** tabaco; restrições ao fumo

**Responsável:** Diego Leonardo Rodrigues

**SUMÁRIO:** A produção e consumo de tabaco na Turquia têm forte tradição cultural, com cerca de 30% dos adultos usando tabaco. Até os anos 80, a indústria era controlada pela estatal Tekel, mas, após a privatização, multinacionais dominaram o mercado, rompendo parte da cadeia produtiva nacional. A Turquia demonstra equilíbrio entre exportações de produtos acabados com importações de tabaco não manufaturado. O Brasil é o principal exportador de tabaco não manufaturado para a Turquia, mas perdeu participação de mercado (31% em 2019 para 22% em 2023) para concorrentes como Índia e Paquistão. A demanda por importações deve permanecer estável, com o mercado global competitivo. A safra brasileira 2024/2025 deve ser comercializada internacionalmente com preços altos. Planejamento frente aos concorrentes, em especial Índia, pode melhorar a posição brasileira no mercado turco.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL

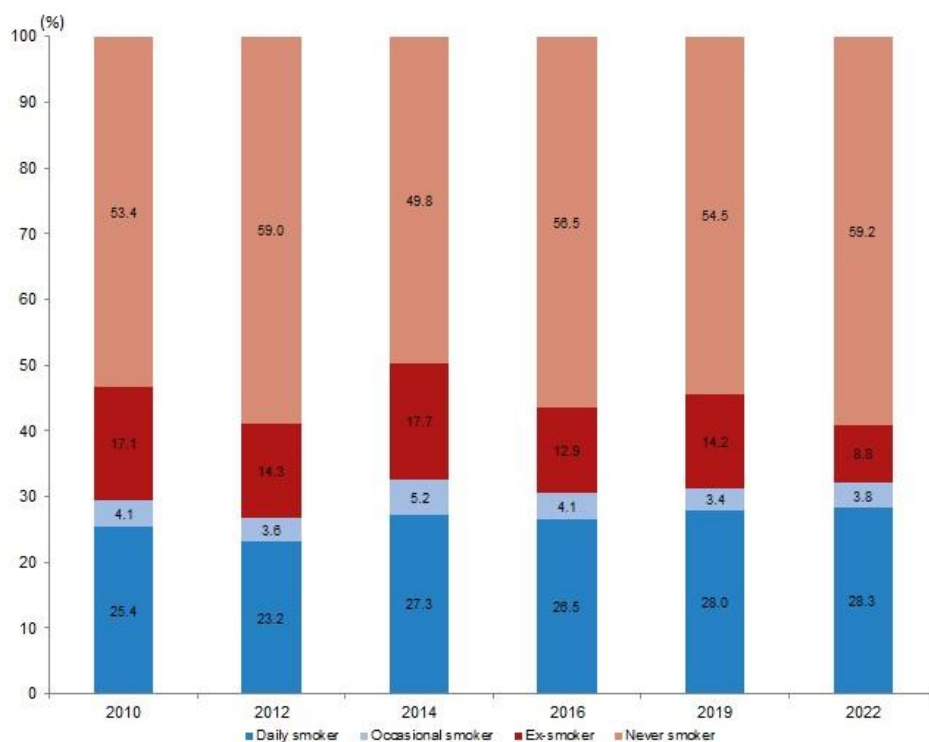


182

A produção e consumo de tabaco na Turquia têm raízes históricas e culturais. Estima-se que aproximadamente [30%](#) da população adulta faça algum tipo de uso do tabaco (Fig. 01) e sua presença é prevalente em vários contextos sociais.

Até a década de 80, a indústria nacional era estatal, sob o controle da Tekel e, após o processo de abertura e privatização, temos hoje o domínio industrial das empresas multinacionais. O processo de privatização e abertura internacional produziu a ruptura parcial da cadeia produtiva nacional; este processo foi acompanhado por aumento da força importadora do tabaco, mas não dos produtos acabados para consumo, que continuaram sendo produzidos localmente.

Figura 01 – Evolução da proporção de fumantes na Turquia entre 2010 e 2022



TÜİK Türkiye Health Survey, 2022

## Comércio

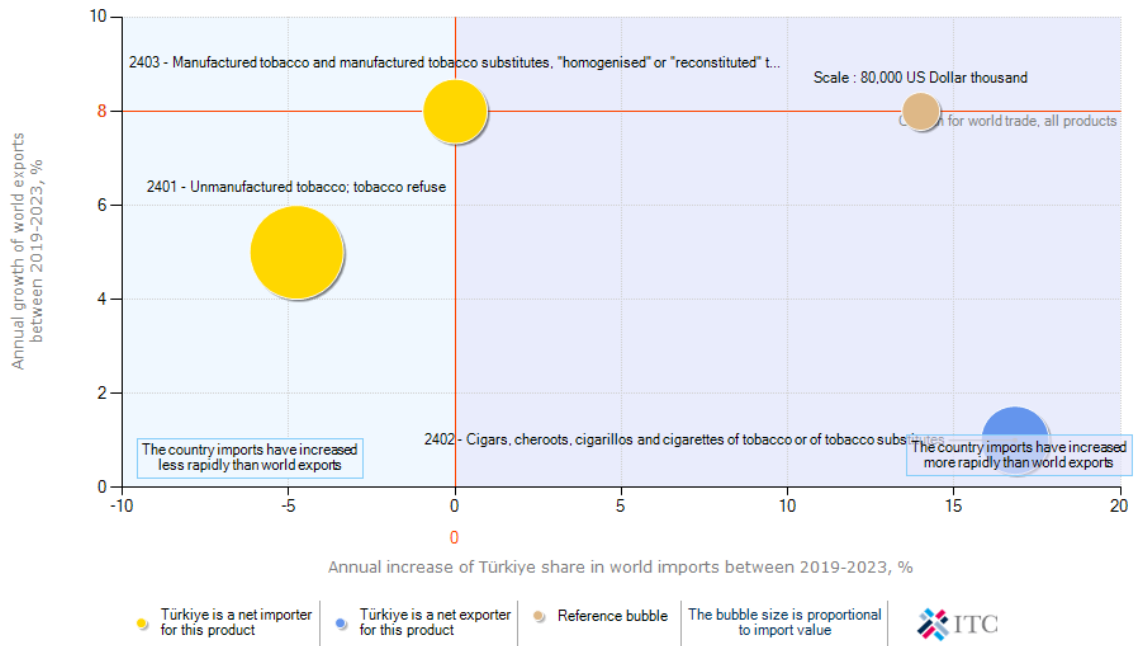
A produção e o comércio internacional do tabaco na Turquia são agora mais dinâmicos. Suas exportações de produtos prontos se equilibram com as importações de tabaco não manufaturado e manufaturado, mas a análise destes dados mostra o interesse nacional em adquirir tabaco de diferentes variedades e regiões do globo. A Turquia é o maior produtor do tabaco oriental aromático, um dos vetores de sua força exportadora.

O comércio internacional turco, segundo o capítulo 24 do sistema harmonizado de produtos, confirma a vocação importadora turca para o tabaco e exportadora para produtos acabados



contendo o tabaco (Fig. 02). Note-se que o crescimento das importações no período de 2019 a 2023 superam o crescimento modesto das exportações de produtos prontos.

Figura 02 – Crescimento da demanda de importação de tabaco e produtos do tabaco no período de 2019 a 2023



## ITC, 2025

O Brasil é o maior exportador de tabaco não manufaturado para a Turquia, em especial por sua competitividade. Entretanto, nota-se diminuição no *share* de mercado nos anos recentes, de 31% em 2019 para 22% em 2023. A Turquia teve pelo menos 25 países parceiros comerciais exportadores nos últimos 5 anos, incluindo novos entrantes como o Paquistão.

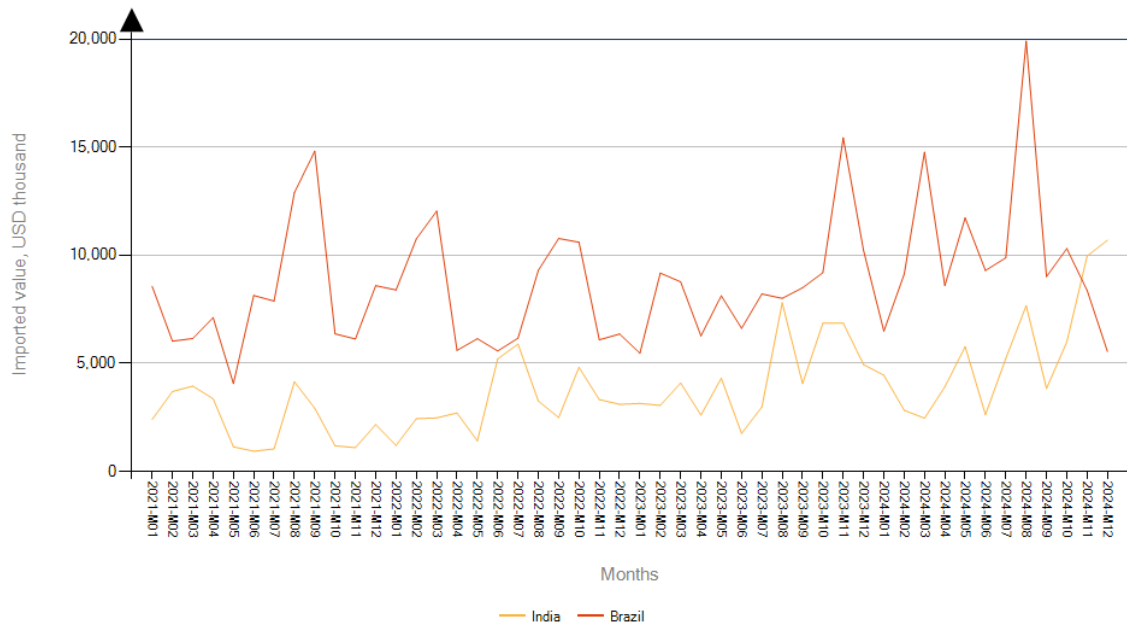
## Perspectivas

As medidas de controle do fumo adotadas pelas autoridades sanitárias não têm impactado o tamanho do público fumante no país. A demanda de importação deve permanecer estável nos próximos anos.

O mercado está em franca disputa por fornecedores de diversas origens, sendo os principais concorrentes no produto não manufaturado a Índia (Fig. 03). Note-se que no mês de dezembro de 2024, pela primeira vez na série histórica mensal, a Índia exportou mais que o Brasil.

Figura 03 – Importação de tabaco não manufaturado pela Turquia, série mensal Jan/2021 a dez/2024





184

A comercialização da excelente safra 2024/2025 no sul do Brasil deve avançar neste mês, com valores internacionais altos, mas é importante o devido planejamento e acompanhar a produção dos principais concorrentes. A diversidade do tabaco brasileiro também deve, sempre que possível, ser explorada como elemento de diferenciação de produto.

## UNIÃO EUROPEIA



185

### PRÓXIMOS PASSOS E IMPACTOS NO COMÉRCIO BRASILEIRO

**Número:** BRU-03-2025

**Data:** 12/02/2025

**Posto:** Bruxelas/Bélgica-UE

**Palavras-chave:** mercosul; união europeia; acordo comercial; tarifas; importação; exportação; competitividade

**Responsável:** Glauco Bertoldo

**SUMÁRIO:** O acordo Mercosul-UE, recentemente assinado, visa liberalizar o comércio entre os dois blocos, eliminando tarifas para a maioria dos produtos em até 10 anos. Para entrar em vigor, o acordo precisa ser revisado, traduzido e ratificado pelo Parlamento e Conselho Europeu, podendo ter sua aplicação iniciada de forma provisória ou plena, a depender da estratégia adotada. Embora a UE seja um importante destino para produtos brasileiros como farelo de soja, café, suco de laranja e fumo, o acordo apresenta um cenário misto para o Brasil. Enquanto alguns produtos já possuem tarifa zero ou enfrentam cotas limitadas, outros poderão se beneficiar da desgravação tarifária, tornando o Brasil mais competitivo no mercado europeu. O acordo é crucial para manter e expandir mercados já consolidados, além de posicionar o Brasil de forma mais vantajosa em futuras negociações.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



Recentemente foi assinado o acordo Mercosul-UE. Os próximos passos, no âmbito da UE, para que o acordo entre em vigor são a revisão legal do texto, a tradução para os idiomas oficiais da UE e a posterior ratificação pelo Parlamento e pelo Conselho Europeu, após proposta da Comissão.

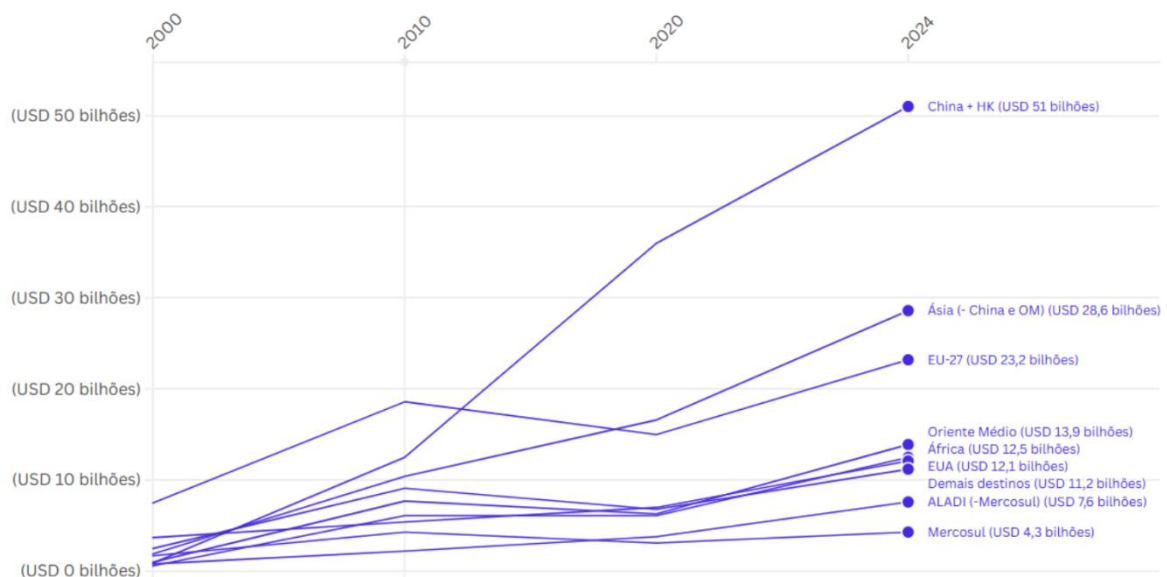
Para aprovação no Parlamento é necessária a maioria simples dos eurodeputados presentes na votação. Já para a aprovação no Conselho, são necessários 55% dos países, e que estes correspondam a no mínimo 65% da população do bloco.

O acordo também pode seguir duas vias para a entrada plena em vigor após a ratificação pelas duas casas. A primeira consistiria em um acordo provisório, que seria adotado e colocado em vigor após a ratificação e que englobaria as questões de competência exclusiva da UE, como o pacote tarifário, por exemplo. Neste cenário, o texto do acordo entraria em vigor apenas somente a aprovação dos parlamentos dos 27 Estados-Membros da UE.

Já a segunda opção seria a entrada em vigor de todos os efeitos do acordo somente após a aprovação de todos dos parlamentos. A decisão da estratégia a ser adotada acontecerá durante o processo de ratificação do acordo.

No cenário mundial, o Brasil viu nas últimas décadas suas exportações do agro crescerem para a Ásia, especialmente em direção à China.

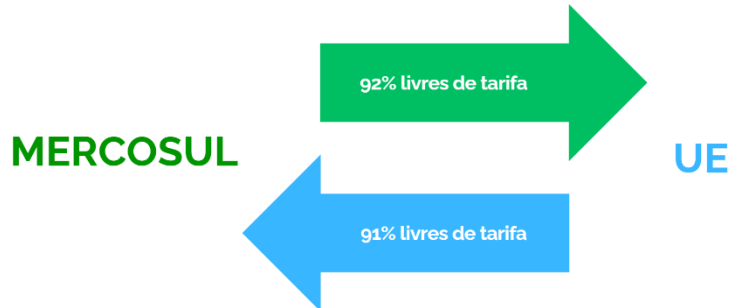
Figura 01. Evolução das exportações brasileiras



Fonte: Agrostat MAPA

Quando entrar em vigência, o acordo proporcionará a liberação de tarifas da grande maioria dos produtos comercializados entre os blocos, seja imediatamente ou dentro de um prazo de 10 anos.

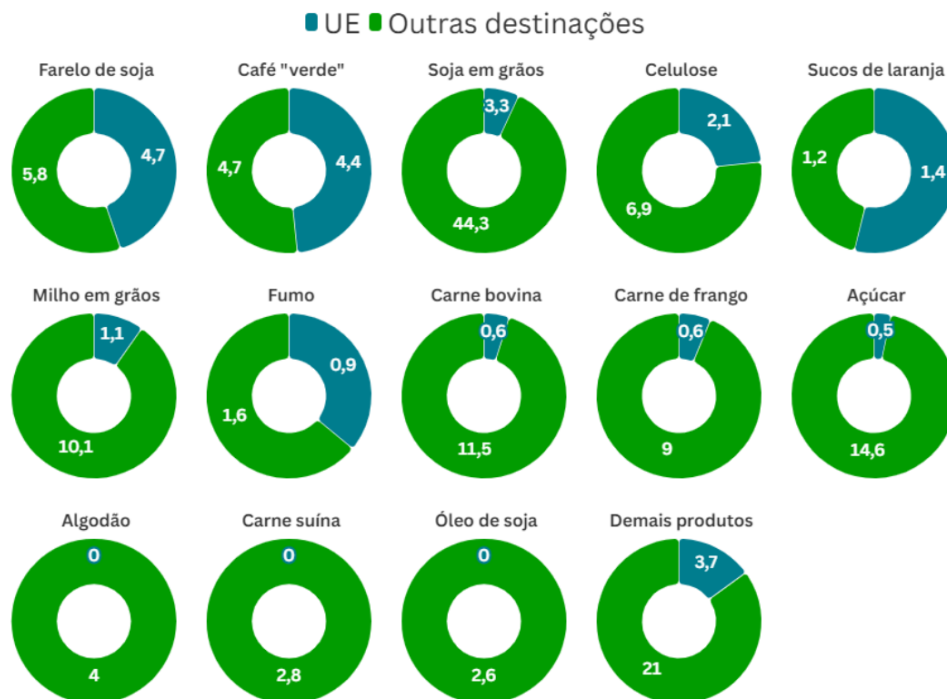
Figura 02. Desgravação tarifária do acordo Mercosul-UE



Fonte: elaborada pelo autor

Dentre os produtos mais produzidos no Brasil, temos a UE como a principal destino para o farelo de soja, café verde, suco de laranja e fumo.

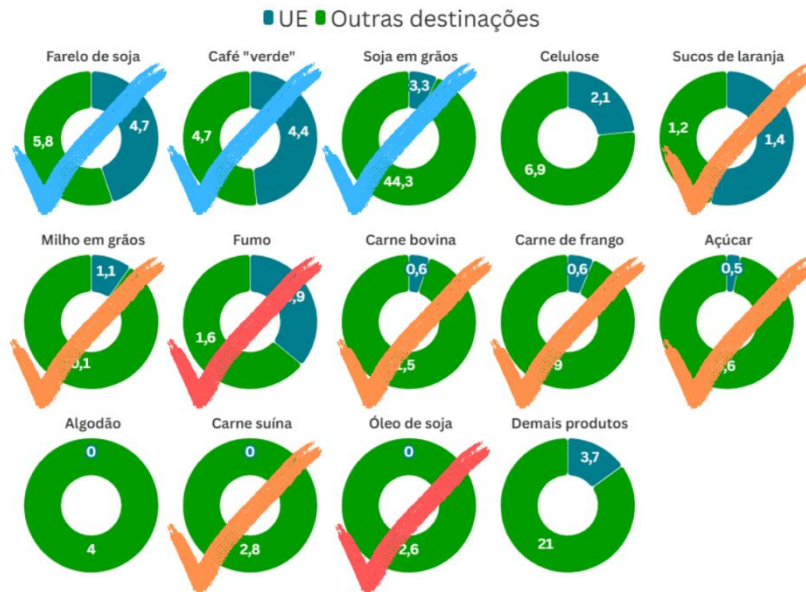
Figura 03. Exportações brasileiras (em bilhões de dólares) – Agrostat MAPA



Fonte: elaborada pelo autor

Porém, quando analisamos cenários futuros com a vigência do acordo, nos deparamos com os seguintes fatos:

Figura 04. Exportações brasileiras (tarifas e cotas)



Fonte: elaborada pelo autor

- Tarifa atual 0%
- Tarifa limitada por cotas
- Desgravação 4 a 7 anos

- Para o farelo de soja, soja em grão e café verde, o Brasil já possui tarifa zero para acesso ao mercado europeu, não existindo nenhum benefício tarifário para estes produtos com o advento do acordo;
- No caso de produtos em que somos extremamente competitivos como suco de laranja, milho em grãos, carne bovina, carne de frango, carne suína e açúcar, existem cotas para limitar o acesso; e
- Para óleo de soja e fumo, o Brasil poderá usufruir de desgravação de 4 a 7 anos.

Contudo, o acordo é importante para a manutenção e ampliação dos mercados já consolidados pelo Brasil na UE, trazendo o nosso país para uma posição mais favorável em negociações futuras.

Importante também ressaltar que o acordo, principalmente a desgravação tarifária, vai tornar o Brasil mais competitivo junto a outros fornecedores para o mercado da UE. A título de exemplo, cito o caso das frutas frescas em que o Brasil possui um grande mercado ainda a ser conquistado. O acordo posicionará o país na mesma posição de concorrentes/fornecedores tradicionais de frutas da UE, igualando, na maioria dos casos, as tarifas praticadas por boa parte dos países latino-americanos e africanos. O detalhamento destas oportunidades serão objeto de novos informativos.

Referências: Agrostat/MAPA, MRE e Comissão Europeia.



## VIETNÃ



189

### O FUTURO DOS BIOCOMBUSTÍVEIS NO VIETNÃ: DIRETIVA Nº 16 DO MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO (MOIT)

**Número:** HANOI-03-2025

**Data:** 15/02/2025

**Posto:** Hanói/Vietnã

**Palavras-chave:** Vietnã; etanol; diretiva nº16 do MOIT

**Responsável:** Juliano Vieira

**SUMÁRIO:** Desde 2007, diversas políticas têm sido implementadas para incentivar o uso do etanol no Vietnã. No entanto, a adoção desse biocombustível ainda enfrenta desafios, como a desconfiança dos consumidores e a falta de competitividade em relação à gasolina comum. Para impulsionar essa transição, o Ministério da Indústria e Comércio (MOIT) emitiu, em dezembro de 2024, a Diretiva 16, com o intuito de definir medidas estratégicas, incluindo ajustes de preço, cronograma para a ampliação da mistura de etanol e campanhas de conscientização sobre seus benefícios.

ESTE DOCUMENTO CONTÉM INFORMAÇÕES E ANÁLISES PRODUZIDAS POR SERVIDOR (A) DO MAPA QUE NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM AS POSIÇÕES OFICIAIS DO GOVERNO DO BRASIL



O Vietnã apresenta uma demanda crescente por combustíveis devido ao aumento de sua frota de veículos e ao desenvolvimento constante de sua economia. O consumo de gasolina tem aumentado entre 4% e 5% ao ano, acompanhando o crescimento do PIB. No entanto, a adoção do etanol como biocombustível tem encontrado desafios, apesar dos esforços regulatórios do governo vietnamita.

Desde 2007, foram implementadas políticas para incentivar o uso de etanol, culminando na obrigação do uso da gasolina E5 (mistura com 5% de etanol) a partir de 2018. No entanto, a implementação desse limite tem sido limitada por uma combinação de fatores, como desconfiança dos consumidores, baixa diferença de preço em relação à gasolina comum e dúvidas sobre os impactos nos motores.

O Vietnã importa grande parte de seus combustíveis dos Estados Unidos e Coréia do Sul. Desde 2020, o governo vietnamita tem determinado, gradativamente, reduções nas linhas tarifárias para importação de etanol com o intuito de reduzir o preço de biocombustíveis, conforme pode ser observado na tabela abaixo:

**Tabela 1: Decretos estabelecendo reduções tarifárias para importação de etanol no Vietnã**

Código SH	Decretos 122/2016 e 125/2017 - Tarifa de importação aplicada à NMF até 09 de julho de 2020	Decreto 57/2020 - Tarifa de importação aplicada à NMF a partir de 10 de julho de 2020	Decreto 26/2023 - Tarifa de importação aplicada à NMF a partir de 15 de julho de 2023
2207.20.11	17%	15%	10%
2207.20.19	20%	15%	10%

Apesar do Vietnã ainda não ter implementado completamente a mistura de etanol em todas as províncias, o governo vem buscando alternativas para superar os desafios. Em dezembro de 2024, o Ministro da Indústria e Comércio do Vietnã (MOIT) emitiu a Diretiva 16 para acelerar a adoção de biocombustíveis no país. Essa diretriz orienta os departamentos do MOIT, os escritórios das províncias, a indústria de combustíveis e produtores de etanol a adotarem medidas específicas para promover a gasolina misturada com bioetanol (E5 RON92).

Dentre as principais ações previstas, consta que o Departamento de Mercado Interno (MOIT) colaborará com o Ministério das Finanças e outras agências para estabelecer um mecanismo de precificação que torne os combustíveis misturados com bioetanol competitivos em relação à gasolina comum. Também está prevista a revisão para implementação da normativa que define o cronograma para a mistura de bioetanol com combustíveis fósseis no país e ações para conscientizar a população sobre os benefícios do uso de etanol.



# AGROINSIGHT

Informações de mercado no agro global

Ministério da Agricultura e Pecuária  
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

O governo brasileiro, em parceria com a União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia (UNICA) e outras entidades privadas do Brasil e do Vietnã, tem promovido iniciativas para compartilhar experiências sobre a produção de biocombustíveis. Em abril de 2024, foi realizado em Hanói o seminário *Ethanol Talks*, seguido de rodadas de encontros entre empresários brasileiros e vietnamitas.

Essas ações, aliadas aos esforços do governo vietnamita para estabelecer um novo cronograma de mistura de bioetanol aos combustíveis fósseis e tornar o etanol mais competitivo para o consumidor local, podem gerar ainda mais oportunidades para os exportadores brasileiros de biocombustíveis, bem como de máquinas e equipamentos voltados ao desenvolvimento da indústria local. No entanto, é necessário acompanhar os desdobramentos da Decisão 16 e sua efetiva aplicabilidade no mercado vietnamita para avaliar futuros impactos no setor.



191



MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA  
E PECUÁRIA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO